

SELO TESES E DISSERTAÇÕES

JOSÉ OLIVENOR SOUZA CHAVES

ATRA VESSANDO  
**SERTÕES**

*Memórias de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE*

## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

### **REITOR**

José Jackson Coelho Sampaio

### **VICE-REITOR**

Hidelbrando dos Santos Soares

### **EDITORA DA UECE**

Erasmus Miessa Ruiz

### **CONSELHO EDITORIAL**

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Ângelo da Rocha Fragozo	Manfredo Ramos
Francisco Horácio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco Josênio Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduina Farias Almeida da Costa	Silvia Maria Nóbrega-Therrien

### **CONSELHO CONSULTIVO**

Antônio Torres Montenegro   UFPE	Maria do Socorro Silva Aragão   UFC
Eliane P. Zamith Brito   FGV	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça   UNIFOR
Homero Santiago   USP	Pierre Salama   Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves   USP	Romeu Gomes   FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto   UFF	Túlio Batista Franco   UFF

SELO TESES E DISSERTAÇÕES

JOSÉ OLIVENOR SOUZA CHAVES

ATRA VESSANDO  
**SERTÕES**

*Memórias de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE*

1ª Edição

Fortaleza - CE

2017

Ed  
UECE

**ATRAVESSANDO SERTÕES**  
*Memórias de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE*  
© 2017 Copyright by José Olivenor Souza Chaves

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE  
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará  
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893  
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



**Coordenação Editorial**

Erasmio Miessa Ruiz

**Diagramação e Capa**

Narcelio Lopes

**Revisão de Texto**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Remígio

**Ficha Catalográfica**

Meirilane Santos de Morais – CRB - 3/785

---

A882      Atravessando sertões [livroeletrônico]: memória de velhas e velhos camponeses do baixo Jaguaribe – CE/José Olivenor Sousa Chaves (Organiza-dor). – Fortaleza, CE: EdUECE, 2017.  
237 p.  
ISBN: :978-85-7826-494-9

1. História do Ceará. I. Chaves, José Olivenor Souza.

CDD: 981.31

---

## PREFÁCIO

### Entre Estios, Estivas e Estimias

Podemos dizer que o livro de José Olivenor Souza Chaves, *Atravessando Sertões: memórias de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE*, trata de travessias, de trajetórias, de trajetos e de afetos. Livro que trata das inúmeras travessias que camponeses cearenses, velhos e velhas moradoras do vale do rio Jaguaribe, empreenderam durante suas vidas. Trata das trajetórias que descreveram, andando e narrando, fugindo e falando, pelos e dos sertões. Livro que trata dos trajetos percorridos por mulheres e homens quando secas e enchentes vieram ditar destinos e vieram - desde quando meninas e meninos -, empurrá-los para os caminhos, para as estradas, para as veredas, para novas terras, em busca de sustento, de alimento, de trabalho, encontrando pelas estradas, nas fazendas, nos sítios, nas obras contra as secas, nas cidades e vilas, alegrias e sofrimentos. Mas, também, este é um livro de História e de histórias atravessadas pelo afeto. Afeto dos camponeses pelo sertão, pelo rio, pela lua, pelas estrelas, pelos roçados, pelos bichos, por suas casas, pelo terreiro, pela rede, pelas flores, por um pôr-do-sol ou por um canto de pássaro. Afetos que têm como efeito a múltipla produção de sentidos para esta palavra e para o estar e o ser do e no sertão. Afeto do historiador, do pesquisador por seus entrevistados, pelas memórias daqueles sertanejos que, no outono da existência, após completarem tantas primaveras, pararam algumas horas, sentados em bancos ou tamboretas, deitados na rede, embaixo da árvore no terreiro ou nas salas de visita, após tomarem banho e se colocarem a melhor roupa que tinham, para falar sobre invernos e verões.

Mas também podemos dizer que o texto da tese em História apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, com a qual Olivenor se tornou, com mérito e merecimento, um legítimo e legitimado historiador, texto que deu origem a este livro, nasceu sob o signo da surpresa, do inesperado, da fartura e da bonança. Um trabalho que originalmente trataria das memórias dos camponeses sobre os períodos de seca no sertão, que, se pressupunha, traria para o campo da história personagens e vozes marcadas pela tristeza, pela tragédia, pelo sofrimento, pela dor, pelo desengano e pelo desencanto, surpreende pelo tanto de alegria, de comédia, de felicidade, de gozo, de encanto e de esperança que atravessam as falas dos entrevistados e suas representações sobre o sertão, sobre suas vidas, sobre os próprios períodos de estiagem. Um dos grandes méritos deste livro, um dos aspectos que dá ineditismo e originalidade a este texto e que o faz referência e leitura obrigatória na historiografia sobre as secas, é o efeito de contradiscurso que ele exerce em relação ao discurso da seca. Os camponeses que falam neste texto, o autor deste livro, fogem dos estereótipos mais arraigados nos discursos acadêmicos e não acadêmicos sobre as secas. Aqui não se vai ler o discurso do coitado, do pobre, do pouco, do pequeno, o discurso choramingas, o discurso pedinte e pedante das elites ditas nordestinas ou ditas sertanejas, que há muito se locupletam a custas do discurso da seca. Este livro escapa do discurso já esperado quando se trata de falar do sertão, do sertanejo e da seca, quando se trata de contar sobre os camponeses, sobre os migrantes, sobre os trabalhadores, os agricultores ou os pequenos proprietários rurais do Ceará ou do Nordeste. Aqui não há alimento para o discurso interessado e interesseiro da cearencidade, que olham com condescendência para o homem

do campo e nele veem o passado, a memória e a tradição, discursos nascidos nas cidades cearenses, nas elites urbanas e ditas modernas, discursos sobre a pretensa unidade e identidade cearense, ancorada no sertão, naquilo que seria seu povo e sua cultura. Aqui, camponeses e autor produzem novas narrativas, novas abordagens, novas maneiras de ver e dizer o sertão, o sertanejo, a seca e o inverno, os trabalhos árduos e estafantes feitos para viver e sobreviver, faça chuva ou faça sol, o rio seque ou encha, por homens e mulheres que vivem e amam do e o pouco que têm.

Um trabalho que deveria ouvir narrativas sobre os períodos de estiagem no sertão, teve sua etapa de pesquisa realizada sob um dos mais generosos períodos de chuvas dos últimos anos, na região do vale do Jaguaribe. Nosso historiador citadino, historiador das oralidades, munido de seu aparato de pesquisa: uma motocicleta, um gravador, uma máquina de fotografar, uma bolsa de couro a tiracolo, com a inseparável caderneta de campo, um chapéu de couro, botas e roupa “apropriada para pesquisa”, saiu percorrendo os sertões do Jaguaribe em busca de velhas e velhos camponeses para ouvir seus relatos sobre os períodos de estio. No entanto, quase como se a profecia se realizasse, viu o sertão virar mar. Ele que fizera várias incursões e contatos preliminares com seus prováveis entrevistados, tratando de realizar a obra recomendada por todo manual de história oral, ou seja, a construção de pontes, o estabelecimento de comunicações, de entendimentos, de certa familiaridade prévia com os entrevistados, se vê literalmente com quase todos os acessos às terras e casas de seus sujeitos de pesquisa interditados pela subida das águas do rio. Certa noite, voltando de um dia proveitoso de conversas com seus narradores, flutuando de alegria e encantamento com a sabe-

doria que vazava de tudo aquilo que ouvira, ao tentar atravessar uma estiva, construção de areia e pedras, que serve para os veículos cruzarem o leito do Jaguaribe, estiva que atravessara pela manhã ainda no seco, subestima a profundidade da lâmina d'água que se acumulara durante o dia de chuva e de conversas e quase vê afundar não só todo o seu aparato técnico de pesquisa, mas seus próprios sonhos de levar para o papel, de colocar por escrito, como se faz com toda história oral, aqueles depoimentos que o mergulharam em tanta emoção e tanta admiração por aqueles homens e mulheres aparentemente tão rastos de sabedoria e de ciência, mas, tal como se revelava agora o velho Jaguaribe, rio de descontinuidades e intermitências, de velocidades e de paralisias, de correntes e de apoçamentos, de inconstâncias e rompantes, se revelavam ao falar, ao contarem suas vidas, seus caminhos e descaminhos, tão profundos, tão generosos.

Podemos dizer, portanto, que as memórias que foram trabalhadas neste livro, que as versões sobre o sertão, sobre a seca e o inverno que aqui comparecem, são resultados de uma colheita feita em momento de fartura e de bonança. Talvez esta ambiência, este contexto em que foram produzidas, tenha permitido aflorar, tenha permitido brotar estas imagens outras, dissonantes, distintas, das imagens clichê e estereotipadas que se repetem como um ramerrão quando se trata da produção cultural, artística, literária e acadêmica sobre a temática da seca, do sertão, do Ceará e do Nordeste. Aqui os camponeses falam dos risos, dos amores, das festas ocorridas nos anos de estio, das saudades que sentem, para surpresa de muitos, da camaradagem, das sociabilidades e das solidariedades em épocas de dificuldades como os períodos de seca. Tristezas, dramas, dores, perdas, ausências, exploração, morte, fome, doenças,



desespero também comparecem nestas memórias, mas sempre atravessadas, misturadas, mestiçadas, entrançadas com alegrias, farras, ganhos, presenças, lucros, vidas, alimentos, vigores, saúdes, cantos, contos e poesias. Este livro testemunha que, mesmo em vidas de pobreza, a riqueza de sabedoria é possível. Mesmo em memórias de penúria, a fartura de experiências e de vivências do humano pode ser colhida.

Assim como as vidas de que trata, assim como as trajetórias e trajetos que descreve e analisa, este livro nasceu também de errâncias e dificuldades. O envolvimento afetivo e emocional do pesquisador com os seus entrevistados, que a ciência positivista tanto condena, o fascínio que as narrativas causaram ao historiador, tornaram-se uma dificuldade no momento em que as memórias tiveram que ser submetidas ao crivo da análise e da interpretação feitas pela História. Entrevistando mulheres e homens de respeito, querendo ser respeitoso com as falas de seus narradores, Olivenor teve dificuldade em exercer o papel de historiador, pois se negava a violar as memórias de seus personagens, submetendo-as à lâmina da crítica e à violência da interpretação. Na ânsia de dar voz aos outros, de dar voz aos de baixo, de dar voz aos vencidos, de deixar falar os esquecidos e silenciados, Olivenor resistiu a admitir que, na historiografia, apenas uma voz se faz ouvir e dirige as outras vozes que para seu interior são convocadas, que aí vêm exercer o papel que a elas é atribuído pelo outro: a voz do historiador. Este texto nasceu, pois, de outra dolorosa travessia, experimentada pelo aprendiz de historiador, travessia em busca do conhecimento das regras que presidem a produção do saber histórico, em nossa sociedade e em nosso tempo. Sendo uma pessoa afetiva e generosa, um pesquisador inteligente, arguto, atento e apaixonado, sendo a confirmação do dito popular que

diz ser nos pequenos frascos que se encontram os melhores perfumes, José Olivenor não só se deixou afetar pelos sujeitos de sua pesquisa, como afetou a todos, estabelecendo laços de muita amizade, afeto e admiração mútua com aqueles com quem conviveu. O menino da moto, vindo da cidade, o rapazinho do gravador, o meigo e pequeno ser tirador de retratos e disposto a escutar, por dias a fio, as histórias que julgavam não interessar a ninguém e não terem a menor importância, o mocinho que lhes prometia dar existência na história, registrar para a posteridade seus ditos e feitos, tornou-se um filho pródigo, um dos muitos filhos ausentes, espalhados pelo Brasil, tentando fazer na cidade trajetórias distintas e distantes da que seus pais, agora anciões, fizeram. Nasceu entre o pesquisador e os pesquisados tal afeto, que quase afeta a possibilidade de que ele tivesse a capacidade de olhar criticamente, de se afastar destas memórias, de colocá-las na condição de objeto para a análise. Olivenor experienciou a dor da separação, a violência da quase traição que é preciso fazer para transformar as memórias em história. Assim como seus personagens, homens e mulheres que trataram a vida toda de resistir às agruras, à aridez de suas terras e de suas vidas, que trataram de cultivar flores e plantas, que trataram de cuidar da vida em meios tidos como hostis, Olivenor resistiu a ocupar o lugar de sujeito historiador com suas exigências, suas regras e suas amarras, queria apenas repetir o que ouvira, copiar o que gravara, homenageando assim aqueles homens e mulheres que, diante dele, ganharam estatura de sábios, se agigantaram, queria monumentalizar aquelas falas, fazer de seu texto um pedestal para os relatos que colhera. Nessa travessia dos rios do tempo, buscando construir, em meio a correntezas e torvelinhos, a estiva que ligasse o passado e o presente daqueles sujeitos, tarefa e trabalho do histo-

riador, Olivenor teve que fazer a aprendizagem, que generosa e carinhosamente agora põe à disposição de cada leitor, de que a história não pode ser mera reprodução dos relatos vindos ou sobre o passado, mas ela é trabalho paciente de desmontagem e remontagem desses relatos, desenredando-os, desconstruindo-os, para construir novos enredos, novas construções mediante o uso de conceitos; que a história não é a monumentalização de pessoas e coisas do passado, mas implica a desmontagem à marteladas destes monumentos, fazendo-os retornar ao pó, para permitirem novo trabalho de escultura metodologicamente e metodicamente orientado. Trabalho que nasceu do errar, do deslocar-se, do mover-se no tempo, no espaço e no pensamento. Trabalho de muitos acertos sobre homens e mulheres errantes, escrito e conquistado, apesar e com todos os erros, por um historiador que com eles aprendeu que nem sempre o melhor é o que se diz estar certo, ser acertado.

Recomendo, pois, fortemente, que você, leitor, faça também a travessia por este livro de José Olivenor Souza Chaves, que divide com ele os resultados de um trajeto de pesquisa e das caminhadas que realizou na vida e nos sertões cearenses. Este é um livro que podemos dizer atravessado, tal como esta palavra significa nos sertões de que trata, livro enxerido, que, no entanto, se mete onde é chamado. Livro que toma a frente do discurso repetitivo sobre o sertão, que corta seu caminho tão percorrido e discorrido, para colocar novas formulações, novas imagens, surpreendentes e inesperadas. O discurso tradicional sobre o sertão aqui atravessa, no sentido musical da palavra, aparece desentoadado, misturado, mestiçado por outras vozes discordantes. Esse é um livro atravessado, também no sentido de que ele se coloca no meio do caminho, de que ele tende sempre a ver relações, a estabelecer conexões, a ligar o

que normalmente aparece polarizado e separado nos discursos sobre o sertão nordestino: alegria e tristeza, seca e cheia, dor e amor, saudade e maldade, exploração e satisfação, desejo e desespero, esperança e desconsolo, consciência e alienação, beleza e feiura, sabedoria e ignorância, rusticidade e fineza, infância e velhice, adulez e inocência, riso e lágrima, morte e vida, penúria e satisfação, miséria e riqueza, abundância e carência, casa e terreiro, rio e mar, céu e terra, paraíso e inferno, estio e inverno. Ele é um livro que se coloca sempre entre, nos interstícios, nas frestas, ele é um livro que lança pontes entre o que tende sempre a ser visto e dito como separados e distantes. Ele é um livro que também supera o que separa afeto e ciência, subjetividade e conhecimento, paixão e razão, arte e análise, interpretação e intimidade, crítica e estima, amizade, amor, admiração e rigor acadêmico. Esse é um livro atravessado e travesso, nascido entre o estio, a estiva e a estima.

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

# SUMÁRIO

Introdução	
Sertão Estriado .....	15

## **Primeira Parte**

Primeira Parada	
Espreitando o céu e a terra: a relação do camponês com o mundo natural .....	30

Segunda Parada	
Pelos cercados do trabalho agrícola.....	52

Terceira Parada	
Nas casas de farinha, na prensa da cera da carnaúba, nos serões de trança .....	75

Quarta Parada	
Vaqueiros e comboieiros, por entre as picadas e veredas de roça	88

Quinta Parada	
Nas caçadas, por entre matos de várzeas e caatingas .....	97

Sexta Parada	
Nas pescarias de rios, açudes, poços e lagoas .....	119

Sétima Parada	
Nas festas de padroeiros, casamentos e nos sambas.....	127

## **Segunda Parte**

Primeira Parada	
Sertão das Secas .....	146
Segunda Parada	
Sertão das Enchentes.....	180
Terceira Parada	
Sertão das doenças.....	203
Considerações finais	
Entre lembranças e saudades .....	221
Fontes e Bibliografia.....	223

## INTRODUÇÃO

### Sertão Estriado

Quem faz a história da vida,  
com ela rompeu as entranhas do chão.  
Quem quer saber do que está escondido,  
procura no fundo dos olhos do povo  
e dentro do seu coração

Ednardo<sup>1</sup>

Desde o final do século XIX, o sertão nordestino tem sido classificado e escriturado, a partir de diversos interesses políticos, como sendo a representação naturalizada da seca, da fome, da miséria, do atraso econômico.

Ivone Cordeiro Barbosa, sem pretender fazer de sua tese de doutorado em História uma “crítica literária”, procurou compor, a partir dos literatos do último quartel do século XIX, uma história social do sertão cearense. Ao enfatizar a seca como elemento catalisador da vida social do sertão, a literatura, segundo a autora, contribuiu para a cristalização da imagem do Ceará “trágico e doente”, expressa, também, na ambiguidade do “morrendo e resistindo” (BARBOSA, 2004).

Ao identificar, na produção literária, as percepções, os raciocínios e sentimentos que a sociedade brasileira elaborou sobre o sertão do Ceará, Ivone Barbosa percebeu que, agenciada a essa estrutura de sentimentos, construía-se uma memória da seca como sendo a memória do sertão:

---

1 Ednardo, em “Pastora do Tempo”, LP **O Azul e o Encarnado**, RCA, 1977. CD - BMG Brasil, 2001.

O que também tentei demonstrar é que a experiência dolorosa e a imagem drástica da seca subsumiu as imagens dos tempos ‘normais’ do sertão - do tempo do cultivo, da colheita, das festas e ritualizações sociais -, empobrecendo a experiência social sertaneja no Ceará, esvaziando-a da sua historicidade. Para as estruturas de sentimentos sertanejas a esperança e vivência no inverno, pelas conseqüências que traz - permitindo a sobrevivência no sertão -, pode ser tão importante quanto às [sic] conseqüências decorrentes da seca com o corolário de misérias que acarreta. O que pretendi foi resgatar e valorizar, também, esses aspectos da vida cotidiana, como centrais para a construção das estruturas de sentimentos e das sensibilidades referidas à vida sertaneja. (BARBOSA, 2004, p. 204-5)

Ao utilizar determinados mecanismos e recursos linguísticos para enfatizar o caráter pobre, miserável e faminto do sertão da seca, os literatos do século XIX já revelavam seu contraponto, o sertão dos invernos, com “os bois gordos, os cavalos roliços, a população farta, e as árvores frondosas e centenárias.” (BARBOSA, 2004, p. 192).

Essa própria tensão, veiculada pela produção literária, revela que as experiências sertanejas não podem ser concebidas dentro de uma linearidade temporal marcada pela presença constante da seca, haja vista o sertão ser um lugar-incomum (BARBOSA, 2004).



Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1988), ao estudar a vasta bibliografia sobre a seca, compreendeu-a como fato histórico e social, cujas imagens e significações variam ao longo do tempo e conforme o contexto social. Para o referido autor,<sup>2</sup> o conjunto da produção discursiva sobre a seca pode ser dividida em três momentos distintos:

Um primeiro onde predominam as obras de autoria de intelectuais ligados às oligarquias nordestinas, quase sempre memórias, em que se procura dentro de uma visão positivista, factualista e cronológica, arrolar todas as secas passadas, discutir suas causas e soluções. Num segundo momento predominam obras de matriz tecnicista, cujos autores são quase sempre técnicos ligados ou não às oligarquias da região e que abordam o problema do ponto de vista estritamente técnico, limitando-se à discussão das causas do fenômeno e proposta de soluções. Num terceiro momento surge um grupo de autores que possuem uma visão mais globalizante ou crítica acerca do problema, percebendo-o não apenas como simples fenômeno natural, mas pensando-o como um fenômeno com implicações sócio-econômicas e que apenas agrava distorções presentes nesta estrutura social. (ALBUQUERQUE JR., 1988, p. 01)

---

2 Durval Muniz é autor de uma vasta e inovadora produção historiográfica sobre o Nordeste, na qual, de maneira fecunda, variadas temáticas se entrecruzam a partir da relação entre história, espaço, identidade regional e gênero. Ver algumas indicações na parte final deste trabalho, no item referências bibliográficas.

Ao analisar os vários discursos historicamente produzidos sobre a seca, objetivando perceber o momento de inflexão para uma nova abordagem que a transformaria em problema regional e nacional, Durval Muniz (1988) buscou compreender como esse discurso foi transformado em uma arma estratégica, utilizada como argumento para a defesa dos interesses dos diferentes agentes sociais da região, nos entrecosques das lutas e conflitos sociais.

Para Durval Muniz (1988), a formação do discurso que transformou a seca em um problema regional e nacional teve origem no ano de 1877. Já no século XX, precisamente no governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), o referido discurso teve, por assim dizer, seu momento de glória, haja vista as vitórias no plano nacional, traduzidas não apenas na repercussão que a seca teve em nível nacional, mas, sobretudo, pelo volumoso capital de recursos e benefícios adquiridos para a região e suas elites.

Depois de inferir o surgimento desse novo discurso sobre a seca, agenciado a partir dos mais variados enunciados e elementos discursivos, Durval Muniz (1988) compreendeu que o fenômeno da seca estava associado a uma série de outras questões de natureza econômica (trabalho), social (modernização) e política (controle social), as quais refletiam as preocupações que o momento histórico colocava para a sociedade brasileira.

Sem o propósito de seguir qualquer itinerário revisionista, gostaria de ressaltar que, sobretudo a partir de meados da década de 1990, a historiografia cearense tem provocado uma série de reflexões acerca do sertão do Ceará, diferenciando-se, fundamentalmente, das tradicionais leituras construídas acerca deste referente espacial.<sup>3</sup>

3 Os trabalhos de Frederico de Castro Neves - **A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará** - e de Ivone Cordeiro Barbosa - **SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literatura do século XIX** - compõem, notadamente, dois dos principais trabalhos dessa nova tradição de leituras sobre o sertão do Ceará. Ver

No curso dessa moderna historiografia, entre os anos de 1998 e 2000, pelos sertões do Baixo Jaguaribe, no Ceará, atravessei muitas veredas de roças, paisagens que me faziam inferir a relação homem/natureza, que me faziam imaginar diversos cenários de tramas, de dramas, de sonhos, de romances, de poesias, enfim, de venturas e desventuras.<sup>4</sup>

Para melhor conhecer o espaço sertão, precisei atravessar tanto o sertão de areia seca que, no dizer de Gilberto Freyre, chega a ranger debaixo dos pés, paisagens duras que chegam a doer nos olhos, quanto o sertão invernososo “do massapê, da argila, do humus gorduroso, cuja terra é pegajenta e melada” (FREYRE, 1989, p. 41-2).

Em uma das etapas da pesquisa de campo, no município de Jaguaruana, quando estava subindo a chapada do Apodi, a caminho da comunidade da Pacatanha, fui surpreendido por uma grande chuva que fez correr um rio de argila, obrigando-me a abandonar a motocicleta em que viajava, na companhia de um amigo, e caminhar o restante do percurso, atolando pés e pernas, justamente nesta terra “pegajenta e melada” de que falava Freyre. Ao atravessar esse sertão visguento, imagem antípoda do outro, de terra dura, de areia seca, percebi o quanto há de proximidade entre esse sertão e a zona da mata estudada por Freyre.

Noutra oportunidade, fui obrigado a atravessar os cento e vinte metros de comprimento da estiva<sup>5</sup> em um momento em que essa já se encontrava praticamente submersa pelas águas

---

outras importantes indicações nas referências bibliográficas.

4 Este livro é resultado de minha tese de doutoramento, apresentada em dezembro de 2002, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr. Convém esclarecer que a presente publicação não contempla todo o conteúdo original da tese. À exceção deste texto introdutório, cujo conteúdo foi acrescido de alguma outra reflexão, o restante do texto apenas sofreu ajustes estéticos, objetivando, com isso, tornar a narrativa mais fluida.

5 Construída apenas de areia e pedras, a estiva é uma espécie de estrada que faz a ligação entre as duas margens do rio Jaguaribe.

do rio Jaguaribe. Era noite e uma chuva fina tornava ainda mais difícil ver o chão de areia e pedra. Os faróis do carro apenas conseguiam focalizar as águas chocando-se com as pedras. O momento de maior apreensão foi quando um dos pneus caiu dentro de um buraco e o carro estancou. Nesse momento, acelerado ficou meu coração, enquanto minhas pernas pareciam imóveis de tão pesadas. Temia que o pneu ficasse cada vez mais preso nas pedras, principalmente quando fosse, novamente, colocar o carro em movimento. Felizmente isto não aconteceu. Movido por um receio indescritível, consegui guiá-lo, em primeira marcha, até a outra margem do rio.

Essas duas experiências, vividas no início de minha travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe, anunciaram, por assim dizer, o quanto a pesquisa de campo seria marcada pelo signo da surpresa, do inesperado. Além de um amante das cousas do sertão, eu era apenas um principiante, de robusta boa vontade, com olhos e coração bem abertos, contando, ainda, com um ouvido artificial, meu gravador. Assim, iniciei-me no trabalho de campo, metaforicamente traduzido pela ideia de uma prazerosa travessia.<sup>6</sup>

Minha primeira parada, na casa do Sr. Antônio Eugênio da Silva, fez-me ver o quanto minhas ideias deveriam, também, estar em movimento, pois ali, em um circunscrito pedaço de sertão, naquele primeiro contato com os muitos tempos da memória, vários outros sertões me foram apresentados em frases alinhadas por expressivos sentimentos, explanados na entonação da voz, nos traços da face e nos gestos daquele homem cheio de vigor físico, apesar de ser, como ele mesmo dissera, “mais véi do que as cobras”<sup>7</sup>

6 A ideia da travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe veio-me da leitura da obra **Memória/Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**, de Carlos Rodrigues Brandão. Ver referência completa nas Referências Bibliográficas.

7 Aos 81 anos de idade, o Sr. Antônio Eugênio residia na comunidade rural da Pacatanha, no alto da Chapada do Apodi, no município de Jaguaruana.

Em minhas incursões, pelos caminhos da memória de velhas e velhos camponeses, mesmo sendo tentado, não busquei encontrar o sertão em um corpo inteiro, na essência de sua “alma”. Em cada parada que fazia na longa travessia, quase sempre me era dada a oportunidade de perceber o inusitado. A caminho da comunidade de Divertido,<sup>8</sup> vivi a experiência de estar “perdido” diante de uma encruzilhada composta por três cancelas, que me indicavam caminhos diferentes, anunciando-me, ao mesmo tempo, e metaforicamente, o quanto o sertão representa, também, o lugar do inesperado.

Assim, vencendo as sinuosidades das veredas de roça, rompendo cancelas e varando porteiras, alcancei e atravessei muitos pedaços de sertão, não apenas aqueles marcados pela vegetação seca, materializados em areia e pedra, mas, sobretudo, aqueles que, nas narrativas de meus entrevistados, se deixaram traduzir por diversas linguagens, entrecortadas em dobras de emoções.

Quanto mais me sentia estimulado a conhecer os destinos de velhas e velhos camponeses, mais tinha a certeza de que essa não seria a única travessia a ser feita, pois havia outra mais longa, a travessia do tempo, de fronteiras imprecisas, fugidias, cujo mapa só me seria revelado através da memória de velhas e velhos camponeses. Sem me deixar angustiar pelas incertezas, procurei, afoito, romper as entranhas desse imenso chão, querendo saber o que estava, por assim dizer, escondido nas lembranças mais íntimas, no fundo dos olhos do povo e dentro do seu coração, como nos recomenda o cantor-compositor citado na epígrafe deste trabalho.

---

8 Pequena comunidade rural, localizada no município de Russas, distante cerca de 40 quilômetros da cidade de Russas. A referida comunidade, à época da pesquisa de campo, ano 2000, dispunha de energia elétrica e de um dessalinizador, destinado a tornar a água salobra própria para o consumo humano.

Foi com essa disposição que me fiz cúmplice daqueles que me acompanhavam na travessia de tempos idos, na condição de narradores de suas próprias vidas, cujas histórias davam-me a impressão, muitas vezes, de estarem sendo retiradas do próprio corpo, das próprias veias, do fundo da alma. Eram histórias impressas com a marca do sentimento, atravessadas por diferentes temporalidades.

Em cada narrativa, meus ouvidos e minha percepção se faziam lúcidos às singularidades de suas histórias, enquanto, atentos, meus olhos acompanhavam as expressões físicas, reveladoras, quase sempre, de sentimentos que, a custo, eram represados. Naqueles instantes, eu já não era apenas um pesquisador, mas parte integrante da “fonte” (PORTELLI, 1997, p. 25), embora compreendesse que, em momento algum, falava, simplesmente, com uma “fonte”, pois era junto de pessoas que me fazia presente, imersas, assim como eu, nas profundezas das emoções, das sensibilidades, das subjetividades, da razão.

Mesmo não tendo fixado residência em nenhuma das comunidades rurais em que foi realizada a pesquisa de campo, procurei estabelecer uma relação dialógica com todos seus moradores, especialmente com aqueles que se dispusera a narrar suas histórias de vida. Esse contato mais amiúde com os sujeitos da pesquisa fez-me refletir sobre a densidade das experiências vividas no trabalho de campo, cujos significados validavam meu ofício de historiador e, sobretudo, minha formação ética-cidadã. Nas minhas idas e vindas, exercitando a arte de saber ouvir, não experimentei apenas a diferença; compartilhei, também, princípios e valores que muito revelavam a honestidade e a força moral daquela gente simples, possuidora de uma larga sabedoria, patrimônio que não se rouba e nem se deixa consumir pelas traças ou pela ferrugem. O diálogo, o

respeito e a valorização do outro foram, pois, meu combustível, minha moeda, minha economia.

Seguro, compenetrado, sensível ao mundo do outro e agindo com a máxima espontaneidade, fui transpondo as barreiras da desconfiança que, normalmente, se estabelecem entre aqueles que se acham envolvidos na e pela pesquisa. Em cada diálogo que antecedia a produção do documento oral, ao mesmo tempo em que procurava, através de uma relação dialógica, esmiuçar as histórias de vida daqueles que iam compondo minha colônia de narradores, eu também expunha um pouco da minha pessoa, da minha história, da minha vida.

Algumas vezes percebia que um ou outro resolvia demorar-se um pouco mais nalgum lugar do passado, limitando-se a olhar, em silêncio, paisagens familiares e queridas que, embora já tivessem sido deixadas para trás, ainda lhes falavam ao coração, calando fundo, dentro do peito, as palavras. Mesmo sensibilizado pelas narrativas, sumariamente carregadas de sentidos e de sentimentos, a curiosidade em saber um pouco mais de suas experiências de vida inspirava minhas perguntas, servindo de contributo para que eles pudessem prosseguir na travessia de suas histórias.

Assim, atravessando os sertões do Baixo Jaguaribe, fui me dando conta de que a fronteira que separa razão e sensibilidade não me permitiria intuir, sentir, perceber, enxergar o sertão de afetos, cuja gente acha-se parida pelo *ethos* do sensível e não da rudeza absoluta. Através dos percursos da memória, inferimos o quanto o espaço sertão acha-se tomado de significações, de sentidos. Por essa razão, não podemos naturalizá-lo, encontrá-lo preso em uma dada materialidade, pois, em cada narrativa, cada vez mais se esvaía a ideia de lugar-comum, ao mesmo tempo em que ganhavam sentido novas cartografias, carregadas de sensibilidades, de sentimentos.

Foi esse sertão vário que eu passei a buscar, passei a enxergar, a querer evidenciar em cada conversa, metodologicamente chamada de entrevista, em cada quilômetro percorrido, vencendo chãos de argila, de areia frouxa, de terra batida, sem falar das pedras e troncos deixados para trás, pelo meu velho e disposto Bugre, apelidado de “Pombo Branco” pelo amigo Fabiano Mendes, um Historiador afeito a estudar a complexidade do sertão, pelos caminhos da literatura de Graciliano Ramos.

Na travessia do tempo, quanto mais percorria as trilhas da memória de velhas e velhos camponeses, mais próximo eu ficava dos pedaços de sertão que pareciam grudados na alma daqueles que, pelos fluxos de suas reminiscências, me guiavam na travessia.

Na medida que avançava na travessia, atento ao patrimônio subjetivo preservado em cada narrativa, fui percebendo que não seria possível enquadrar o sertão dentro de uma leitura universalizante, pois o mesmo possuía diversas cartografias, cada uma desenhada a partir de diferentes modos de sentir, dizer e viver o sertão.

Minha intenção, não é, pois, escriturar o sertão da seca, personagens choramingando sofrimentos, desesperos, misérrimas, entre outras clássicas configurações que dão densidade à rudeza da vida sertaneja. Claro que não deixarei de abordar os sertões secos, pois, não obstante a falta d’água, os mesmos também se acham eivados de afetos e sensibilidades. Nos períodos de estiagem, apesar de as mais diversas imagens reiterarem, discursiva e artisticamente, o desengano e o desencanto das gentes camponesas, a esperança, a alegria, o gozo da vida não se evaporam no calor do sol, não deixam de irrigar o coração, de serem companhias da alma, de povoar os espaços mentais, de ser vida em cada estria sertaneja.



As narrativas camponesas sobre os sertões do Baixo Jaguaribe, ao mesmo tempo em que demarcaram o estriamento do espaço, nos permitiram atualizar sua escrita, preenchendo, justamente, as linhas que dão densidade às experiências vividas em um sertão que, mesmo quando marcado pela rudeza da seca e da miséria, apresenta-se, também, em manifestações de cantos e alegrias.

Buscando sempre os caminhos do vivido, não me percebia diante de um sertão mítico, paralisado no tempo e no espaço. Na travessia dos tempos, não me destinei a encontrar o passado, a memória, a tradição, como reveladores de uma unidade, de uma identidade, cujo ancoradouro seria o próprio sertão, seu povo, sua cultura. Ao contrário, em cada pedaço de sertão, no qual eu me demorava um pouco mais, tinha a oportunidade de esquadrihar vários elementos de integração do sertão à dinâmica do mundo contemporâneo, marcado pelo signo do instantâneo, pela velocidade com que as antenas parabólicas fazem circular, nos ermos sertões, os mais variados e intencionados discursos midiáticos. O sertão não se acha, pois, apartado do mundo globalizado. O sertão não deixa de ser sertão por estar integrado às novas tecnologias, embora estas tenham, sobremaneira, possibilitado a geração de novos costumes, novos hábitos, novas maneiras de sentir, pensar e expressar o sertão.<sup>9</sup>

Com minhas ideias em movimento, alimentadas pela observação das regularidades e singularidades presentes em cada narrativa, fui construindo, ao longo da investigação, a metodologia de trabalho, não tendo sido esta, portanto, uma deli-

---

9 Em meio a esse processo, ao transcreever os muitos relatos de memórias, produzidos a partir de minha relação dialógica com velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe, tinha sempre a impressão de que transcrevia uma forma de linguagem em extinção, rica de metáforas e representativa da maneira como as gerações mais antigas do sertão davam sentido às palavras, às formas de comunicação, as quais já se acham em desuso e desconhecidas dos mais jovens.

beração anterior ao desenvolvimento da pesquisa. Ao final de cada etapa da travessia, realizava o trabalho de transcrição das entrevistas, procurando, sempre, preservar a riqueza da linguagem comum a cada narrador.<sup>10</sup>

Depois de transcrita, digitada e impressa cada entrevista, tinha por hábito folhear as páginas que acomodavam, em cada linha, as histórias de vida daqueles que me guiaram na longa travessia do tempo de suas memórias. Em cada página, em cada história, uma janela para o passado era aberta. Através das múltiplas janelas, algumas mais carcomidas pelo tempo, outras guardando ainda as cores, os cheiros e sabores do passado, eu procurava enxergar não apenas as ações cotidianas de homens, mulheres e crianças, mas também as ações do Estado, da Igreja e das elites no processo de demarcação das fronteiras simbólicas e de poder, as quais visam preservar a face excludente das estruturas historicamente construídas nos espaços sertanejos. Outras vezes, porém, foi preciso buscar em novas fontes de pesquisa, especialmente nos jornais e livros de tombo, bem como na própria historiografia, novas direções que me fizessem compreender a diversidade das experiências historicamente vividas nos sertões do Baixo Jaguaribe. O diálogo com outras fontes de pesquisa me fez inferir o quanto as fontes orais e escritas não são mutuamente excludentes, embora cada uma delas requeira instrumentos interpretativos diferentes e específicos.

---

10 Utilizando como metodologia de pesquisa a história oral, sob a forma de histórias de vida, realizei quarenta e uma (41) entrevistas com homens e mulheres de faixa etária acima de sessenta anos. Além do critério da idade, a seleção dos sujeitos da pesquisa obedeceu, ainda, a critérios de ordem espacial e econômica, ou seja: camponeses(as) residentes na zona rural, que tivessem na chamada agricultura de sequeiro, aquela que depende exclusivamente das chuvas, sua principal fonte de sobrevivência. Ao final de cada etapa da pesquisa de campo, era realizado, por mim, o trabalho de transcrição das entrevistas respeitando a riqueza e a singularidade da linguagem utilizada pelos depoentes. Após a transcrição de todo material produzido na pesquisa, cruzei cada uma das entrevistas com o objetivo de mapear o universo temático proposto pelas mesmas.

Se a história, em boa medida, resulta da capacidade que as pessoas têm de transmitir para seus semelhantes suas próprias vivências, devemos considerar que só nos é possível construir uma imagem do passado a partir do legado que este mesmo passado nos deixou. Assim como a história, a memória vai também se tornando residual. Por mais densas que sejam nossas recordações, não passam de meros lampejos de um passado que ainda se inscreve e atua diretamente no presente, embora possa, muitas vezes, estar “encoberto” pelas sombras do silêncio.

Em razão do passado não mais existir em toda a sua plenitude, nenhum relato pode ser a ele comparado. Sendo assim, por estarem sujeitas a constantes deslocamentos, e por serem sumariamente carregadas de subjetividades, as memórias não podem ser tomadas como a conservação pura do passado, pois as mesmas acham-se adaptadas às representações do presente (THOMSON, 1997). Podemos dizer, ainda, que os relatos colhidos representam apenas um ponto de vista sobre o real, uma singularidade em um dado campo discursivo, e não uma realidade individual, uma totalidade em si mesma (ALBUQUERQUE JR., 1994).

A veracidade do relato só poderá ser julgada se o mesmo for comparado a outros registros e não aos acontecimentos em si (LOWENTHAL, 1998). As histórias de vida, por serem infundáveis, caracterizam a fonte oral como uma fonte de pesquisa incompleta. Não quero dizer, com isto, que o documento escrito possua maior confiabilidade do que o depoimento oral, pois todo documento, independente da sua natureza, carrega em si o desejo e a intenção de se projetar para o futuro. Os fundos documentais de um arquivo, por exemplo, guardam as expectativas de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, quanto ao que gostaria que fosse o futuro. Assim, encontra-

mos, no passado, vários projetos de futuro, embora nem todos tenham sido efetivados como presente. Se o documento representa a forma pela qual os homens buscam perpetuar suas próprias experiências, o depoimento oral possui o mesmo princípio do registro escrito, traduzindo-se, também, pelo desejo da projeção e da permanência.

O presente livro, dividido em duas partes, tem por objetivo esquadriñar, a partir da memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe, diferentes modos de sentir, viver e dizer o sertão, permitindo-nos, de alguma maneira, atualizar um modelo de escrita que tem tornado universalizante a rudeza da seca e da miséria em um sertão também marcado por outras experiências de vida.

Do ponto de vista estético, a narrativa demarca a ideia de uma travessia composta por dez “Paradas”, com status de capítulos, que dão sentido a cada uma das partes do livro. Assim, na primeira parte, dividida em sete paradas, atravessaremos várias dimensões que caracterizam a normalidade do viver cotidiano no sertão. Na segunda parte, três paradas marcam a travessia das situações que alteram o ritmo da vida camponesa, especialmente a rotina de trabalho, sobretudo durante os primeiros seis meses do ano, período que marca a quadra invernososa.

Entre lembranças e saudades é o “fim” de nossa travessia, momento quando, voluntariamente e sem muita demora, espreito o longo percurso, buscando, nas minhas próprias lembranças, os registros do que foi vivido, preciosa herança que guardo nas estruturas de meus sentimentos, nas entranhas de minha memória.

PRIMEIRA  
PARTE

## Primeira Parada

### Espreitando o céu e a terra: a relação do camponês com o mundo natural<sup>11</sup>

A travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe percorreu sempre o curso ordinário das experiências de homens e mulheres comuns, que me fizeram compreender o quanto os fazeres da vida cotidiana são formas de resistência e práticas de reapropriação dos recursos da natureza. Nessa parte da travessia, perscrutei a relação subjetiva que os camponeses mantêm com a natureza, buscando apreender a maneira pela qual leem os “sinais” - de inverno<sup>12</sup> ou de seca - que a natureza lhes anuncia. Trata-se de saberes e práticas alicerçadas sobre experiências passadas que foram, muitas vezes, transmitidas pelos *antigos*, garantindo, assim, um vínculo entre passado e presente.

Havia, porém, dias mais propícios à palestra; um magro acontecimento tinha a virtude de dar que fazer às línguas durante horas a fio. Estava-se no começo do ano, e a questão - haverá inverno ou não? - supria todas as deficiências de assunto. Uns confiavam que sim, outros temiam que não. Tinha-se feito a experiência das nove

---

11 Nesta travessia, seis foram os guias: João Delfino Bezerra, João André Filho, Francisco Girão Sobrinho (Chicada), Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Raimundo Sabino da Silva e Pedro das Neves Cavalcante.

12 Utilizo o termo inverno em seu sentido regional, ou seja, para o nordestino, o inverno está diretamente associado ao período de chuvas na região que, no caso do Ceará, acontecem entre os meses de fevereiro e maio. Essa forma própria de caracterizar o inverno representa, pois, o contraponto com a seca.

pedras de sal e dava chuva em fevereiro. Entretanto, as serras ao longe amanhciam cinzentas e a lua não tinha lagoa, o que era mau sinal de tempo. Em compensação, relampeara ao sul e o Aracati já não soprava à noite sobre a cidade, o que indicava aguaceiros próximos. (SALES, 1979, p. 17)

Como lembra-nos Antônio Sales (1979), nas noites escuras dos sertões, do terreiro de suas casas, as pessoas mais experientes costumavam divisar o céu para observar as estrelas, enquanto conversam sobre fatos geralmente sobrecarregados de incidentes e com a minúcia de detalhes que lhes são peculiares. Entre um assunto e outro, procuram, no céu estrelado, decifrar sinais de vida e de morte anunciados pela natureza, conforme acreditam e dão significado.

Eu tenho uma coisa que sempre me regia um pouco de inverno, tenho os planeta, né? [...]. Melhor, um planeta que não mente pra inverno, num mente mermo não, é a nossa estrela D'Alva. Ela num mente não. Agora quem quiser que se dirija por ela, quem quiser que tenha ideia dela. Se eu tenho, é porque já truce da minha mininiça que via meu pai e padrinho, o dito padrim que eu tava dizendo a você, que ele [...] orientava a gente que a estrela D'Alva era o planeta que dizia como era o inverno. Eu me regia munto..., vim entendendo, passei pá adulto e fiquei com ela em mira, né? Quando é pra num haver inverno, [...] a estrela D'Alva diz a gente; ela dá o sentido como é, tá vendo? [...]. Ela pode sair,

ela pode sair no sul, ela pode passar e se apresentar aqui na entrada da noite no sul num estirado ligeiro... Toda noite ela descendo para o norte, ora, quando ela tiver em mei de camim já pode pegar o inverno. Mas, se ela prantar-se lá num tem inverno porque Deus num quer; mas num tem mermo e pronto. Aí é uma garantia, já sabe. [...]. A natureza é muito importante. [...]. Um praneta governar o Nordeste, sostô. A chuva é dada por Deus, mas você já sabe que tem um praneta que governa. Olha, é muito importante, né? (João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Assim como as estrelas, que parecem brilhar com mais intensidade nas noites sertanejas, a lua, quando se faz luz na escuridão, torna-se não só objeto de contemplação para as almas amorosas, que em seu silêncio se banham e segredam amores, sendo, ao mesmo tempo, interrogada sobre as possibilidades de inverno para o ano vindouro.

Da lua cheia fazendo barra três dia, não tem chuva naquele mês. Por isso que eu tô com medo desse [ano de 2000]. Foi bem fraquinha a lua na barra, [...]. E a barra de nascimento, também os antigo tinha essa experiência da barra de nascimento, né? (Francisco Girão Sobrinho [Chicada]. Entrevista gravada na comunidade de Palestina, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)



É costume, também, no alvorecer do dia de Natal e do primeiro dia do novo ano, os camponeses observarem, no nascente, a existência ou não de uma barra escura cobrindo uma grande extensão do horizonte. A presença da barra significa o prenúncio de uma boa estação chuvosa, ao passo que o horizonte limpo, espanado de nuvens, representava a certeza de um ano seco, sem as chuvas para fazer correr rios e córregos, encher lagoas e açudes, banhar de húmus o solo, deixando-o fecundo para o amanhã da terra, da qual se espera uma venturosa colheita.

Além dos astros, a natureza revela outros sinais que são apreendidos e interpretados pelo homem do campo como anunciadores, ou não, do que eles chamam de um “bom tempo”, um “tempo de fartura”. Através da renovação cíclica das árvores, estão sempre atentos para observarem o período em que floram e carregam as carnaúbas, as arueiras, os juazeiros, os pau d’arcos, entre outras árvores. Quando as árvores ganham nova folhagem é sinal que a natureza está se renovando, o que representa um bom sinal para o próximo inverno. Caso contrário, a atenção dos camponeses volta-se para a descontinuidade da lógica atribuída à natureza, sobre a qual organizam suas vidas, fundamentam e sustentam seus conhecimentos.

Eu tenho a história da carnaúba. [...]. Tinha também essa história da carnaúba. Tinha a história da arueira. Mas, da arueira, eu num sei se alguém viu ela carregada, né? [...]. Agora uma que eu gostava muito de prestar a atenção era o juazeiro. O juazeiro, num tá mais nem ramano, num tá mais nem caindo a folha velha [...]. Do pau d’arco eu também num sei, aqui também num tem. Acabaro com

tudim, né? [...].

(Francisco Girão Sobrinho [Chicada].  
Entrevista gravada na comunidade de  
Palestina, localizada no município de  
Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Os movimentos das aves, das abelhas, das formigas também são, na cultura camponesa, indicativos, ou não, de um bom inverno. Para o Sr. Raimundo Mendes Martins, quando as formigas começam a construir, principalmente no final do ano, seus formigueiros mais próximos dos baixios é um sinal de que o ano vindouro será escasso de chuvas; quando migram para terrenos mais altos, a “experiência” alerta para uma boa estação chuvosa.<sup>13</sup>

A capacidade que os camponeses têm de interrogar o futuro a partir dos saberes construídos na própria experiência de vida, através da observação sistemática da natureza e da sustentação da memória familiar, demonstra o quanto a vida dessas pessoas encontra-se relacionada com o mundo natural, a ponto de estabelecer uma intimidade “entre a natureza submetida ao trabalho humano e os homens sujeitos aos ritmos da natureza” (FRÉMONT, 1980, p. 213). Nessa intimidade entre natureza e percepção humana, a presença do homem, com toda a sua bagagem cultural, se faz sentir no ato de identificar e significar o próprio ambiente natural em que vive.

Por acreditarem no caráter sagrado da natureza e serem profundamente influenciados pelo catolicismo, os camponeses têm, em algumas datas comemorativas aos santos, uma referência para observarem o comportamento do clima, fazendo, assim, suas “experiências” para os meses de inverno.

---

13 Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

A 13 de dezembro faz-se a “experiência” de Santa Luzia, que consiste na colocação de algumas pedrinhas de sal sobre uma tábua.

Se no outo dia amanhecer escorrendo de uma peda pa outa é um inverno muito bom; que num correr, é seco.  
(João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Quando o inverno começa escasso, os camponeses apelam para a última esperança, ou seja, para o dia de São José,<sup>14</sup> 19 de março, data que marca a passagem do equinócio.

A representação da seca como um castigo dado por Deus, em virtude dos pecados humanos, fixada, em boa medida, pela Igreja Católica, contribuiu para a disseminação das crenças em Santa Luzia, N. Sra. das Candeias, São Sebastião e São José.

Ano de N. Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e setenta e nove. Começamos um tempo de incertezas na jornada de nossa vida paroquial. As perspectivas de chuvas escassas, pelo menos à entrada do ano novo.

[...]

Em fevereiro apenas algumas chuvas escassas prenunciaram grandes revezes na agricultura. A festividade de N. Sra. das Candeias proporcionou motivação para concorrência de pre-

---

14 Padroeiro do Ceará, São José simboliza a esperança de chuvas regulares nos sertões do Ceará. A passagem do equinócio, no entanto, serve de prenúncio para os meteorologistas avaliarem a configuração do mapa pluviométrico, caracterizando, assim, as possibilidades de “inverno” ou de “seca”.

ces populares em prol das aflições dos pobres. Em março, celebrou-se o novenário em honra do Patriarca S. José com súplicas por melhores chuvas. Algumas chuvadas ligeiras com vento e sintomas de seca declarada pela própria natureza.<sup>15</sup>

Tanto a celebração do novenário em honra de São José, padroeiro do Ceará, como a festividade em homenagem a N. Sra. das Candeias, entre outros acontecimentos do gênero, representam uma possibilidade de acesso aos ensinamentos religiosos, cujos princípios são incorporados às vivências camponesas. Ao promover a relação entre os eventos da natureza e o calendário religioso, a Igreja Católica reforça a cadeia de devoções e a rede de bênçãos e obrigações em que estão inseridos os camponeses. Para Durval Muniz de Albuquerque Jr., a influência do catolicismo popular foi fundamental para a composição de uma personalidade até certo ponto resignada, com a qual o homem pobre do sertão enfrentava a pobreza, o sofrimento e os flagelos da seca (ALBUQUERQUE JR., 1988).

Buscando, pois, interpretar a relação subjetiva que velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe têm com a natureza, através de suas atitudes e sensibilidades, pude perceber que a prática sistemática de observação do movimento dos astros (as estrelas, a lua, o sol), das árvores, dos insetos, dos pássaros, do vento..., essa diversidade de fenômenos observados presentes nos relatos de memórias colhidos na pesquisa de campo, representa, em boa medida, a base do conhecimento camponês a

---

15 Paróquia de Russas - Livro de Tombo nº IX. p. 46. Neste livro, acham-se anotados os acontecimentos e documentos da crônica paroquial de Russas referente aos anos de 1972 a 1984. Para uma melhor compreensão das práticas e do discurso da Igreja, bem como do próprio cotidiano da população local, foi de grande utilidade a pesquisa realizada nos Livros de Tombo da Paróquia de Russas.

respeito não apenas das possibilidades de ocorrências de chuvas ou de seca, mas, sobretudo, do próprio espaço em que vive. Ademais, no contexto da cultura camponesa, o meio ambiente faz-se presente na constituição de hábitos, valores e costumes construídos e reconstruídos nas próprias vivências cotidianas.

Pensando a natureza e o espaço como processos em construção, e não como dados estáticos (MARCON, 1999), procurei, através da oralidade de velhas e velhos camponeses, atentar para os significados que são atribuídos aos espaços em que vivem e às formas pelas quais expressam seus diálogos e intercâmbios com a natureza, cujas marcas se fazem presentes em seus corpos, dão densidade aos seus costumes e fornecem elementos para comporem seus valores e imaginários.

Essa integração entre homem e natureza, expressa no cuidar da terra - prepará-la, semeá-la e acompanhar o crescimento das plantas -, na observação do vento, no prazer de ver as “brincadeiras” ou “brigas” dos animais..., nos faz inferir o quanto o cotidiano camponês se acha condicionado aos ritmos da natureza, tanto no que diz respeito a sua regularidade - marcada pelo trabalho agrícola - quanto naquelas situações em que se observa uma quebra dessa normalidade - períodos de secas ou de grandes invernos.

Eu gosto tanto da natureza, que dou nutiça até do vento. [...]. Oia o quanto eu gosto da natureza (risos), que até do vento eu dou nutiça, até do vento eu dou nutiça. [...]. Dô fé, lastá um bucado de animal, de gado brincando ou até mesmo brigando, e eu parado olhando os animais se escamuçando. Tudo é coisa da natureza. E eu fico olhando, aquilo pra mim é um prazer de ver

aquilo (risos). Nasci ou num nasci para o campo? Nasci pro campo, né?  
(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

A propósito do vento, o Sr. Chiquinho Pitombeira revelou não ser mais o mesmo, pois, em pleno mês de outubro, os ventos estavam deixando as noites sertanejas mais geladas. Esse “novo” vento, diferentemente do Aracati,<sup>16</sup> soprava mais forte e mais frio:

Rapaz, eu vou te dizer, eu num tô mais achando mais vento tá me servindo. Isso aqui, quando é seis hora, você num aguenta o frio. Vou assistir um terço sentado naquela cadeira detrás dessa porta e da outa, quem chega aqui na sala num me ver que eu tô lá. Mas, é por causa do vento fri. E mais tarde uma coisinha, lá na calçada, eu num aguento de jeito nenhum. E gostava dum ventozim! Mas, desse jeito, gelado desse jeito? Ave Maria, tô fraco de sangue. Mas, é porque é fri mermo. Nunca mais eu vi vento do Aracati. Porque o vento do Aracati é diferente desse vento. É um vento mais educado, é um vento que tem hora de passar, é. Antigamente, [...] as mulheres, as mãe de família tinha aquela hora da noite, de sete hora da

---

16 Segundo Otacílio Colares, o vento do Aracati é um “vento forte que, partindo da cidade do litoral leste do Ceará que lhe dá o nome, percorre parte do sertão cearense, servindo de refrigério às populações de cidades, as quais, à noite, sentam-se às calçadas, esperando a sua passagem, para se recolherem, depois”. Cf. Antônio Sales. *Aves de Arribação*. op. cit. p. 17.

noite até nove, [...] tudo tinha essa história de esperar pelo vento do Aracati. Seja lá que hora fosse da noite, só ia pra dento de casa depois que o vento do Aracati chegasse, podia chegar de dez hora, de oito ou de mais. Quando o vento do Aracati chegava, aquelas criança tomava aquele vento ai é que elas iam simbora pra dento de casa deitar as criança pra dormir. Mas, hoje, eu ainda num dei fé de vento do Aracati esse ano, tem não. É um vento mais... num é com essa friage aí não. Ele tem assim um fresco assim como seja um vento do mar, ele tem aquela frescura dele como se fosse um vento do mar [...]. Esses outro vento, chega uma hora dessa, faz esse vento fri. Mais tarde, faz fri que eu num aguento, num aguento não, tem que entrar pra dento de casa. Eu num espero por esse bandido, não.

(Francisco Rodrigues Pitombeira [Chiquinho Pitombeira], 86 anos. Entrevista gravada em Riachinho, localizado no município de Russas, no dia 22/10/1999)

Essa intimidade do homem do campo com a natureza, não significa, de modo algum, a comprovação de sua inferioridade. Contrapondo-se à ideia de uma natureza objetivada e externa ao próprio homem, os camponeses são pessoas que se pensam parte da natureza, que ainda estão, por assim dizer, imersos na natureza. No relato de suas memórias, a natureza surge humanizada através de laços afetivos e não racionalizada, coisificada, pensada como pólo oposto à cultura, à história.

As concepções de natureza sempre foram produto das relações dos povos com o mundo natural, não um dado original anterior ao próprio homem.

Embora os camponeses tenham desenvolvido, ao longo de suas vivências, um conjunto de sensibilidades diante do mundo natural, através da decifração dos sinais que, de alguma forma, indicam a sorte de todos, pudemos inferir uma crescente falta de credibilidade nos sinais que a natureza lhes oferece. Entre os camponeses mais velhos, isto se justifica pela própria “mudança dos tempos”.

Segundo o Sr. João André Filho, “uma parte das coisa do mundo num é mais a natureza que era”. Ao longo da sua experiência de vida, o Sr. João André afirmou ter observado uma série de mudanças na natureza.

A natureza mudar, um negócio muito importante, né? Você já sabe que muda a natureza? As coisa da natureza muda? Muda, muda que eu já encontrei, eu já encontrei coisa da natureza que num era daquele jeito e parece que nunca tinha sido e mudou pra outra forma. [...]. Porque a gente espera dum jeito, porque era pá ser daquele jeito. É coisa da natureza, rapaz, num tem bom, ali num mente... e mentir.

(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Desde o tempo da sua meninice, revela o Sr. João André, ouvia dizer que determinados insetos só apareciam se houvesse inverno. No entanto, tem sido comum, mesmo nos períodos de poucas chuvas, a presença destes insetos no espaço vivido dos camponeses.



[...], na minha mininiça... diz que os inseto, umas qualidade de inseto que só aparecia se houvesse... se tivesse inverno, se não tivesse o inverno num aparecia. Eu já encontrei, dum ano desse pra cá, já encontrei ano fraco, quase seco e aquelas coisa que só vinha em ano chovedor, ano de rama, só... só aparecia ano de rama.

(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Segundo a percepção do Sr. João André, a própria terra tem progressivamente evidenciado as mudanças ocorridas na natureza. A ideia de uma natureza mentirosa, sugerida pelo velho João, onde a terra passa a negar tudo que ela produzia em abundância, está diretamente associada à não preservação dos valores morais tradicionais. Dessa forma, segundo a percepção camponesa, muito mais do que a seca, o desregramento dos costumes e o aumento do pecado em virtude do pouco temor a Deus, seriam, de fato, os principais responsáveis pelas mudanças verificadas na natureza.

[...] a gente prantava, fazia uma pranta, a gente só prantava uma cova de melancia, só uma, se você possuísse gado pra dar melancia podia prantar mais. Mas, pra seu consumo só prantasse uma cova porque sobrava. [...] cê apanhava aquela melancia, botava numa sombra tanta dava, porque dava munta. Os girimuns, só prantava uma cova de girimum. Da donde você ia botar girimum? Num tinha quem comprasse tanto dava, nera? Quer

dizer que a terra desapareceu, a terra num dar mais isso não, acabou-se. Cê pranta dez cova de melancia e num prova. É da natureza, né? É da terra! [...], justamente a palavra que Deus disse: para o fim a terra negaria o pão. A gente prantava uma quantidade de feijão, precisava de prantar pouco porque apanhava... apanhava tanto feijão que num tinha em que botar. Hoje, a gente pranta aquele canto medonho pra fazer aquele feijão do consumo. A terra tá negando o pão ou num tá? A terra tá negando tudo, a terra nega tudo. Eu alcancei os cercados criar, aonde num trabalhava, aquela inquantidade de capim mimoso, nós chamava capim mimoso, ficava arriado [...] quando havia inverno. Hoje, quando passa o inverno, o cercado boa parte só é escalvado, num cria mais não. Ói, a terra negando tudo em cima dela, né? É da natureza. Justamente foi a palavra que Deus disse: para o fim a terra negaria o pão. (João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Ao contrário do Sr. João André, que se apega à confirmação dos sinais profetizados por Deus para explicar as mudanças que ele próprio observa no espaço natural, compreendemos a completa integração deste ao mundo do artifício. Para o velho João, tais mudanças podem ser explicadas a partir da ilustração de uma história que remonta ao “começo do mundo”. Conta a história que Deus havia revelado aos seus apóstolos os sinais que Ele daria quando se aproximassem “os finais das coisa do mundo”.

Inxiste até uma história que São Pedro era um apóstolo de Deus, nem sei se é certo, mas, que inxiste essa história do começo do mundo. [...]. – ‘Senhor, quando é que o mundo tem fim?’ Aí ele disse: - ‘Pedro o mundo num tem fim, as coisa do mundo terá os finais. Quando a terra negar o pão, já será um sinal do fim do mundo; quando o pai desconhecer filho e filhos desconhecer os pai, já será os sinais; quando as mulhere forem dona do mundo, Pedro, será os sinais.’ Eu vi, eu tô vendo tudo isso, meu fi! A terra tamo vendo, pa todo mundo vê, negou o pão. Só nós do campo é que sabe o quanto a terra paralisou, negou o pão duma vez segundo o que era, né?

(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

O primeiro sinal, portanto, seria revelado pela mãe-terra, quando essa perdesse as características que a associam aos mistérios do corpo materno (FRÉMONT, 1980), ou seja, a sua capacidade de fecundação e de nutrição, passando a negar ao homem o pão que o alimenta. Na relação do camponês com o mundo natural, a terra assume papel fundamental; pois é da terra que se retira, através das atividades agropastoris, praticamente todos os bens acessíveis aos camponeses.

O segundo sinal seria dado pela família, quando essa apresentasse a desarmonia entre pais e filhos. Para as comunidades camponesas, as relações familiares representam um ponto de referência importante para a organização de seus modos de vida, uma vez que é na família que se encontra a base das nor-

mas de comportamento social: o respeito e a honra. A desagregação das relações familiares representa, pois, um distanciamento dos códigos cristãos desabonadores aos olhos de Deus.

No meu tempo, o tempo de seu pai e outros mais, quando foi que a gente viu falar que um fi dava o meno um empurrão num pai? Nunca ouve não! Se ele num tava gostando do pai, bu-tava a rede num saco e ia imborá. Era, num discutia com pai não. Hoje um fi tá batendo a mão num revóver atirando num pai, um pai atirando num fi. Será que quando ele atira num pai, ele sabe que é pai? Tá lá que Deus disse que quando desconhecesse... ele desconhece [...] quer dizer que será os finais, eu acredito que seja isso, né? Porque no antigamente num havia, antigamente num havia isso.

(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Por outro lado, do ponto de vista sociológico, a desagregação familiar pode ser compreendida, também, como resultado do processo de pauperização vivenciado pelos camponeses, fruto da exploração econômica que tem, em boa medida, substituído as relações baseadas na solidariedade e sentimento por relações de interesse, gerando, com isso, conflitos crescentes no seio das famílias (ALBUQUERQUE JR., 1988).

O terceiro sinal expressaria a inversão dos papéis sociais, historicamente construídos e assumidos por homens e mulheres, nos quais os homens sempre mantiveram o papel de destaque, de domínio e de poder. No contexto doméstico é a posição

do pai a mais privilegiada, exercendo toda autoridade sobre a mulher, os filhos e, por extensão, sobre todo o espaço familiar. Com a inversão desses papéis, as mulheres passaram a ser, no dizer do velho João André, “dona do mundo”.

[...], quando as mulhere forem dona do mundo, será os finais. Aí, a gente indo parar pra olhar, Ave Maria que fosse toda mulher, mas 90% da mulher são dona do mundo. Elas tão fazendo o que quiere, quem manda é ela mermo, num tem essa história não. Elas anda do jeito que quer, anda do jeito que querem andar, o que vinher na boca elas diz num olha nem pa trás, pode tá quem tiver, é ver o final do tempo [...]. Justamente as palavras que Deus disse: - ‘então-se Pedro será os finais das coisa do mundo é quando isso tudo acontecer.’ [...]. Nós tamo vendo a terra negar o pão; o pai desconhecer filho e filho desconhecer pai; as mulher ser dona do mundo [...]. Por isso eu lhe digo que eu tô com medo, tá chegando o medo em mim que adepôs de dois mil o quê que vai aparecer. [...]. Tô tão nervoso com a vinda... a vinda de depois de dois mil é que ver o que vai vim. Pode até ir à frente. Ah! quisera Deus que fosse. (João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Marcado por um profundo significado bíblico, o discurso do Sr. João André expressa a capacidade que tem de traduzir suas experiências de vida à luz das profecias que os mais

“antigos” contavam a respeito do fim do mundo. Trata-se, na verdade, de uma reinvenção da concepção bíblica referente à consumação dos séculos, seguramente transmitida na época das Santas Missões, e reveladora de uma maneira própria de ler, pensar e viver. Disseminada nos sertões do Nordeste pelos padres capuchinhos, desde meados do século XIX, as Santas Missões eram encontros para práticas e pregações religiosas de grande relevância para as populações locais.

Era, era aqueles pade pregano. [...] Nesse tempo havia religião, o pessoal se confessando, ouvindo toda noite aquelas palavra bunita que eles dizia. Hoje em dia, num tem quem... num tem mais quem dê valor. Hoje im dia, num tem quem queira ir para missa, num é? Não senhor, hoje em dia o pessoal quer a vaidade, né? E, portanto, eu acho munto disconforme a vista de antigamente como eu via. Havia aquelas Missão bunita; era oito dia, dez dia que eles passava numa cidade, né? Mais era munto bunito, o pessoal toda noite indo pa Igreja rezar, se confessar. Hoje em dia num tem... Quem é que fala mais em confissão hoje em dia? Num tem quem queira mais, é poucas pessoas que se dirige a Igreja, né? (Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatã, localizada na Chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999)

Para Gilmário Moreira Brito, as “pregações” e leituras eram assimiladas não apenas pela voz e sons, mas, sobretudo, pelas expressões fisionômicas, corporais e gestuais. Dessa maneira, a presença dos referenciais apocalípticos na fala do Sr. João André, leva-nos a considerar, ainda, o quanto os camponeses “foram receptivos a preceitos normativos da religião católica na medida em que ganharam ressonância, com sentido próprio, em seu cotidiano.” (BRITO, 1999, p. 159-171).

Tendo em vista os contornos que o catolicismo ganhara em terras brasileiras, Maria Aparecida Junqueira esclarece que, a partir da segunda metade do século XIX, um novo modelo eclesial católico, o ultramontanismo, de raízes conservadoras, começou a ser implantado no Brasil com vistas a reproduzir, nas mais distantes células paroquiais, a rigidez hierárquica mantedora da unidade da Igreja. No entanto, a pretensa austeridade católica, engendrada por uma concepção medieval do universo, que recusava, inclusive, o contato com o mundo moderno, não foi capaz de por fim ao catolicismo popular.

O catolicismo popular permaneceu vivo em amplas camadas da população, nos subterrâneos religiosos populares que não entendiam o latim, mas que continuaram entoando-o nas trezenas em louvor a Santo Antônio ou no mês de Maria, repetindo as ladainhas, numa circularidade entre a cultura erudita e a cultura popular. Continuou presente, no devocionário de todos aqueles que encontram no divino um lenitivo para o seu sofrimento e uma esperança para seus desejos. O sentido da vida, do trabalho, do amor, da família, da morte, que

para muitos brasileiros está ligado a um campo simbólico religioso, faz com que populares, cujas clivagens culturais não são coincidentes com sua estratificação social, sejam refratários a distinguir o sagrado do profano, relutando em separar o que para eles sempre fora uma homenagem completa e ambivalente. (GAETA, 1997, p. 199)

Situado entre a cultura clerical e a oralidade, o chamado catolicismo popular representa um modelo de leitura do mundo que aparece como resultado da integração entre os espaços natural, sobrenatural e humano. Esse mundo integrado, fechado, constituído por uma dimensão terrena e outra divina, vai sendo internalizado de diferentes maneiras através de uma rede de circulação de ideias e princípios religiosos, que acabam sendo elementos fundantes das relações de convivência e sociabilidade em uma região marcada pelos signos da pobreza e da injustiça social.

Nesse universo cosmogônico, toda e qualquer alteração no cotidiano camponês “é vivida como crise e interpretada de forma mística e fatalista, atribuindo estas mudanças a castigos divinos ou a catástrofes naturais, como a seca”. Há, desse modo, no imaginário camponês, uma profunda identificação entre os mundos social e natural, na medida em que “toda mudança social é vista como catástrofe, como alteração do natural daí existir uma identificação, entre a catástrofe da seca, mudança do natural, com as mudanças sociais em curso.” (ALBUQUERQUE JR., 1988, p. 107-108).

Ao observar os marcadores da fala do Sr. João André, podemos inferir que os mesmos traduzem um sentimento pelo



sertão que é revelador da tensão entre um lugar que lhe é possível, representado pela nova fisionomia, nitidamente urbanizada, e o lugar desejável, representado pelo paraíso perdido, ou seja, pelo mundo rural “tradicional” - caracterizado pelas mensagens evangélicas e por laços de honra e solidariedade que tornavam o mundo mais perfeito e mais justo.

Em seu relato de memória, o Sr. João André disse não ter muito que comentar, apenas olha para o mundo rural e lembra o que este representava no passado e o que hoje representa. O tempo que as memórias dos camponeses identificam como sendo o tempo de antigamente, era marcado pelo respeito entre as pessoas, por relações de ajuda entre os vizinhos e por um equilíbrio da natureza. Ao contrário do tempo de antigamente, no seu dizer “tudo é azavesso hoje, tudo é o contrário, aparecendo aquelas coisa que ninguém nunca pensou”. É um tempo cujos costumes e valores não encontram mais sustentação e legitimidade nas práticas de religiosidade. O Sr. João Delfino Bezerra,<sup>17</sup> por exemplo, lembra que, no passado, as pessoas pensavam mais em Deus e tinham por prática rezar durante o dia e à noite para alcançar, dos Céus, as graças que necessitavam. Para o velho João Delfino, isso fortalecia os laços familiares, as tradições e as formas de viver em harmonia no mundo social e com o mundo natural.<sup>18</sup>

Em todas as entrevistas, foi possível perceber que o tempo da calma, da tranquilidade e do equilíbrio com a natureza parece ter chegado ao fim. Nesse sentido, a forma pela qual os camponeses interpretam as mudanças verificadas no campo fez-me compreender, em primeiro lugar, que estas se processam, antes

---

17 João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

18 João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

de tudo, nos princípios da honestidade e do trabalho que nor-teiam a formação moral do camponês e sobre a qual constroem a sua autoimagem, ou seja, as mudanças não acontecem obje-tivamente no espaço natural, mas no próprio homem, através da crescente corrupção dos seus valores culturais, bem como dos códigos morais que delineavam os contornos da sua per-sonalidade.

Eu gosto da natureza, exatamente, eu gosto é da natureza. Nasci e me criei na natureza e morro na natureza. E, gostando mais graças o meu bom Deus. [...]. Essa natureza tem mudado munto. Porque é munto diferente des-sa natureza de hoje, pra natureza da-qui a vinte ano ou trinta ano pra trás é muito diferente. Não o ar do tempo! O ar do tempo é o mermo, o mundo é o mermo, né? Mas, o movimento do povo é muito diferente, é muito diferente. Tudo tá mudado! O pessoal mais véi dizia, que quando fosse no fim das era, no fim dos tempo, a roda grande rodava dento da piquena. E nós tamo nesse tempo, nós tamo nes-se tempo que a roda grande tá rodan-do dento da piquena, né? É por isso que eu digo, tá mudado, tá mudado, muito mudado. É, é assim mermo.  
(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Na fala do velho Pedro das Neves, é emblemática a iden-tificação do tempo presente como sendo um tempo marcado pela violência, pela falta de honestidade e de disposição para o

trabalho. O conjunto dessas características nos faz compreender o quanto os modos de viver e de se relacionar com a natureza se constroem e se transformam no próprio tempo.

Em nossa travessia, a próxima parada será nos sertões do trabalho, das atividades agrícolas, através das quais os camponeses estabelecem uma relação mais direta com o mundo natural, cuja terra, mais do que solo fecundo, representa chão de segurança, de vida.

## Segunda Parada

### Pelos cercados do trabalho agrícola<sup>19</sup>

A travessia dos sertões do trabalho e dos bons invernos seguiu o itinerário das práticas cotidianas dos trabalhos agrícolas, nas quais estão assentadas as bases do modelo tradicional de organização dos núcleos familiares e da vida, em uma perspectiva mais ampla.

A memória do trabalho na terra, compartilhada pelo conjunto dos camponeses entrevistados, fez-me compreender que o tempo do trabalho é todo preenchido por atividades rurais, cuja marcação é feita pelo calendário agrícola, ou seja, pelo tempo do plantio, da limpa e da colheita que marcam os seis primeiros meses do ano.

De acordo com o calendário agrícola, comum à região, é geralmente no mês de dezembro, na esperança de um bom inverno, que os camponeses brocam os roçados, promovendo a limpeza do terreno através do corte dos galhos e das ramas. Passados alguns dias, depois que o sol já tenha secado todo o arvoredado derrubado, atea-se fogo nos montões de galhos e touceiras de capim. Depois de preparada a terra, após as primeiras chuvas do ano, a cinza molhada serve, segundo a crença camponesa, como adubo para a germinação das sementes plantadas. Junto à cerca, era prática comum fincar uma grande

---

19 Nesta travessia, oito foram os guias: João Pereira Cunha, Rosa Maria de Almeida, Amaro José da Silva, João Delfino Bezerra, Pedro das Neves Cavalcante, Altina de Moura Lima, João André Filho, Antônio Eugênio da Silva. Parte do conteúdo dessa segunda parada foi publicado em Chaves, 2010, com o título **Chovem lembranças nos roçados da memória: os bons invernos e o trabalho agrícola**.

vara rematada por uma caveira de boi ou por um chifre, na esperança de poder atrair a fertilidade, a abundância e a vida (BARROSO, 1956).

O processo pelo qual realizam o plantio é bastante simples. Em primeiro lugar, um camponês, tendo por instrumento de trabalho uma enxada, vai cavando as covas. Acompanhando-o, quase sempre, seguem a mulher e os filhos, que vão lançando as sementes dentro das covas e cobrindo-as com a terra que é empurrada com um dos pés. Planta-se frequentemente o feijão, o milho, a melancia, o jerimum, a mandioca, o algodão... Encerrado o plantio, os camponeses ficam até o período da colheita fazendo o que eles chamam “a limpa dos roçados”. Dentre os cereais cultivados, o feijão é o preferido pelos camponeses, em razão de seu rápido crescimento e por ser, dentre os produtos de subsistência, o que mais assegura a sobrevivência imediata da família, constituída na principal unidade de produção, dentro de um contexto de necessidades impostas pela estrutura socioeconômica em que vivem os camponeses.

Embora algumas etapas do trabalho na roça fossem executadas quase exclusivamente por homens, como é o caso da broca dos roçados, as mulheres participavam intensamente do plantio, da limpa e da colheita. Tomando como referência os relatos de memória de velhas camponesas, podemos inferir que as mulheres tanto desempenhavam funções de natureza doméstica, voltadas também para a maternidade, como participavam, efetivamente, dos trabalhos agrícolas, embora o emprego de sua força de trabalho, em uma atividade que, por excelência, compõe a identidade masculina, era compreendido como sendo, meramente, de apoio.

Papai era agricultor, criou nós tudim na agricultura. E, depois me casei,

vim pra cá do mermo jeito. Quando eu me casei, eu comecei... Eu me casei em 55 e tive o primeiro minino em 57. Mas, quando eu casei, nós fazia era assim: nós ia po cercado, eu deixava a panelinha no fogo, aí eu ia po cercado mais ele. Quando chegava às onze hora, ali já tava cunzido aquele feijão, já tava cunzido. Nós cumia, ia dar água os bicho que toda vida nós criemo, aí nós voltava de novo, chegava às seis hora. Aí quando foi 57, aí eu cumecei a ter famia, aí pronto, aí já fui trabaiaando mais em casa. Aí, quando os minino crescero mais, aí eu levava era tudo po cercado. Arrumava uma reidinha na barraca que ele fazia no cercado, era os minino deitado e nós trabaiaando. E eu criei os meus fi tudim assim.

(Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 25/08/1999)

Com seus noventa e quatro anos de idade, D. Ana Francisca do Espírito Santo, em seu depoimento, revelou que “também alimpava de inxada e colhia. Apanhava feijão, quebrava mi, assim tivesse, e algodão. No tempo de algodão, era de dento do cercado apanhando algodão.”<sup>20</sup>

O rendimento financeiro obtido com a venda do algodão possibilitava, entre outras coisas, a compra da roupa e do cal-

---

20 Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade Cercado do Meio, localizada no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

çado para a família, além da quitação de alguma dívida. Apesar de ter sido considerado o “ouro branco” do Ceará, o algodão tem, hoje, um baixo índice de produtividade e uma reduzida área cultivada.<sup>21</sup>

No entanto, ao mesmo tempo que a mulher ocupa os espaços da casa e do cercado agrícola, vê-se uma total ausência masculina nos trabalhos domésticos. A participação masculina nessas atividades, a exemplo do provimento de água nos potes, para o consumo diário de toda a família, da limpeza da casa e dos terreiros, ou mesmo do cuidar dos animais domésticos, só se faz sentir, circunstancialmente, quando a mulher, por alguma impossibilidade, necessita de ajuda. A atuação do homem, normalmente, dá-se para além das fronteiras domésticas e, muitas vezes, da própria comunidade.

Ao narrar as dificuldades vividas para prover, na companhia do marido, o sustento da família, D. Rosa Maria fez questão de ressaltar que todos os seus filhos foram criados trabalhando todos os dias da semana, mesmo quando chegava o período de matriculá-los na escola.

Quando chegava o tempo de ir pa escola, aí... Agora tá em tempo dos minino ir pa escola, vou deixar mais o cercado. [...]. Estudava de manhã. E, quando estudava da mei dia pa tarde, passava de manhã até dez hora no cercado aí

---

21 Segundo Rejane Vasconcelos Carvalho, “a crise algodoeira se configura no decréscimo dos índices de produtividade do algodão cearense: no período de 1947 e 1963, o índice de produtividade do algodão no Ceará foi de 350 kg/ha, caindo no período de 1969 a 1973 para aproximadamente 200 kg/ha. No que se refere a área cultivada, o algodão cearense teve sua fase áurea de expansão entre 1958 e 1965, atingindo percentual médio anual de crescimento de 10,9%, seguindo-se porém uma fase de nítido declínio de 1966 a 1973, quando o percentual anual de crescimento foi de apenas 3,8%.” Cf. Carvalho, Rejane Vasconcelos. O Estado e os programas de apoio à pequena produção. In **Revista de Ciências Sociais** – vol. X. n° 1 e 2. Fortaleza: 1979.

vinha tumava banho, almoçava, aí ia pa escola. E assim, graças a Deus, criei os meus fi tudim. [...]. Nós trabaiamo muito, trabaiei muito mais ele. Meus fi nunca tivero liberdade de pissuir uma baladeira não, pa matar passarim, pa andar pra cima e pra baixo que nem hoje eu vejo, não. Amanheceu o dia, aqueles maiozim, eu me levantava cedo, dava a merenda dele, vão simbo- ra. Aí ele chamava, acompanhava po cercado até aquelas hora de ir pa esco- la. [...]. Num tinha liberdade de jogar de bola não, porque se fosse jogar de bola como é que nós ia criar? Só eu e ele [referindo-se ao marido] trabaian- do pum bucado de gente! Era muier, era home, era tudo, tudo no cercado. Eu tinha uma, que caba que num fosse bom, num ia com ela na inxada. (Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 25/08/1999).

De acordo com o discurso de D. Rosa Maria, o trabalho constitui-se um elemento agregador da família, cuja coerência está ancorada em valores morais e sociais. A ociosidade, por outro lado, representa a perversão da boa conduta do indiví- duo e, conseqüentemente, da família.

Portanto, por ser um elemento agregador da família, as crianças também participavam diretamente dos trabalhos do- méstico, agrícola e pastoril. Desde muito cedo, as crianças, de ambos os sexos, eram filiadas ao cotidiano de trabalho da famí-



lia, ocupando-se, na maioria das vezes, de pequenos serviços. A partir dos sete ou oito anos de idade, passavam a capinar o mato, na limpeza das plantações.

Com muita espíritosidade, aos noventa anos de idade, o Sr. Amaro José da Silva, em sua longa narrativa, fazia-se um artífice da memória, emoldurando as lembranças do tempo de menino quando, aos oito ou nove anos de idade, junto ao seu pai, participava dos trabalhos na lavoura.

Quando chegava o inverno, aí papai me tirava da escola pa ajudar a ele trabaiair, que era pobezim, mermo. Ajudar a trabaiair, pá gente comer. Agente fazia... Ele fazia aquelas safra e eu, piqueno, ajudava a ele. Nesse tempo, eu tava ajudando só plantar semente, num podia com a inxada, né? Aí, o véio encaibou a inxada. Eu digo: rumbora! [...]. Ele era trabaia-dor, mas era vagaroso, num era dessas pessoas que trabaiaiva ligeiro. [...]. Nós fumo alimpar, eu mais ele, né? Chegava, ele tirava duas carreira, ele tirava duas carreira, nessa moleza, e eu num podia acompanhar o véio. Eu digo, tá ruim desse jeito. Ah! Agora, agora eu aprendi (risos). Agora o véi meu pai num passa outa mais não. E, fiquei dum jeito que num tinha ninguém aqui que me acompanhasse na luta, no trabaio.

(Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade de Alto do Ferrão, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

Embora as atividades fossem, em um primeiro momento, e de maneira geral, semelhantes, as diferenças iam sendo estabelecidas na medida em que meninas e meninos cresciam em idade e tamanho. Em suas atividades, os meninos dispunham de maior mobilidade territorial, o que lhes facultava, de certo modo, maior “liberdade”. As meninas, por sua vez, assumiam as funções domésticas, historicamente compreendidas como características do seu gênero. Ao serem ocupadas nos trabalhos cotidianos do grupo familiar, as crianças já se iniciam no cumprimento das responsabilidades que, mais tarde, quando adultos, deverão assumir, de acordo com os papéis socialmente estabelecidos para cada um dos gêneros.

Assim, quando os primeiros raios de sol vencem a escuridão da noite, transmitindo mensagens de vida, homens, mulheres e crianças, muitas vezes, já estão a postos para as primeiras lidas do dia.

Comecei a trabalhar eu era tão novo que papai cortava certo tipo de madeira aí, e eu num podia carregar, [...] saía arrastando. [...]. Quando era mais tarde, tinha aquele bucadão, vinha, encontrava, butava na ruma. Aí vim vindo, fui me dedicando nessa vida. [...]. Eu passava de semana inteirinha no mato, aí, era um rapaizim bem novim, semana inteirinha no mato. Nesse tempo, tinha unça, tinha tudo, mais eu num tinha medo, só eu e Deus e um cachorrim que eu criava, viu? Passava o dia cortando madeira, quando era ditardizinha era só... batia a pueira, cumia aí alguma coisa e ia pa rede, viu? De noite eu tava acordado, que quando dava fé o cachorro

acuava, eu ia prá lá, às vezes era um tatu, um tamanduá, uma coisa que ele acuava. Saía do rancho, ia caçar e acuava, viu? [...]. Quando era de manhã, os minino, meus irmãos, iam buscar as madeira que eu cortava, viu? [...]. Todo dia eles bem cedim iam lá, pegava a madeira que eu tinha cortado, deixava água pra mim, cumida. E, assim, fui levando a vida, fui indo [...]. Aí, depois fui tomando mais uso da razão, e trabaiano, butando roçado, tudo, [...]. Pa trabaiaar, hoje é que eu num presto mais pra nada. Mas, toda vida fui distabefado pa trabaiaar. [...]. Depois me casei, fui tomar conta da minha casa, quebrei as perna de papai porque eu era o chefe de... que ajudava papai no maxo possive. Mas, nunca disprezei ele não, viu?

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada em Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Do ponto de vista histórico, os modos de viver no sertão têm sido fundamentalmente reforçados pelos laços de solidariedade familiar. Sendo assim, o envolvimento de toda a família no trabalho agrícola pode ser interpretado como a não predominância das relações capitalistas no sertão, cuja principal característica reside no trabalho assalariado. Por outro lado, o empenho de todos os membros na produção da subsistência da unidade familiar representa a demarcação da autonomia, do controle e da administração do trabalho e de sua produção, valores que compõem a condição camponesa.

Quando a família não era suficiente para a extensão do trabalho agrícola – apanha do feijão, quebra do milho, desmancha da mandioca... –, apelava-se para a solidariedade de parentes e vizinhos, através do adjunto, uma tradição camponesa herdada dos *antigos*, cujo caráter mantinha-se sagrado e inquebrantável.

De primeiro, a gente prantava o roçadim, trocava dez dia cum os amigos mermo, né? [...]. Digamo, era dez, eu butava dez home, tá rendo? Dez home. Aí, quando... Tudo trocado, tá rendo? Eu ia um dia pa um, um dia pa outro, um dia pa outro, um dia pa outro, até pagar os dez dia que eu ia trabaiair no meu.

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Na cultura camponesa, os adjuntos expressavam a força que valores como honradez, honestidade, ética do trabalho, solidariedade e espírito comunitário têm na estrutura de vida dos mais velhos do sertão.

Em uma narrativa minuciosa, o velho Pedro das Neves descreveu o cotidiano de trabalho em um adjunto realizado nas terras do Sr. Antero, do qual fizera parte, no ano de 1949. O objetivo do referido adjunto era arrancar o mato que havia crescido em meio à plantação de mandioca. Em sua narrativa, “seu” Pedro ressaltou a quantidade de homens reunidos no trabalho, sessenta e três, bem como a fartura de comida disponibilizada para o conjunto dos trabalhadores.

Eu fui um adjunto numa mandioca velha... Oi, mandioca é de fazer farinha, né? O senhor sabe! Lá no finado Antero, nos Pocim, tinha sessenta e três enxadeiro, né? Operário, tudo nas inchada limpando [...]. Nove palmo, duma carreira pa outa, o mato dessa altura aqui, um evanço. Teve muitos operários que, durante o dia, num tirou uma carreira porque num tinha negoço de cortar; era de ponto duma ceica a outa, feita. E o cercado, a roça era grande, nera? Teve muitos que num tirou uma carreira, né? E, dento desses sessenta e três home, nós almuncemo e jantemo no patrão, que era o finado Antero, o dono. Ninguém num viu cor de feijão cunzinhado, era carne, queijo, qualhada. Nesses sessenta e três home, ninguém num viu cor de feijão, almoço e janta. Merenda? Rapadura, saboga véia preta, com farinha na merenda. As bacia no meio do ceicado, né? Mas, no almoço e janta, foi carne, queijo com rapadura. Aí, a negada cumeu até deixar.

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000).

Não obstante os laços de solidariedade presentes em agrupamentos compostos por parentes e vizinhos, a descrição do Sr. Pedro das Neves nos faz refletir acerca do caráter paternalista presente nas relações sociais que mediava a realização do trabalho coletivo, ou seja, do adjunto. Embora o Sr. Antero

não tenha sido caracterizado como um pequeno proprietário, uma leitura atenta nos faz inferir acerca do lugar social que o mesmo ocupava dentro das relações de poder local. Como um pequeno proprietário de terra, capaz de reunir “sessenta e três enxadeiro”, trabalhando na limpeza do mato que crescia em meio à sua plantação de mandioca, o *patrão* Antero, através de seu paternalismo expresso na fartura de comida colocada à disposição dos trabalhadores, demonstra o caráter familiar que as relações de dominação pessoal assumem, não apenas nos sertões do Ceará, mas em todo o interior nordestino. Segundo César Barreira, “a dominação dos proprietários é tão familiar quanto desconhecida ou imperceptível pelos dominados. E pelo fato de ser familiar parece natural e eterna” (BARREIRA, 1987, p. 30). Efetivamente, essa veia familiar que mascara a dominação pessoal, justifica, por assim dizer, a saudade que o velho Pedro das Neves demonstra sentir quando recorda, não o “dinheirim” que recebeu como pagamento pelo seu dia de trabalho, mas a fartura de comida que foi colocada, igualmente, à disposição de todos. Ademais, as relações paternalistas caracterizam-se pelo tratamento de aparência igualitária entre indivíduos de classes sociais diferentes. Sobre esta “cooperação paternalista”, Durval Muniz (1987, p. 30) esclarece-nos que a mesma “traz em si um grande potencial de conflito, já que ao se considerarem iguais, abre-se perspectiva para que se passe da cooperação ao conflito, sempre que sejam desrespeitados os valores e normas costumeiras que regem estas relações.”

A força do trabalho coletivo, qualificada pela solidariedade, reduzia, portanto, as dificuldades daqueles que necessitavam o auxílio para “brocar um roçado”, para fazer “a limpa da terra”, para realizar a “apanha do feijão”, na desmancha da mandioca, entre outras atividades.

No entanto, desde o final do século XIX, observa-se o início do processo de rompimento das relações tradicionais imperantes no campo. De maneira geral, podemos inferir que as razões motivadoras de tal processo aparecem associadas à introdução, embora lenta, de novas relações de mercado e de trabalho, elementos que favorecem a desorganização da produção familiar (ALBUQUERQUE JR., 1988). A partir dos anos de 1970, há, todavia, uma nítida aceleração no processo de rompimento das práticas de solidariedade camponesa, provocada por uma política estatal de capitalização do campo, cujo principal fundamento era, notadamente, a criação de espaços que melhor abrigassem a lógica e a dinâmica capitalista (SOARES, 1999, p. 18).

Agora, hoje, tem um bucado de rapaz que num trabaia: - “eu num vou trabaia que pranta num dá futuro, pranta num dá futuro; vou prantá um roçado, arrancar rama de mandioca pos outo?” Eu digo: - rapaz, rapaz num dá futuro é num prantá. Hoje o camarada... Hoje é que tá bom do camarada prantá, porque [...] os dono de terra [...] dá as terra arada po camarada prantá, rapaz, e o camarada num quer, rapaz. Você num tá vendo que o tempo mudou muito, rapaz. Há eu no antigamente, que eu achasse quem me desse isso; [...] eu escangarava, rapaz. Porque no outo tempo, que eu fazia isso, eu pricisava brocar, derrubar o pau, incoivarar, ceicar, pa prantá, e eu dando da terrinha, assim, um alqueire de farinha de renda. E, agora, o camarada dá é a terra cultivada, tudo, e o camarada num pode porque diz que num tem futuro, rapaz.

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

O discurso do Sr. João Delfino Bezerra expressa, de maneira clara, os conflitos gestados no interior das relações camponesas, em razão, justamente, do trabalho agrícola não mais assumir a centralidade que outrora tinha na vida camponesa. Em suas experiências cotidianas, os camponeses vivenciam a necessidade de preservar as relações tradicionais de solidariedade mútua, em meio à presença de elementos ideológicos negadores dessa experiência camponesa (BARBOSA, 1990). Em seu discurso, mais que revelar um acentuado tom de indignação com a desvalorização dos trabalhos agrícolas, o Sr. João Delfino não consegue inferir o sentido das transformações que se processaram no sertão nordestino, sobretudo nas três últimas décadas do século XX.

A efetivação dessa nova conjuntura de mudanças provocou, de maneira diversa, a inserção dos espaços sertanejos no mercado capitalista, alterando, por conseguinte, as relações de trabalho no campo. Diferentemente das relações tradicionais, alicerçadas em um regime de cooperação, os camponeses se veem obrigados a um intenso ritmo de trabalho, pautado, muitas vezes, na obediência de horários e regras, bem como na sujeição dos baixos e incertos salários. Não resta dúvida que a quebra do modelo tradicional de organização da vida camponesa, cujo principal núcleo é a família, deixa os camponeses ainda mais vulneráveis à incidência de novos infortúnios, a exemplo das secas (ALBUQUERQUE JR., 1988).

Em cada narrativa construída, o sertão transformava-se em lugar vivido, espaço demarcado pelas subjetivações, pelas



relações sociais, e, fundamentalmente, pelas relações que o homem estabelece com a natureza, legitimadoras do sentimento de pertencimento ao ambiente rural.

Associadas aos trabalhos agrícolas e à memória familiar, as lembranças dos bons invernos destacam os períodos de fartura, amplamente vinculados ao passado, enquanto o tempo das vicissitudes, materiais e agrícolas, marcam o presente vivido.

Embora o sertão da seca tenha sido cartografado como um importante marcador temporal, as lembranças dos bons invernos também compuseram os contornos temporais que, de alguma forma, organizam a vida camponesa.

Reveladoras de um cotidiano de fartura, de sonhos e de desejos, algumas das paisagens invernosas, descritas nos relatos de memória, serão, aqui, brevemente recortadas, para que tenhamos uma percepção da força com que se apresenta a memória dos bons invernos, sobretudo entre os camponeses mais velhos.

Guardando na memória algumas reminiscências das histórias que ouvira do pai a respeito do inverno de 1922, o Sr. João Pereira Cunha passou a recordá-las com a emoção de um reencontro.

O papai disse que foi invocado, porque começou... entrô janeiro seco, sem dá um pingô de chuva; fevereiro seco, sem dá um pingô de chuva. Sim, vinte e dois! O papai cuntava muito bem essa história. Sem dá um pingô de chuva, janeiro e fevereiro. Aí, o pessoal tudo no apelo: - 'É dia de São José? Aí, vem dia de São José seco, sem dá um pingô de chuva. Aí, o pessoal, o pessoal ismurecero, viu? O pessoal ismurecero. O papai disse que, no dia vinte e seis de março, assim negoço

de nove horas do dia, aí, diz ele, que o tempo assim meio cizudo. Aí, tinha muita rama de batata prantada na areia. Diz ele que [...] tinha tanta batata na areia que era quais sem forma. [...]. O pessoal aproveitava as vazante tudo, aí era muita batata. Aí, foi arrancar uma carga de batata mais um irmão dele. [...]. Sei que só deu pa arrancar uma carga. Botou dois saco, uma carga im riba duma barreira se iscurrando todim. Papai disse que, [...] com oito dia, o rio disinquietou gente dos baixo, viu? Em vinte e dois. (João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada em Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Ao rememorar a grande cheia ocorrida na região jaguaribana no ano de 1924, Dona Altina de Moura Lima ressaltou que, nas áreas mais baixas, o rigoroso inverno não permitiu o desenvolvimento da agricultura. No entanto, nos terrenos mais altos, ou seja, mais distantes dos rios, foi possível colher uma boa safra de legumes, especialmente de feijão. Em seu relato, Dona Altina recordou que seu pai, em anos de bons invernos, de maneira inventiva, criava meios para armazenar a produção de feijão por ele colhida.

Matou muita coisa que tinha nos baixo, né? Mas, o que tinha nos canto mais alto, deu pra fazer. E, muita gente plantava, adepois da molhação plantava, né? [...] Nesse tempo, Ave Maria, o povo plantava qualquer um pedacim de feijão, num tinha esse ba-

rulho de espurgar, nem nada. Sei que lá em casa, papai apanhava feijão que as vez... Inda uma vez, ele apanhou muito feijão, aí, fez um paiolzinho, assim, no canto da casa, bem numa parede, assim, pra outa. Um paiolzinho, mermo, de barro, tá vendo? Invarou, como quem invara puma casa, né? E tapou. E, butava uma camada de areia, butava uma de feijão, butava outa de areia, de feijão, encheu esse paiolzinho. Agora, areia peneradinha na urupemba. Porque, quando a gente quiria comer também, aí penerava que era pra areia num ter peda, num ficar peda no feijão. [...]. Me lembro que ele guardou tanto feijão nesse paiol. Um paiol com areia (risos). As coisa tudo era muito diferente dago-ra, né? Ave Maria, nem se compara. (Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, no município de São João do Jaguaribe)

Prosseguindo em sua narrativa, o Sr. João Pereira Cunha revelou que, no ano de 1933, seu pai encontrava-se trabalhando na construção da rodagem, atual BR-116, medida de emergência para minorar os efeitos da seca de 1932. Segundo o velho João Pereira, já nos inícios do inverno de 1933, as chuvas que caíam, noite e dia, propiciaram uma boa colheita de feijão e de melancia.

Aí, era chuva de dia e de noite lá, [...] 33. Aí foi, ele vei simhora. Fez as impreita com os vizim de roçado, que ele tinha lá pá prantar. [...]. Papai arrumava a semente, papai prantava o roçado

deles, pá quando ele viesse tirar a pranta dele já tá nascida. O véi fez uma terrada boa. [...]. Também nós prantemo. Ele prantou um feijão muito ligeiro, cedo cumeçou a butar. Meu irmão, eu vi melancia vingar dento dum roçadim piqueno, como nunca na vida eu vi daquele jeito. Nós tirava, papai dava, quem chegava papai dava. [...]. Feijão, quando cumeçou a butar, [...] aí esbanjou mesmo, esbanjou pá todo mundo. (João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada em Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Atravessando, em sua narrativa, as farturas e venturas dos bons invernos, o Sr. João Pereira revelou que, no inverno de 1940, após um intervalo de quarenta dias sem chover, as águas passaram a banhar a região jaguaribana com tanta regularidade que se tornou difícil, entre os camponeses, o trabalho de amanhã da terra.

Quarenta deu umas chuvadas aqui na nossa região. A gente prantou, a prantinha nasceu, ficou bunitinha; aí, o sol bateu im riba. Mas, passou quarenta dia sem chover e iscapou muita pranta. Mas, também, quando [...] chuveu de novo, aí, chuveu que tinha dia que a gente num podia trabaiair com chuva, viu? Quarenta, lembro muito disso, viu?

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada em Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Restabelecendo a lembrança dos bons invernos, o Sr. João André Filho, com muita sensibilidade e lucidez, também prosseguiu atravessando os meandros de seu passado. Ao relatar a estação chuvosa de 1950, João André lembrou que, nos dois primeiros meses do referido ano, a inquietação foi geral entre todos que habitavam as comunidades rurais situadas na Chapada do Apodi, em razão da ausência de chuvas que pudessem anunciar uma promissora estação invernososa. Apesar da inquietação motivada pelo “atraso” das chuvas, João André, com as esperanças renovadas na “experiência” da estrela d’alva, empenhou-se, ainda no mês de fevereiro, na preparação de sua terra com vistas a iniciar o plantio das sementes. De acordo com o velho narrador, contrariando a inquietação que se fazia geral, “no dia sete de março, o inverno chegou”.

Aí, acochou no Nordeste todo. E, haja inverno. Choveu o resto de março, choveu abril... Me lembro, como se fosse hoje, o véi Zé de Abreu disse pra mim: - ‘João André, quantas chuva chuveu em abril?’ - Eu digo, num sei não, sei que todo dia dava num sei quantas chuvas. Aí, ele foi e disse: - ‘apôs eu tenho anotado noventa e três chuva no mês’. Óia, quando vinha ele curria anotava lá, né?

(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Ao rememorar o inverno de 1959, o velho Antônio Eugênio fez emergir o rio de lembranças que se achava emoldurado em sua memória. Como se voltasse à nascente de suas lembranças, atravessando toda a estação chuvosa, narrou-me,

de maneira intimista, a lembrança que guardava da primeira chuva do venturoso inverno de 1959. Segundo o velho narrador, no dia quatorze de janeiro do referido ano, estava, na companhia de alguns amigos, cortando macambira e arranchado embaixo de uma imburana. O dia permanecia claro e quente, sem nenhum presságio de chuva. No entanto, por volta das quatro horas da tarde, viu que “saía uma chuvinha mermo detrás do serrote.” Sem muita demora, densas nuvens de chuva passaram a povoar os céus, clareado, agora, pelos relâmpagos que riscavam o horizonte acompanhados por ruidosos trovões. Interrompendo o corte da macambira, resolveram, então, voltar ao rancho para preparar o jantar.

[...]. Aí, chegemo no rancho, fizemo um fogo, que botemo o baldinho no fogo, aí começou a leblinar (risos). Começou a leblinar e nós arrochemo fogo nesse balde. Quando o balde ferveu, não ferveu nem que prestasse, nós fizemo esse cumer. Pra acabar de cumer, foi andando assim por de baixo dos pau, cumendo com a mão porque com colher não agüentava mais, tanto... tanto tava chuvendo. Aí, acabemo, ajuntemo as vazia e se acoitemo no tronco dessa imburana por debaixo dos pau e deixa chuver, deixa chuver, e nós acoitado ali. [...]. Quando foi assim, negócio de sete hora da noite, mais ou menos, o tempo serrado e o trovão gemendo, eu fui e disse ao minino: - vocês sabe duma coisa, rambora, rambora que essa chuva num passa não. [...]. Aí, fomo derramemo a água, tudo, quando acabemo, peguemo as lata e as vazia

que tinha, butemo as redes dento do surram e butemo nas costas e tiremo. [...]. Tiremo de cabeça fora, fomo chegar lá em casa não sei nem que hora foi quando nós cheguelmo no Córrego do Marinho. O córrego tava, já passelmo nadando, já; tanta água tinha. [...]. Quando cheguelmo em casa, entremo pra dento, armelmo as redes, se deitemo, chueu inté de manhazinha, chueu inté de manhazinha. Quando amanheceu o dia, era tudo alagado. Aí, pronto, nesse dia, em casa, nós não tiramo mais macambira e o inverno começou. [...]. Mas, foi ano de fartura, foi ano de fartura. Que havendo um tempo seco, no ano que há inverno é que há fartura: algodão, milho, feijão, de tudo tinha ali. (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada em Pacatanha, localizada na chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Com o olhar parado, como se estivesse buscando, também, a exemplo do Sr. Antônio Eugênio, a mais íntima contemplação da feliz internada de 1959, o Sr. João Pereira alargou as margens de suas lembranças e deu vazão a uma narrativa ancorada em sentimentos de prazer e alegria:

Quando bateu cinquenta e nove, foi o ano mais santo que eu já vi. Por isso, que eu tô na esperança teja alguma coisa esse ano [referindo-se ao ano de 1999], porque sempre a era de nove, sempre é boa, tô nessa esperança. Aí,

o ano foi bom, viu? Eu tava todo folgado: uma ruma de saca de farinha, saco de farinha d'água, farinha branca; lata de querosene; saco de açúcar; arroba de café e um trocadozim, um trocadozim no bolso. Chegou o inverno todo baludo, num precisei de patrão e fiz uma safra boa. Ah! Meu Pai do céu, se eu tivesse o gosto de fazer produção esse ano que eu vi na minha casa im cinquenta e nove, eu já me considerava o maior milionário. (João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada em Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999).

A revelação desse desejo veio acompanhada de um profundo silêncio, somente interrompido pela agradável sonoridade que o vento produzia ao balançar as pequeninas folhas dos verdes galhos de uma velha quixabeira, na qual estávamos a nos proteger da quentura do sol. Embora permanecesse absorto em suas lembranças, em um ato de total retrospectção, aquele silêncio era, para mim, revelador da mais pura emoção sentida ao revisitar, pelos caminhos invisíveis da memória, aquele passado de riqueza traduzido na fartura da lavoura. Decerto, aquela emoção nascera da experiência vivida e não apenas de uma simples imaginação inventiva, contemplativa.

Embora o inverno de 1972 não tenha sido dos mais regulares, chegando mesmo a ser insuficiente em muitos municípios do norte, centro e centro-sul do Estado do Ceará, o mesmo foi “favorável” em praticamente toda a região do Baixo Jaguaribe.<sup>22</sup> Assim, com a mesma emoção que recordou o in-

<sup>22</sup> Paróquia de Russas. Livro de Tombo n.º IX, p. 02.



verno de 1959, o Sr. João Pereira Cunha atravessou os roçados de algodão, milho e feijão plantados no inverno de 1972, nos quais pôde colher 116 arrobas de algodão e uma safra de milho e feijão que os caçuás de seus dois jumentos não foram suficientes para transportar toda a produção.

Setenta e dois, pelo menos aqui, pa nós, houve inverno. A gente trabaiava com medo, assombrado, assombrado porque as era, toda era de dois era fra-ca. Mas, não senhor, chueu, deu, deu pa criar tudo. Setenta e dois. Ah! Meu Pai do céu, se esse ano eu fizesse o li-gume do tanto que eu fiz im setenta e dois. Apanhei cento e dezesseis ar-roba de algodão. Milho, meu irmão, fiz uma safra de milho. Eu tinha dois jumento com dois jogo de caçar, nós morava aculá, eu mais meus dois mi-nino, nós ia pro roçado, [...], todo dia nós trazia, até que nós aburrecemo. Eu disse: - Meu fi, vamo mais levar isso de carga, não. Vamo quebrar, fazer uma ruma aqui, falar com a carroça. [...]. Isto nós tendo, já tinha ingordado uns pouco de porcão, uns cevadão com milho. A muiet, deitava [...] criava muita galinha nesse tempo. Era, era muita galinha, gostava muito de milho, viu? Mas, ainda bati setenta e tantos sacos de milho, viu? Feijão, chega nem te digo, viu?

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada em Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999).

Ao relembrares as estações invernosas, os mais velhos do sertão nos fazem inferir o quanto o sertão da seca, da fome e da miséria não pode ser apresentado, ou representado, como lugar-comum, experiência única na vida camponesa.

A saudade das paisagens de outrora, traduzida em cada lembrança, em cada narrativa, expressa as mudanças que vêm se processando com a chamada modernização da agricultura camponesa, efetivada pelo Estado, a partir de meados do século XX. O resultado de todo esse processo tem sido, notadamente, o fortalecimento da grande propriedade e da agroindústria, ao mesmo tempo que a agricultura de subsistência, cada vez mais, torna-se uma atividade acessória, aumentando, assim, a situação de dependência do camponês.

Diferentemente do modelo de agricultura irrigada, implantado na região do Baixo Jaguaribe a partir da década de 1970, o grupo de camponeses contemplado nessa pesquisa desenvolve a agricultura de sequeiro, caracterizada como a mais comprometida e dependente das estações chuvosas. Nesse tipo de agricultura, voltada principalmente para as necessidades da família, a baixa produtividade é predominante, sobretudo pela não utilização de tecnologias mais modernas.

## Terceira Parada

### **Nas casas de farinha, na prensa da cera da carnaúba, nos serões de trança<sup>23</sup>**

A distância do tempo parecia apagar-se nas reminiscências transformadas em vida pelas palavras, pelos sentimentos. Ao atravessarem os muitos tempos do passado, que ficaram marcados nas lembranças de velhas e velhos camponeses, cada um, ao seu modo, parecia catar, na superfície da memória, as paisagens que ainda se faziam presentes em suas saudades. Assim, pouco a pouco, em contornos voluntários e involuntários, foram refazendo os elos invisíveis que os prendiam, por assim dizer, ao cotidiano de trabalho nas casas de farinha.<sup>24</sup>

No calendário agrícola dos camponeses, em virtude da quadra chuvosa, os seis primeiros meses do ano são reservados à prática da agricultura de subsistência, enquanto os meses de julho a setembro marcavam, entre outras atividades, o tempo das farinhadas, das desmanchas, como muitos preferiam nomear. Logo após a colheita da mandioca, reuniam-se os trabalhadores nas casas de farinha, para dar início ao rústico processo de fabricação. A mandioca era normalmente raspada por um grupo de mulheres que, sentadas ao chão, usavam como instrumento de

---

23 Nessa travessia, nove foram os guias: Pedro das Neves Cavalcante, Francisco Girão Sobrinho (Chicada), Raimundo Nonato da Costa, Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), João Delfino Bezerra, Maria Sinhá de Souza, Luzia Maria da Silva, João Miguel de Souza, João André Filho. Parte do conteúdo dessa terceira parada foi publicado em Chaves, 2008, com o título **Sertões do trabalho nos retratos da memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE**.

24 Espécie de indústria rústica, onde se processava o beneficiamento da mandioca para a produção de farinha.

trabalho uma faca. Em seguida, a mandioca era cevada (moída) e lavada, para a retirada da goma. Depois de pronta, a goma era prensada, fazendo escoar o sumo tóxico, próprio da mandioca, e levada para ser torrada em um grande forno de alvenaria.

Alguns camponeses relataram ter trabalhado grande parte de suas vidas nas casas de farinha, a exemplo dos senhores Raimundo Mendes Martins e Pedro das Neves Cavalcante que, “a cabo de rodo”, torraram farinha durante 45 anos, o primeiro, e 22 anos, o segundo. Apesar da intensa produção de farinha, podemos dizer que a mesma não se destinava à comercialização, atendendo, basicamente, ao consumo familiar.

Embora os trabalhos nas casas de farinha demandassem árduos esforços, principalmente por parte daqueles que eram os responsáveis por mexer a farinha junto ao calor excessivo do forno, as lembranças de homens e mulheres deixaram transparecer os momentos de alegria, vividos nos períodos das desmanchas. Mais do que ambientes de trabalho, as casas de farinha eram espaços de sociabilidade, marcados por diversas manifestações da cultura sertaneja. Francisco Girão Sobrinho revelou ter participado, quando jovem, de alguns forrós, em dias de desmanchas.

Quando acabava, lá na casa dela aí, do pai dela [se referindo à sua esposa], quando acabava a rapa da noite, o caba ia dançar, ia dançar. Tinha o véi, esse mermo véi que era sofoneiro que nós brincava na casa dele, ele ia pra lá levava o fole, era um forró medonho de noite (risos). Ainda tive de brincar umas pouca de noite lá ainda.

(Francisco Girão Sobrinho [Chicada]. Entrevista gravada na comunidade de Palestina, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Para além da descrição do funcionamento de uma casa de farinha no período das desmanchas, revelando a divisão do trabalho ali existente, o depoimento do velho Pedro das Neves celebra, por assim dizer, a convivência dos tempos do trabalho e do não-trabalho, caracterizados pelos momentos lúdicos.

Era muito divertida. Era roda de mão, né? Dois puxador puxando na roda, né? A rapadeira rapando, três, quatro, cinco rapadeira, né? O preneiro, prensando a massa, né? O forneiro torrando a farinha, né? Os carregador carregando a mandioca, butando dento da casa de farinha. E, era um movimento beleza. De noite, se cumia beiju, tapioca, né? Os rapaz, as moça, vinha pa casa de farinha ajudar rapá. Era um festival. Toda noite, a rapaziada... Às vez, quando terminava a rapa, havia um toquezim de violão, aí, nós brincava uma brincadeirazinha até dez hora, onze hora, né?

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Até os anos que marcam a década de 1970, as casas de farinha, mantiveram sua importância na economia rural. Entretanto, a partir da década de 1950,<sup>25</sup> com a construção de grandes rodovias interligando as várias regiões do país ao Sudeste,

25 Segundo Manuel Correia de Andrade, o Brasil “só após 1950 com a construção de grandes rodovias que ligaram as suas várias regiões ao Sudeste, pôde deixar de ser um conjunto de ‘ilhas culturais e econômicas’ dispersas para se tornar um ‘continente’ a gravitar economicamente em torno de um pólo – São Paulo.” Cf. Manuel Correia de Andrade. Espaço, **Polarização e Desenvolvimento** (A teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina). São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 73.

observa-se uma maior dinâmica na distribuição e na circulação de produtos como o arroz e o macarrão que, aos poucos, passaram a ocupar, na mesa do homem simples do campo, lugar de destaque, sem, contudo, desprestigiar a farinha e o feijão.

Sendo assim, embora ainda seja possível, pelos sertões do Baixo Jaguaribe, encontrar pequenas casas de farinha em funcionamento, não mais se registram as intensas jornadas de trabalho, muito menos a vivência lúdica que outrora era compartilhada nos ambientes das farinhadas. Entre as razões que justificam o desaparecimento das casas de farinha, a mais evidente é a facilidade para comprar a farinha comercializada de outras regiões, não sendo mais necessário o tradicional armazenamento, em grandes caixões de madeira, da farinha produzida nas rústicas casas de beneficiamento da mandioca, prática comum até meados do século XX. Com base, pois, nas narrativas produzidas por velhas e velhos camponeses, é possível inferir que as casas de farinha representam o lugar da memória, o espaço da saudade.

Deixando para trás as casas de farinha, vamos ao encontro dos vastos carnaubais, especialmente das chamadas toldas de cera e dos serões de trança. Para além de sua beleza estética, que sombreia de verde a paisagem sertaneja, a carnaubeira acha-se integrada à vida doméstica da família sertaneja, oferecendo-lhe os mais diferentes benefícios:

O tronco é o mourão, a trave, a cumeeira, o altar e o leito conjugal; o palmito é o alimento; a raiz, a medicina; a palma é o abano, o chapéu, a esteira, a parede e o teto da casa; a cêra é a tocha primitiva, isto é, a luz, a oração, a vigília, na noite quieta e pura do homem nordestino... Tudo, na carnaubeira, é prestante e amigo. Nenhuma

ma árvore é mais dadivosa e fecunda. Ela, sozinha, alimenta, abriga, veste, ilumina e consola as gentes... É como uma deusa familiar que a tudo acode. Como o filho da terra, onde nasce, ela se dá toda a quem a cultiva com amor e resguarda com ciúme... Da copa, oclante e brincalhona, à raiz, séria e profunda, a carnaubeira é um holocausto vegetal, uma oblação da gleba ao homem que a possui. [Pe Antônio Tomaz, apud LIMA, 1997]

Até fins da década de 1950, a carnaubeira foi o principal elemento a impulsionar a economia do Baixo Jaguaribe, especialmente dos municípios de Russas e Limoeiro do Norte. O processo de revalorização dos espaços relativos à mata ciliar, marcada pela presença de extensas áreas de carnaubais, tem sua origem na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento do extrativismo vegetal, através da extração do pó cerífero para a produção da cera de carnaúba.

Em razão da grande valorização do referido produto no mercado internacional, a região do Baixo Jaguaribe foi integrada na malha econômica que se estendia pelo amplo mercado capitalista, cujas fronteiras iam além mar. Segundo Hidelbrando Soares, essa atividade vai manter-se hegemônica até meados do século XX, quando se observa o processo de substituição da cera vegetal pela cera sintética.

O auge desse processo de valorização da cera de carnaúba no mercado internacional foi, efetivamente, a primeira metade do século XX. Da década de 60 em diante, o que se observou foi um processo de substi-

tuição, na indústria, da cera vegetal pela matéria-prima sintética e, conseqüentemente, o início de um movimento de desvalorização da cera de carnaúba no mercado internacional. Esse movimento se tornou crônico no início da década de 70, quando essa atividade se tornou praticamente inviável para a maioria dos produtores, devido a evolução decrescente dos preços internacionais de um lado e a manutenção dos custos de produção de outro, este último provocado pela não modernização do processo produtivo. (SOARES, 1999, p. 64)

Durante o período áureo do ciclo da cera de carnaúba, a Planície Aluvial do Baixo Jaguaribe tornou-se uma área extrativista por excelência. Para os grandes e médios proprietários dos municípios de Limoeiro, Russas e União, que possuíam entre 43 e 72 hectares de terras, ou ainda, entre 43.000 e 72.000 pés de carnaúba em estado produtivo, a cera de carnaúba representou um importante meio de enriquecimento. Dada a lucratividade econômica dessa atividade, “os senhores dos carnaubais”, como assim os chamou Soares (1999), dificilmente se dedicavam à exploração agrícola. A criação de gado e o cultivo do algodão, por exemplo, tornaram-se atividades acessórias para esses proprietários. Aos moradores ou rendeiros era permitido, no máximo, a exploração das terras onde não houvesse a presença de carnaubais, com o cultivo do algodão, do feijão, do milho e da mandioca; exigindo-se, ainda, o pagamento de uma renda pela utilização da terra (SOARES, 1999).

Portanto, a presença, ou não, da mata ciliar de carnaubal definia o uso da terra no período que corresponde ao ciclo da



cera de carnaúba. Se, por um lado, a extração do pó cerífero era a principal atividade nas propriedades que possuíam grandes áreas de carnaubais, por outro, naquelas em que a presença da carnaúba não era dominante, a exploração agrícola constituía-se na mais importante das atividades. Outra característica relativa às propriedades que não eram possuidoras de grandes carnaubais diz respeito à forma pela qual se dava a exploração agrícola dessas áreas: nas grandes propriedades priorizava-se, mais comumente, a associação entre culturas de caráter mais comercial, como o algodão e as frutas, além daquelas mais voltadas para o consumo familiar, ou seja, o feijão, o milho e a mandioca; enquanto nas pequenas propriedades cultivava-se, basicamente, esses três últimos produtos, componentes básicos da alimentação camponesa (SOARES, 1999).

Devido à pequena dimensão de suas terras, proprietários e familiares ficavam, durante alguns meses do ano, praticamente ociosos. Isso fazia com que essa mão-de-obra fosse utilizada nas áreas onde predominava a atividade extrativista. Segundo Soares (1999), a esses pequenos proprietários juntavam-se, ainda, aqueles que não dispunham de nenhum pedaço de terra, constituindo-se, desta forma, em moradores, rendeiros ou trabalhadores diaristas nas grandes propriedades. Diferentemente das outras atividades agrícolas, que tinham no arrendamento da terra uma prática recorrente, na atividade extrativista havia uma preferência, por parte dos proprietários, em estabelecer uma relação monetária com os trabalhadores, em vez de lhes oferecer uma parte da produção.

O trabalho com a palha da carnaúba foi tema compartilhado entre os camponeses. Em suas narrativas, alguns disseram ter trabalhado tanto no corte da palha da carnaúba quanto no cozimento do pó que dela era extraído. Para o Sr. Pedro das Neves, “a palhinha da carnaúba ajudou a muito pobre”:

Cortava, levava, tinha o fazedor de cera, né? Eu levava o pó. O meu sogro tinha um carnaubal, às vez nós juntava umas palhazinha, que a gente juntava nos carnaubal dos outo. Nós juntava, levava, lascava, fazia o pó. Aí, levava pra oficina, fazia três, quatro, cinco kilo de cera. Quando era no domingo, levava pra vender; fazia a ferinha. Eu fiz muita... eu fiz muito isso. Ajudava, a palhinha da carnaúba ajudou a muito pobe, né?

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Em seu relato de memória, o velho Raimundo Nonato fez uma breve descrição do processo de produção da cera de carnaúba, ressaltando os perigos que essa atividade representava, principalmente no momento de coar a cera quente.

Trabaiei muito conzinhando borra. Conzinei muita borra pra tirar a cera. [...]. Conzinhava o pó, assim, num tacho desse tamanho ou numa lata, quando acabar butava um pano. Tinha assim uma caixa, assim, aí, butava o pano. Aí, derramava, quando acabar cobria. Aí, butava um cepo assim, desse tamanho, ou, maiozinho assim. E, aí, o fuso cheio de rusga. Aí, trucia, trucia, se trocesse demais, estourava. Que eu tenho até esse pé queimado e a mão; que um paieiro tava... nós tava cuando uma cera num pano, e aí ele foi com o entravamen-

to pela boca do pano, queimou esse pé aqui e a mão. No dia que era pra ir pra festa de... que havia, no tempo que vinha Bispo fazer festa aí em Limoeiro. (Raimundo Nonato da Costa, 95 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canafístula de Baixo, localizada no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000)

Passado o auge do ciclo da cera de carnaúba, os proprietários que ainda conservam seus carnaubais praticamente não mais investem na produção da cera de carnaúba, pois torna-se mais rentável vender o carnaubal “em pé”, que pagar mão-de-obra para realizar todo o processo de fabricação da cera.

Embora a produção da cera de carnaúba tivesse uma importância capital na economia da região jaguaribana, e do próprio Estado do Ceará, a palha da carnaúba serviu de matéria-prima para diversas outras atividades. O manuseio da palha, sobretudo para confecção de chapéus e bolsas, constituía-se, especialmente no atual município de Palhano, em uma atividade obrigatória, sobretudo no período das grandes secas. Dona Francisca Delfina da Costa lembrou que, com apenas sete anos de idade, durante a seca de 1919, já trabalhava na trança da palha da carnaúba, costurando chapéu, “pá cumer uma xícara de farinha”.<sup>26</sup>

Absorto nas lembranças de tempos mais distantes, o Sr. João Delfino Bezerra, coração apertado pelas emoções que revivia, procurava conter as lágrimas ao falar do seu sofrimento e, especialmente, do sofrimento de sua mulher, durante a seca de 1958. A razão de sua emoção estava ancorada na dor

---

26 Francisca Delfina da Costa [Chiquinha], 87 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

da separação, cravada no peito, pela morte recente da esposa. Seu relato foi a sincera expressão da gratidão e amor para com aquela que foi, durante décadas, sua companheira.

É por isso que eu digo, eu soufrí muito na minha vida. E minha muier, minha muier, coitadinha, trabaiava aqui, im 58, pa... Quando o sol, quando o sol tava perto de se pôr, ela se sentava nesse mermo cantinho aí, fechava a janela, a noite todinha custurando chapéu. Quando a barra vinha culariando, o mói de paia dela já estava escaiado. Butava de baixo do suvaco, aqui, ia vê meia garrafa de leite com uma légua lá no Coigo, ia vê com uma légua pa criar a famia, tá rendo?

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Na comunidade do Canto da Cruz, sobretudo nas noites em que o céu ficava envolto na luz prateada da lua, era comum a realização dos chamados serões de trança, evento que reunia familiares, parentes e amigos nos terreiros ou nas calçadas de suas casas. Os encontros tinham por objetivo aumentar a produção de chapéus e bolsas para serem vendidos ou trocados por gêneros alimentícios, como pareceu ser mais comum. Para além das necessidades voltadas para a subsistência do núcleo familiar, os serões de trança representavam, também, excelentes oportunidades para a sociabilidade de homens e mulheres, especialmente dos mais jovens, dispostos a trançar as palhas da carnaúba. Ao rememorar os serões de trança, Dona Maria Sinhá de Souza destacou a dimensão lúdica que marcavam os encontros.

Às vez, nós se ajuntava mais na casa do Nel. Era casado o meu irmão. Aí, nós ia pro terreiro. Ela tinha três moça e lá em casa era duas, e, às vez, se ajuntava umas do Cândido, meu irmão. Eu sei que se ajuntava ali um bucado. Aí, nós trabaiaava até de madrugada. E era cantando no terreiro, a lua clara, né? E, era cantando. E, quando era ali por umas zora, nós ia simbora pra casa (risos). Era muito bom naqueles tempos, eu achava. [...]. Vez, os rapaz também ajudava a fazer trança mais as moça. Eu, eu nunca namorei, num gostava não. (Maria Sinhá de Souza, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Embora os serões de trança fossem uma atividade basicamente familiar, a participação dos homens não era decisiva para a realização dos mesmos. De todo modo, a presença masculina fora sempre constante, conforme esclareceu-nos Dona Egilda Delfino do Nascimento: “Ia rapaz, ia rapaz, tudo conversando, tudo namorando na maior gaiatice do mundo. Era só pra namorar com os olhos, namorava é com os olhos, num é com as mão, não”.<sup>27</sup>

Assim, entre uma piscadela e outra, as moças davam início ao trançado da palha, cabendo aos rapazes darem continuidade ao trabalho. De maneira geral, os espaços do trabalho e do lazer não aparecem separados nos relatos de memória dos mais velhos do sertão. Por não possuir uma lógica estritamente marcada pelo tempo do trabalho, a jornada nos serões de tran-

<sup>27</sup> Egilda Delfino Nascimento, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, localizada município de Palhano, no dia 27/10/1999.

ça era marcada pela porosidade do tempo que permitia, além das conversas, alimentadas muitas vezes por histórias “de outros tempos”, a presença da música, dos versos e dos namoros.<sup>28</sup>

Ao olharem para o passado, pelas janelas da memória, velhas e velhos camponeses não apenas contemplaram paisagens que pareciam preservadas no mais íntimo do ser, como também acenaram para as linhas enrugadas da face, como a querer desnudar as marcas de sofrimentos que o senhor do tempo havia tatuado em seus corpos e almas.

Pra mim o tempo é o de hoje, o passado só deixou muito foi marca de sofrimento. [...]. Me deixou muitas marca pesada nas minha costa, rapaz. Me lembro mais lá, quero mais lá o passado, muitas marcas pesada. Essa história da gente trabaia demais pra viver, não, acaba com a saúde da gente, acaba com a resistência, a gente fica abatida. Na minha opinião, quando a gente trabaia muito que passa mais ou menos, tudo bem. Mais é um trabaio, passa fome. [...]. Eu passei muita fome trabaio, me lembro. Num quero relembrar o passado não, num me dá prazer recordar o passado. E, sofrimento por sofrimento, tá bom. E já passou, passou. (Luzia Maria da Silva, 73 anos. Entrevista gravada na comunidade de Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999)

---

28 Segundo Milton Santos (2000), com a globalização o lazer artesanal, aquele entranhado na sociedade, cede lugar ao lazer industrial globalizado, autonomizado. Esse processo de autonomização do lazer, por sua vez, transformou-o em uma indústria, cujo sistema é relativamente fechado e auto-sustentado. Cf. Milton Santos. “Lazer popular e geração de empregos”. In **Lazer numa sociedade globalizada**: Leisure in a globalized society. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

Embora os camponeses sejam vistos como pessoas dispostas a enfrentar qualquer tipo de trabalho, por tê-lo como algo positivo, que moraliza e protege homem e mulher dos vícios, o relato de Dona Luzia Maria da Silva deixou transparecer o quanto a sua vida foi duramente marcada pelo trabalho árduo e pelo sofrimento.

Nas páginas que se seguem, no lombo de cada palavra escrita, velhos vaqueiros encontrarão campo aberto para fazer galopar suas lembranças, laçando emoções e ferrando sentidos com a brasa épica de seus discursos.

## Quarta Parada

### Vaqueiros e comboieiros, por entre as picadas e veredas de roça<sup>29</sup>

Pelas paisagens sertanejas do Vale do Jaguaribe, até inícios da década de 1960, era comum verem-se bois, vacas e bezerros pastando livres, pois ainda não se fazia intenso o processo de cercamento das terras. Vaqueiro durante 35 anos de sua vida, o Sr. João Miguel de Sousa narrou ter, pelas várzeas do Jaguaribe, na direção da beira-mar, campeado gado de muitos fazendeiros.

Andei muito aqui nessa beira de praia. De Aracati pra cá, isso aqui eu já andei tudo atrás de gado. Porque os gado daqui, isso tudo era solto. A gente soltava os gado aqui, naquela rama, os gado descia aqui pra baixo, ía bater na beira da praia. Quando era assim im agosto, aí nós ia juntar, fazia aquela junta. Juntava um magote de vaqueiro. Nós tivemo de passar mês no mundo juntando gado, num sabe? Saía de lá com gado, nós trazia duzentas e tantas rês, trezentas, era assim. Aí, vinha ispaiando por esses fazendeiro, né? Porque nós ia, assim, pegava de todo o mundo, né? A onde

---

29 Nessa travessia, nove foram os guias: João Miguel de Souza, João André Filho, Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Francisco Girão Sobrinho (Chicada). Parte do conteúdo dessa quarta parada foi publicado em Chaves, 2008, com o título *Sertões do trabalho nos retratos da memória de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE*.



nós encontrava, pegava, né?  
 (João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Divertido, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

Cumprindo seu “ofício vaqueiral”, conforme escreveu Capistrano de Abreu (2000), entre outras atividades, cabia ao vaqueiro “amansar e ferrar os bezeros”, bem como “curá-los das bicheiras”. A prática de ferrar cada rês, inscrevendo, na orelha do animal, como mecanismo de identificação, as iniciais do nome do fazendeiro/proprietário, tinha por objetivo facilitar o trabalho do vaqueiro, quando este, sertão afora, se obstinasse na procura e recolhimento do gado.

Somava-se, a esses cuidados, a lealdade dos vaqueiros que, no dizer de Gustavo Barroso (1956), tinham a “obrigação moral” de dar notícias das reses que encontravam pelas ribeiras, matas e caatingas. Quando, por necessidade, fosse abatida alguma rês, conforme relatou o Sr. João Miguel, era compromisso dos vaqueiros prestar conta ao dono do animal.

Se matasse uma rês, aí nós... se fosse nossa, nós vendia e ficava pa cumer, num sabe? E sendo das outa fazenda, a gente apurava e entregava o dinheiro ao patrão, entregava lá pro dono, era assim. Tivemo de matar gado de Russa, aqui perto do Pirangi, nós matemo aqui, de Russa, aí a gente vendia e trazia o dinheiro entregava o home, né? Era bom rapaz, nesse tempo era bom.  
 (João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Divertido, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

Nas travessias dos ermos sertões, as fazendas eram, geralmente, pontos de parada para os vaqueiros reunidos em comitivas. Mais do que um local escolhido para repouso, as fazendas representavam espaços marcados pelo acolhimento, pela fartura, pela alegria da boa convivência, importantes moedas na economia moral sertaneja.

Ah! Rapaz, lá nós era, como se diz, bem acolhido, num sabe? A gente chegava naquelas fazenda, a gente num gastava nada, num sabe? Tinha ração para os cavalo, cumida pra gente, tudo. Era, nós fiquemo muito cunhecido no mei desse mundo, ficava cunhecido. Aonde nós ia, já sabia: - ‘os vaqueiro do Paiano, né?’ Aí, era bem tratado. [...]. Às vez tinha festa, nós ia. Era bom, rapaz. Acharva bom comostodo. (João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Divertido, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

Quando chegava ao fim a ajunta dos animais, era comum haver, no dizer dos velhos camponeses, alguma “brincadeira”, atividades lúdicas vinculadas à rotina de trabalho dos vaqueiros. A montaria para derrubada de animais, nas chamadas vaquejadas, constituía uma das mais concorridas formas de lazer, de sociabilidade.

De acordo com o Sr. João Miguel de Sousa, os fazendeiros não têm mais necessidade dos ofícios que eram reservados aos vaqueiros. Nas fazendas que ainda conservam áreas de mata, as chamadas “mangas”, vê-se o labor do vaqueiro dentro do próprio espaço da fazenda.

Mas, saí pra fora num sai, que os bicho num sai mais, né? Naqueles tempos não, saía e tinha que ir atrás, tinha que ir atrás. E é como se diz, o caba aonde achasse tinha que pegar, no mato, no limpo, aonde achasse tinha que pegar, porque se não, num trazia, né? Tinha que pegar.

(João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Divertido, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

Ao narrar suas artes de vaqueiro, em tom épico, exaltando sua própria coragem, determinação e destreza, o Sr. João André Filho parecia reviver, nas terras daquele que viria a ser seu sogro, a memorável perseguição a um boi “selvagem”, que ele se dispusera pegar.

Lá na hora que dissero que ia um herói espetar... Butaro até o apelido de herói. Chegamo lá tinha tanta gente, homes e mulhere, [...], o morador, os dois vaqueiro que eram acostumado correr atrás e perder a carreira. Cheguei lá, munto novo, forte, ele foi... Eu perguntei: - E agora, e o boi? Disse: - 'A vaca tá batendo chucal ali pertinho, o boi num larga a vaca, tá ali perto.' Saímos pra lá, ficou a multidão de gente pra ver a carreira, pra ver o resultado. [...]. Sostô existir um home pra tudo, né? Meu filho, quando eu me lembro dum negoço daquele! A pior coisa que eu vi na minha vida. Acredita? Foi o sirviço maior que eu me achei na minha vida foi aquele.

[...]. Fomo pra lá, os dois vaqueiro. Eu digo: - Vem cá, quando o boi vê a gente o quê que faz? Disse: - 'Falta passar pu riba da gente pra correr pra lá, pá ladeira da serra, que sabe que a gente num desce junto com ele, já tá salvo. [...]. Eu digo: - E agora? Ele disse: - 'Não corre pa ladeira ninguém. Num dé pa pegar daqui pra lá, a gente perdeu a carreira.' Foi passando perto, já tarra de manga tomada, aprontei o cavalo pra cima e aí vai me deitando po dibaixo da... do pau, dos pau, me deitando, e [...] olhei vinha um vaqueiro perto de mim, só um, a dispois passei o visto, num vinha mais nem um, já curria sozim. Correndo pá lá, pá serra. Quando chegou na serra, da carreira que o boi foi, desceu de serra abaixo. Eu empurrei o cavalo em cima, serra a baixo, e aí vai o dirmantelo. Adiante, eu pude pegar a cauda do... do boi, enrolei, encostei o cavalo, munto prático, encostei o cavalo em cima do boi, aí, vai... o boi tinha hora que descia de coca, sentado, tão apique era a serra. Vem cá, um cristão desse pensava o que na vida? (risos). [...]. Descemo a serra... Tinha um bebedor assim, que era onde ele bibia de verão, o boi sabia, que vivia lá. Da carreira que foi, correu em procura da cerca, do portão, entrou no bebedor. Risquei o cavalo... Ele entrou, ficou lá no fim. Fiquei parado, dei fé veio o dono do boi de pés no assêro, que nós vinha arriando tudo, um melapinto verde, um catingual, nós vinha tirando tudo. De longe eu

via ele dizer assim: - 'Ah! Meu Deus, se eu soubesse que aquele rapaz era doido daquele jeito, nunca que eu tinha mandado ele vim pegar boi; vou encontrar ele é morto. [...]. Voltamos pá trás. Quando chegamo lá na casa, já estava vendo a multidão de gente. Chegaro... Eu cheguei... Meu Deus do céu, esse povo era munto grito, munta palma. Eu vou lhe dizer, o mulheril que tinha lá, quase me derrubava do cavalo (risos), agarrado com a gente. (João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

A épica narrativa do Sr. João André, compartilhada por outros velhos vaqueiros, nos dá a dimensão do quanto esse tipo heroico era caracterizado pela aguçada sensibilidade auditiva, pelo olhar sagaz, pela coragem, altivez e força demonstradas, sobretudo, quando se embrenhava pelas matas e caatingas, na captura dos bois brabos (BARBOSA, 2000).

Tropeiros e tangerinos representavam outras modalidades de trabalhadores sertanejos. Responsáveis pelo transporte de mercadorias pelos vastos sertões. Eles dividiam funções nos chamados comboios, compostos por tropas de animais. O primeiro era o responsável direto pelo comboio, enquanto o segundo tinha por obrigação conduzir os animais.

Entre os núcleos rurais, outro meio de transporte utilizado na comercialização de mercadorias era o carro de boi. Segundo o Sr. Francisco Rodrigues Pitombeira, de longe se ouvia os “gemidos” das grandes rodas de madeira. Em seu livro **Na Ribeira do Rio das Onças**, com muita riqueza de detalhes, Lauro de Oliveira Lima (1997) assim descreveu a composição de um carro de boi:

[...] E lá vai o carro-de-boi, puxado por algumas juntas de boi, pachorento, chiando, arrastado pela estrada que ele mesmo abria, no massapê. Feito do rijo pau d'arco, rodas maciças com chanfraduras semilunares ou losangulares, arrastavam enormes cargas de mercadoria sustentada, lateralmente, pelos fueiros fincados, na mesa de madeira pentagonal, plataforma que, excepcionalmente, era utilizada pelas moças levadas, no carro-de-boi, para as feiras e festas da igreja. As juntas (havia carros-de-boi com até doze juntas) eram presas umas às outras pelo cambão ligado ao cabeçalho, a partir da primeira junta presa ao carro, chamado 'bois de coicé'. Os carros-de-boi foram o único meio de transporte de cargas, juntamente com os comboios de burros, durante toda a época colonial vindo até o século vinte, quando aparece o caminhão, não tendo sido, ainda, totalmente eliminado. Chegava a percorrer cerca de trinta quilômetros por dia, em época de verão. (LIMA, 1997, p.88)

Em virtude da lentidão dos comboios e carros de boi, de acordo com o Sr. Francisco Girão Sobrinho, uma viagem de ida e volta entre os sertões de Morada Nova e Cascavel chegava a demorar cerca de nove dias. Além da lentidão dos animais, a péssima qualidade das estradas, chamadas de "picadas" pelos velhos comboieiros, justificavam a excessiva demora no abastecimento de alguns gêneros alimentícios.

As longas caminhadas eram realizadas durante o período do dia. Depois de iniciada a viagem, nas primeiras horas do dia, fazia-se a primeira parada, por volta das dez horas da manhã, em algum lugar que tivesse água para dar de beber aos animais e para prepararem o almoço.

A gente levava a mercadoria da viagem todinha. Era carne, era... Alguma vez a gente levava feijão também, pra num comer só carne, né? A gente bu-tava um feijãozim no fogo. Era carne seca, carne de boi. A gente comprava essa carne na Aracoiaba, né? A carne lá era umas manta bonita, gorda, tinha a gordura de... um dedo de gordura na carne. Era boa, gostosa. A gente conzinhava e cumia, né? Uma noite o sono pegou, ficou tudo... todo, todo comer perdido, todo comer perdido. Não foi perdido, porque a gente cumemo bem cedim, no outro dia. À noite o sono pegou tudim (risos). Era bem seis que andava nesse tempo. Tudo pegou no sono, o derradeiro que pegou no sono fui eu, viu? (Francisco Girão Sobrinho [Chicada]. Entrevista gravada na comunidade de Palestina, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Após a travessia da tarde, era comum o grupo de comboieiro arrancar-se nalguma casa com alpendre, ou ao ar livre, pelos matos, onde fosse possível armar as redes nos galhos das árvores. Além do sereno e do frio que a brisa noturna trazia, os comboieiros conviviam com o receio de serem surpreendidos pela presença de alguma onça rondando o rancho.

Nós arranchava no mato. Quando não arranchava no mato, nós arranchava numa casa que tinha alpendre [...]. No mato, amarrava a rede nos pau. Aí, na noite de sereno, frio, que tinha vez que a madeira amanhecia o dia pingando, viu? Uma vez, passemos a noite todinha acordado com uma onça esturrando bem pertim. Você sabe aonde é os Pato, num sabe? Ainda hoje, quando eu passo lá, me lembro disso. [...]. Aí, uma noite, passou toda a noite fazendo fogo e a bicha chega fídia, bem pertim. Os animais tudo assombrado, vieram tudo pra encostado do fogo, os animais, né? Aí, a gente tinha muita lenha, muita madeira, a gente quebrava lá perto do fogo, só pertim, pra não sair por ali, podia ela tá esperando, né? Era seis. Um ainda durmiu, ainda. Que era mais durminhoco.

(Francisco Girão Sobrinho [Chicada]. Entrevista gravada na comunidade de Palestina, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Nos tempos em que se comboiava pelas veredas sertanejas, muitas foram as experiências vividas, cujos sentidos nos fazem enxergar um sertão em movimento, algo por acontecer, impossível de ser pensado e traduzido por inteiro.



## Quinta Parada

### **Nas caçadas, por entre matos de várzeas e caatingas<sup>30</sup>**

A relação dos camponeses com o mundo natural, para além das práticas agropastoris, acha-se mediada pela exploração dos recursos naturais que a mata lhes possibilita. Embrenhar-se pelo mato para caçar tatu, peba, preá, tamanduá, era ocupação comum nos sertões de outrora, sobretudo entre os homens. O corte e a queima da madeira, transformada em carvão, constituía-se, também, em expediente bastante utilizado como fonte de sobrevivência.

A farta memória dos caçadores de outrora fez produzir diversas histórias acerca das aventuras vividas no couro ou na perseguição a algum animal de caça. De maneira envolvente, em narrativas sem cortes, incisivas e com esmero de detalhes, debulhavam, em tons épicos, as caçadas realizadas nas várzeas, caatingas, serras e tabuleiros. Embevecido com a riqueza linguística e, por que não dizer, poética das narrativas, peço licença para deixar o Sr. Pedro das Neves, com seu jeito simples de falar, seduzir a imaginação de cada leitor com a descrição de duas caçadas, dentre outras tantas que o mesmo realizara:

Ah! cacei, cacei muito. Eu fui uma noite uma caçada, mais um amigo. O cachorro, ali negócio de doze e meia pra uma hora da madrugada, nós

---

30 Nessa travessia, nove foram os guias: João André Filho, Zacarias Francisco de Almeida (Isac), Francisco Abel Lino (Chico Abel), Estelita Crispim Gomes, Pedro das Neves Cavalcante, Antônio Ribeiro de Souza, Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Rosa Maria de Almeida e Américo Simão de Freitas.

vimo foi o bicho passar correndo e os cachorro correndo atrás, dento dum moitagal medonho, e o bicho chega parece que fazia vim... vim... vim... correndo e os cachorro correndo atrás, dois cachorro, né? Com pouco tempo, os cachorro acuaro: pê... pê... pê... Chegemo lá, era dento dum moitagal medonho, os cachorro ciscando, os cachorro ciscando... Aí eu fui, cheguei assim, prantei a mão no buraco, era chei de foia. Eu prantei as mão dento do buraco puxando as foia pra trás, puxando as foia pra trás. Que quando eu butei assim a mão, entrou assim mais uma coisinha a mão, quando eu dei fé foi pá... O bicho me agarrou mermo aqui assim, quando me agarrou... Oi! Suquiei a mão pra trás, aí o camarada disse: - “O que foi?” - Rapaz, o bicho me pegou. O sangue desceu aqui no meu dedo. - “Rapaz, o bicho lhe pegou?” Ele disse: - “rapaz, você é doido, isso é uma cascavel, valha-me Nossa Senhora!” Finado Chico Cândido. - “Valha-me Nossa Senhora.” Eu digo: - Não, tenha calma, o bicho é pintado, o bicho é pintado. - “Ora, é uma cascavel!” - Não, pera aí home. Aí, eu sai mexendo aqui, aí eu fui com essa outa mão, fui ajeitando, fui ajeitando, quando dei fé o bicho meteu dos pé, bateu aqui. Ôpa! Eu peguei, peguei. O bicho roncando aqui, roncando aqui... E ele foi só dizer: - “Ô tatu medonho, rapaz!” E eu agarrado no tatu aqui. Aí, ele foi, só agarrou o tatu, quebrou o pescoço do tatu. E eu, fiquei ali. Tem outa

coisa! E eu fui ajeitando o buraco, fui ajeitando o buraco, quando descobri um bicho pintado. Eu digo: ôpa, um bicho pintado aqui que é um medonho. Aí, fui tirando as foia do buraco, fui tirando as foia do buraco, aí o bicho sugigou, o bicho sugigou aqui. Quando o bicho sugigou, eu agarrei, imprensei o bicho dento. – “Rapaz, você ainda...” Não! eu agora tiro. E eu fui puxando o bicho, fui puxando, agarrei mermo nos garguelo. Era um tejo que era um medonho. Esse tejo foi quem me mordeu, viu rapaz? Foi esse tejo, que me mordeu. E, fim de conta, eu tirei três tejo desse buraco, dois camaleão e um tatu. E agora, como foi o fim da história? O negócio, que o tatu vinha muito aperriado, entrou na casa do camaleão e do tejo, né? Entrou na casa, eles estavam dento, né? O tatu ficou de banda, o tejo ficou na frente, quando eu enfiei a mão ele se assuziou com a entrada do tatu, né? Quando eu enfiei a mão ele me agarrou, né? Aí, pronto! Se fosse outo esmorecido, já ia logo morrer, foi uma cascavel, né? E eu não! Não, vamo ver o negócio como é que é, né? Se eu arrastar uma cascavel, arrasta pra fora nós mata, né? Cadê? Matemo um tatu, três tejo e dois camaleão nesse buraco só, né? Aí, foi uma feira, foi uma caçada medonha, né?

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

No mesmo fôlego e com o mesmo tom épico, o velho Pedro das Neves seguiu narrando a aventura vivida na Serra da Volta, além do minucioso conhecimento que guardava acerca dos animais de caça do mato.

Outa vez, eu fui uma caçada mais um cunhado meu, mas ele ainda era solteiro, na Serra da Volta. E diziam que por lá tinha onça, num é? E os cachorro num achava nada num matagal medonho, no baixil da serra, uma altura medonha os pau, né? Quando eu dei fé, os cachorro tava acuado, os cachorro tava acuado. Arrastemo pra lá. Que quando nós chegemo lá, era uma catanga, era um mau cheiro medonho. Eu, vixe Maria! Os cachorro acuado dento da moita e nós só via o ribuliço do bicho dento da moita. Aí, eu disse pro camarada: sabe duma coisa? É a onça! Ô, meu amigo, pra que eu disse isso. Quando eu disse é uma onça, quando eu dei fé o home meteu o pé na carreira por dento do mato e lá vai. E eu, agora eu faço como diz o dito, num havia de ficar só, corri atrás. Que é isso fulano? Que é isso fulano? Barra aí fulano! Barra aí! Até que mais lá na frente, ele esbarrou. Quando esbarrou, vamo o meno chamar os cachorro, vamo meno chamar os cachorro, os cachorro ainda ficou acuado. Aí, nós chamemo os cachorro, quando foi um pedaço, os cachorro deixaro lá, viero. E ele, desse jeito: - 'é a onça, é a onça, vamo correr...' Com medo! - 'É a onça.' Mas,

ninguém num sabe o que era. Pudia até muito bem num ser a onça, porque só tinha uma catinga medonha, né? Nós sentia. Dizem que o bicho é fedorento, né? Eu num sei! Mas, nós num vimo nada fora essa zuada dos cachorro e ele achando que era onça, né? A gente via nas areia era o rasto da bicha, né? Pudia até ser, né? Mas, ninguém num sabe como era.

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

A relação com a natureza fundamentava, sobremaneira, as percepções, os raciocínios e os sentimentos dos camponeses. Imerso em sua subjetividade, o Sr. Antônio Ribeiro de Souza expressou toda a sagacidade com a qual percebia e sentia o mundo natural, a mata, os animais, seus rastros, seus sexos, suas anatomias.

Munto! Tatu, peba, até viado. Hoje, a vista num dá mais não. Mas, também passou uma caça eu sabia se era macho ou se era feme. O veado, o veado ainda hoje eu cubando, eu vendo, tá muito difícil aqui, mais eu cubando o rasto dele eu sei se é macho ou se é feme. Sabia! Enquanto a vista der eu sabia. Uma rez se era um bezerro, pelo rasto eu sabia se era um bezerro ou se era uma bezerra.

(Antônio Ribeiro de Souza, 73 anos. Entrevista gravada na comunidade de Brito, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

Gustavo Barroso (1956) apresenta-nos o olhar atento dos velhos camponeses, cuja sagacidade os faz inquisidores e decifradores dos sinais que os bichos deixam no mundo a sua volta:

Uma manhã, estava sentado à porta quando chegou um vaqueiro perguntando notícias de um animal sumido. Antes que êle dissesse que casta de bicho procurava, o velho indagou:

- ‘Será uma bêsta torta do ôlho direito, castanha escura, de saia comprida?’

O outro respondeu afirmativamente. Ergueu-se, deu as indicações do lugar onde ela pastava.

Então perguntei-lhe se tinha visto a bêsta. Disse-me que não, porém andando a cavalo muito cedo, de madrugada, pelas várzeas, vira rastros de um animal de fora. Sabia que era uma égua, porque não pisara na urina, que era cega do ôlho direito, porque a pastagem da vereda só estava comida do lado esquerdo, que tinha o rabo comprido, porque deixara fios agarrados às tiriricas rasteiras, e êsses fios eram castanhos-escuros... (BARROSO, 1956)

Extraordinária é, pois, a capacidade que os camponeses têm de observar e de se relacionar com o mundo natural, cuja perspicácia foi, para mim, um importante recurso de inspiração metodológica, porquanto, assim como eles, eu deveria também fazer do meu discurso historiográfico uma atribuição de sentidos, buscando interpretar os modos de viver e trabalhar, histórica e culturalmente construídos em seus espaços.

Casado desde outubro de 1954, o Sr. João André relatou que iniciou essa fase de sua vida “prantando um feijãozim” em uma terra arrendada do próprio sogro, localizada na Lagoa da Salsa, comunidade rural do município de Jaguaruana, situada na Chapada do Apodi. Mobilizado pelas dificuldades, mas, sobretudo, pelo prazer, o velho João André revelou que, depois de um dia de trabalho, ainda reunia disposição para adentrar no mato, na companhia de seu cachorro, para caçar alguma presa escondida nas touceiras ou pedras do caminho.

Eu comecei a minha vida pobre, sem nada. [...]. Mas, que eu fazia o seguinte: trabalhava o dia todo sozinho. As crianças, o mais véi tinha quatro ou cinco ano. Trabalhava o dia todo e a disposição não faltava não. À noite, não toda noite, sempre possuía um cachorro bom, à noite ia caçar. Ora, pra amanhã num tinha despesa de carne, amanhecia lá, que nem a história matuta, amanhecia dipindurada, nera? É... Ói, a mulher as vez dizia pra mim: - “Ô João, rapaz, tu não é de aço não. Passa o dia trabalhando e caçar de noite.” Não, porque precisa, deixa eu ir. Saía, antes da meia noite tava chegando com caça, porque tinha munta. O cachorro era bom.

(João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999)

Alimentado por uma visão positiva do trabalho, o Sr. João André nos faz compreendê-lo como tema central na vida camponesa. Assim, em cada narrativa, foi-me possível perceber o

quanto a caça noturna representava, também, uma atividade lúdica indispensável para a manutenção e variação do cardápio alimentar da família camponesa. No silêncio da noite, no repouso camuflado dos bichos da mata, a aventura da caça misturava-se em um fluxo de trabalho e lazer, de necessidade e prazer, fossem em períodos de seca ou de grandes invernações.

Caçava de noite. Eu saía daqui com a espingarda, saía puraqui... Cansei de dormir no mei dos camim, atrepado no pau esperando veado [...]. Quando eu chegava lá em casa, lá no Tabuleiro, as luz tinha se apagado [...]. A minha vida era essa. [...]. Era o tempo... agora eu faço como o outo, num tinha... tanto fazia ser no inverno como na seca, porque eu gostava, gostava mermo.

(Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

No fluxo entre o presente e o passado, o Sr. Zacarias Francisco de Almeida acentuou que outrora não se via a miséria que hoje se faz desnudada sertões afora: “Eu saía daqui, [...] quando dava fé chegava com quatro, cinco nambu em casa. Saía, pá lagoa, matava um cágo, matava uma marreca e tudo era assim. Eu criava os porcos aqui, criava uma criação, era solto no mato, ninguém dependia nada daquilo não.”<sup>31</sup>

---

31 Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999.



Da sua experiência de caçador, o Sr. Francisco Abel Lino extraiu a variedade de caça que se podia encontrar na mata, dando destaque para duas emas que havia caçado.

Caçava! Tinha uma pareia de cachorro, que eu num rolava não. Era peba, era tatu, era tamanduá, até ema nós peguemo. De noite nós caçando, eu mais outo companheiro, os cachorro acuaro um tatu, nós tava cavando. Aí, os cachorro sairo assim, que com pouco tempo lá vem o trupeliço de lá pra cá e o cachorro granindo. Aí, tinha... O meu companheiro era um tal de Dedim. O cachorro vinha correndo atrás da ema [...], e eu gritando: pega a ema Dedim, é uma ema! Os cachorro derrubaró, assim pertim. Aí, peguemo duas nessa noite. Mas véi, nós butemo num jumento no outo dia essas ema amarrada no juêi, uma dum lado, outa douto e atrevessemo numa cangaia, o pescoço vinha arrasando no chão.

(Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravava na comunidade de Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000)

As referidas emas serviram de prato principal para o jantar do Sr. Raimundo Maia, um comerciante da cidade de Limoeiro do Norte, que, a caminho do Barracão de Santo Antônio, no município de Russas, havia buscado abrigo na casa dos pais do Sr. Abel.

Mas, era umas ema véia que dava, só a carne, tirada da ossada, dez quilo, nós pesemo. E era gorda! E aí, tinha um tal de Raimundo Maia, que sempre passava com uma carga pro Palhano, e chegou lá em casa e se arranchou-se pra dormir; e, no outo dia, ir pra lá, pro Barracão, que é o açude do governo aqui. [...]. Aí, quando foi de noite meu pai disse: - “Raimundo [...] vamo jantar.” - “Vamo!” Aí, entrou lá pra mesa. Aí, essa carne, dessa ema, é ver carne de gado, a gordura é do mermo jeito. Ele comeu e num sentiu que num era carne de gado. Mas... Ele dizendo: - “Seu Abel, mais ô boi gordo.” O meu pai disse: - “Mais era muito gordo” (risos). Aí, quando acabou de comer, o meu pai perguntou: - “Seu Raimundo, o que foi que você comeu? Que carne era essa?” Ele disse: - “Era de boi, era de boi, seu Abel.” - “Era nada, seu Raimundo, você comeu foi carne de ema.”

(Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravava na comunidade de Bixopá, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000)

Para que a carne da ema ficasse saborosa, foi preciso alguns cuidados indispensáveis ao preparo da mesma, assim como de outros animais de caça. O segredo está em escaldar a carne, acompanhada do pó do carvão ardente, o qual, depois de pilado, era enrolado em um pedaço de tecido. Segundo o velho Abel, o carvão tem a propriedade de absorver o aroma desagradável presente na carne do animal a ser cozinhada.

Apesar da atividade da caça noturna ser essencialmente masculina, a mulher participa da mesma, na medida que tem a responsabilidade de transformar o produto da caça em alimento para toda a família.

Mas, aí, sabe o que nós fazia pra escaldar a carne? A gente pegava um taxo grande, butava a carne todinha dento, pegava um retaió, um pedacim de pano novo, pisava o carvão vivo, o carvão aceso, né? Nós butava no pilão e pilava. Fazia uma troxinha desse... do pó do carvão e bota dento da água. A catinga da carne, passava todinha pro carvão. Ensinaro isso. Passou todinha! Você comia, dizia: Oi! carne de gado. Porque é muito parecida. A carne de ema é a merma coisa de carne de gado. É da merma gordura, do mermo jeito.

(Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravava na comunidade de Bixopá, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000)

A despeito da caça ser uma prática mais comum aos homens do sertão, Dona Estelita Crispim Gomes relatou as aventuras que viveu na companhia de um filho ou do marido. Apesar do prazer que sentia ao andar pela mata no período da noite, seu coração maternal a impedia, por assim dizer, de continuar varando a noite na caça dos bichos do mato.

Eu ainda inventei de caçar mais meu caçula. Nas Melancias, tinha muita caça, né? As vez, nós saía de noite: - “rumbora mãe, dá uma volta nos

mato.” - Rumbora! Ele tinha um cachorro muito bom. Tinha dias que a gente matava, tinha dias que num matava, né? Aí, dava umas volta, a gente se sentava no mei do mato. [...]. Mais meu marido mermo, lá nas Melancias, eu ainda cacei também. Uma noite nós saímo pra caçar e tinha parado de chover, né? Aí, nós tinha um cachorro bom, aí nós fumo caçar à noite, boquinha da noite. Deixei os menino tudo dormino. E ele: - “você vai deixar esses menino dormino, essa menina se acorda aí.” - Não, mais ela tá mais essa menina aí, que era essa mais véia, ela num vai se acordar assim fácil não! Nós saímo, quando o cachorro tirou uma caça, lá vem, lá vem pra nossa percura aí imburacou. Aí, eu tive pena, eu chorei com pena nesse dia. Ele começou a cavar e começou a tirar os bichim deste tamanho, era tatuzim, o corim, o cascuzim bem molim, eu butando na saia, né? Mode o cachorro e o cachorro doido pra tirar. [...]. Tirou três bichim. Eu digo, caça a véia que tá embaixo, ele passou a mão só deu só lama. [...]. Aí, os bichim pequeno, eu tive pena e num levei pra casa. Tinha um barranco, assim mode um buraco, eu fui coloquei de novo, mandei ele colocar, se a véia saísse pegava os bichim. Aí, nós fumo embora. Nam, se é pro mode eu ter pena e chorar com pena dos bicho, ramo simbora pra casa. [...]. Ave Maria eu achava tão bom andar assim no mato, caçar, é bom caçar de noite.

(Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

Nos relatos de Dona Estelita, a autonomia e o sentimento de prazer dimensionam o quanto a atividade da caça representava um momento lúdico, marcado pela liberdade e pela autonomia, valores internalizados na cultura camponesa. Recuando um pouco mais nos tempos de suas memórias, Dona Estelita parecia recordar-se de todos os momentos que já vivera. Nesse retrospecto minucioso, espraiou as lembranças que guardava das caçadas realizadas por seu pai.

Meu pai era caçador, meu pai era caçador fino, tinha espingarda. Ele morando nas Cacimba do Amoré... Tem um tal de mocó, né? Um bixão deste tamanho. O senhor, eu acho que num conhece, não. É maior do que um preá, bem vermei. Ele chegava com a cintura cheinha daqueles bichão. Aí, nós dizia: papai e a gente come isso? “Come, isso aqui é uma caça boa.” De fato que era mermo. Pelava na água quente, o corim ficava tão limpim, vê coró de porco quando a gente pela. A mãe butava no fogo, nós comia aquela caça, achava tão bom. Era, papai matou muito. Papai tanto matava veado, como matava esse porco espim. Num tem esse porco espim? Papai chegava com os coró dos bicho pra nós vê. Ele vendia, num sabe? As vez tirava o pedaço da ureia pra nós vê, pra conhe-

cer. Ele matava veado também, matava peba, um tatu bola que ele diz que fica que nem um coco. É bom, caça boa. Agora eu mermo, depois que peguei doença, eu num como não, essas coisas não.

(Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

Atento à maneira sóbria e educada de falar do Sr. Chiquinho Pitombeira, pude observar, em seu olhar, um fulgor de tristeza ao revelar que, para além da falta de invernos, que dificulta o incessante trabalho de mutação da natureza, e, ao mesmo tempo de conservação do seu equilíbrio na preservação da vida, o homem tem, constantemente, agredido e depredado o mundo natural.

O povo já devorou suas madeira. Tudo que tinha nas terra, acabou-se como as madeiras. Tava vivendo era disso, dessa arrumação, ir no mato cortar a madeira. [...]. Quem é que tem madeira mais hoje? [...]. O cerca-do caiu tudo, porque num tem mais madeira, tem não. Também pegou esses inverno... Se houvesse pelo meno inverno bom, a madeira também num tava morrendo, os madeiral era tudo chei de madeira. Quem é que vê hoje? Você vem dacadá pra cá só é toco, garrancho, estrada por cima de serrote. Cadê, das Bestas pra dento, cadê a madeira? Cadê aquela chapada de chão que tem ali, que vai sair na

Russa, aquilo era chei de mato. Tudo [...] tirava lenha, cadê hoje? Cadê essa lenha hoje? Num sei por donde eles vão agora, tirar lenha.

(Francisco Rodrigues Pitombeira [Chiquinho Pitombeira], 86 anos. Entrevista gravada em Riachinho, localizado no município de Russas, no dia 22/10/1999)

Ao recordar o tempo que marca a vinda de sua família para a Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, Dona Estelita lembrou que seu genro chegou a matar animal de caça praticamente no “terreiro” de sua casa.

Tinha, tinha muito mato aqui. É porque brocaro muito. Isso aqui, tudo isso aqui era mato. No ano que eu cheguei pra morar aqui era mato. Aquele meu genro, no ano que nós chegemo aqui, ele ainda matou caça aqui, tão fechado era os mato aí. Ele morava nessa casa aí do mei, num tem uma casa de taipa aí no mei, né? Ele morava ali. Tinha um cachorro muito bom, o cachorro saía quando ele via era o latido do cachorro, chegava lá era uma caça. (Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

Apesar da valorização épica presente nas narrativas, embalados, talvez, pelo entusiasmo que o ato de recordar propiciava, foi-me possível observar, no discurso de alguns camponeses, certa consciência acerca da desagregação do mundo

natural, cuja causa estaria na prática do desmatamento voltada, sobretudo, para a fabricação de lenha. A acentuada diminuição dos bichos de caça estaria diretamente associada à referida prática. Para o Sr. Zacarias Francisco de Almeida, o que hoje se vê “é uma sementinha no mundo pelejando pá viver já, né? Rapaz, parece que vai se acabando. Aonde a gente tira que num bota, se acaba, né? Ó! Munta gente e os mato pouco, é munta gente e os mato pouco”.<sup>32</sup>

Se as paisagens de outrora enchiam os semblantes camponeses de júbilo, evidenciando a forte identificação que os mesmos têm com a natureza, no presente o ambiente natural é representado pelo espectro da destruição e da morte promovidas pela relação predatória que, paradoxalmente, homens e mulheres do sertão mantêm com a mesma natureza que seus olhos e corações contemplam. A esse respeito, o Sr. Isac demonstrou ter total clareza quando afirmou que os próprios camponeses contribuíram para a destruição da paisagem nativa da região, independente de a estação climática ser de seca ou de chuvas rigorosas.

Porque nós acabemo, né? Tirando madeira, nós tiremo tudo. É, pra vender, fazia caivão. Sim, de seca e de inverno, fazer caivão, né? Fazer caivão. Nós cortava a madeira, fazia o caivão, aí ia vender lá na rua numa carrocinha, ia vender lá. E, quando era solteiro não, eu cortava madeira, estacote, estaca, pra vender o finado Pedo Ciço Mato que eu acho que já morreu já, lá da Várzea. Ele comprava um mieiro por cinco mil réis, um mieiro de estaca, um mieiro

---

32 Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999.



de estacote, cumprava por cinco mil réis, ele comprava e era dinheiro.

(Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

Oriundo da carbonização da lenha, em fornos artesanais, o carvão constitui um produto de origem florestal. Ao compartilhar espontaneamente suas lembranças, Dona Rosa Maria de Almeida, esposa do velho Isac, relatou que, paralelo ao trabalho na agricultura, ela e o marido trabalhavam na produção de carvão, durante toda a semana, e os afazeres estendiam-se noite adentro. Aos sábados, no lastro de uma carroça, toda a produção semanal era transportada para a cidade de Russas, onde era comercializada.

Às vez, os minino tudo piquininim durmindo. Nós dois num... butava pá durmir e nós ia fazer carvão, nós dois. E eles tudo durmindo, nós dois ia durmir onze hora da noite, doze hora, fazendo carvão, imalando aquele carvão todim, cobrindo, tocando fogo pá no outo dia nós ter, ir po mato cortar madeira pá tornar a fazer outa carrada. Quando era dia de sábo, ele saía daqui mais um pererecazinha com as carrada medonha de carvão pá vender im Russa, im carroça. E eu ficava. E, po último, os minino foram crescendo, eu ia mais os minino e ele ficava fazendo carvão. Eu ia, fazia a feira, nós já sabia onde ia depositar aquele carvão. Aí, quando nós... Os minino...

Eu tinha um que era bem, bem inteligente, o mais véi, aí: - “mãe, a mãe fica aí, que eu vou fazer, vou comprar as coisa”. Aí, eles cumprava de tudo. Nós butava nessa carroça, disabava. Chegava aqui uma hora, duas hora da tarde. Eu criei quais tudo desse jeito, quais tudo mermo desse jeito. (Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 25/08/1999)

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Sr. Américo Simão de Freitas revelou ter trabalhado “torando” madeira (escoramento, caibro e linha) para ser vendida na cidade de Fortaleza. A partir dos anos de 1980, passou a se dedicar, exclusivamente, à extração da lenha para abastecer o mercado local, ou seja, o município de Russas.

Eu vendia na Furtaleza, tinha lá os meu patrão. Eu cortava aqui. Ele mandava passar a semana carregando, quando era no sábo eu ia buscar o dinheiro pá pagar os trabaiaador aqui. Eu trabaiaava com dez, doze, quinze e até com vinte home, eu trabaiaava. Quando era sábo, eu ia trazia aquele dinheiro pá fazer aquele pagamento, graças a Deus. [...] trabaiei muito, tirei muita madeira na terra do Edson Queiroz e era desse jeito, eu tirava madeira de todo canto. [...]. Aí, passemo, passou-se pá essa lenha. Aí, pronto, deixemo de ir pra Furtaleza (risos). Que a lenha é só daqui pra Russa, daqui pra Russa.

(Américo Simão de Freitas, 79 anos.  
Entrevista gravada na comunidade da  
Lagoa Grande, localizada no municí-  
pio de Russas, no dia 23/08/1999)

Tomando como referência a região do Baixo Jaguaribe, no Ceará, e com base nos relatos de memória acima apresentados, podemos inferir que a produção de estaca, caibro, linha, lenha e carvão tinham, nas décadas de 1960 e 1970, destacada importância dentro da economia camponesa.

A excessiva exploração dos recursos da natureza, empreendida pela população rural, pode ser justificada pelo amplo processo de pauperização que as relações de poder e exploração têm imposto à comunidade camponesa, sobretudo ao longo do século XX, mais notadamente a partir da década de 1970, com a chamada “modernização” do meio rural, patrocinada pelo Estado brasileiro. A referida política de “modernização” do campo obrigou o camponês a empregar maior parcela de tempo no trabalho voltado para a produção comercial, fosse explorando seu próprio pedaço de terra, ou vendendo sua força de trabalho, o que o tornava cada vez mais dependente. Portanto, não é a seca a causa exclusiva do empobrecimento e da miséria que se estende pelos vastos sertões, esta apenas torna mais desnuda as condições de vida a que estão submetidas as famílias sertanejas (ALBUQUERQUE JR, 1988).

A partir dos anos de 1970, especialmente da década de 1980, verifica-se, em toda a região do Baixo Jaguaribe, principalmente no município de Russas, a expansão do número de pequenas olarias e de indústrias de cerâmica. Conforme dados obtidos no Diagnóstico Florestal do Estado do Ceará, de 1993, podemos verificar o número de cerâmicas existentes em cada município onde foi realizada a pesquisa de campo:

Russas (68), Alto Santo (12), Limoeiro do Norte (09), Palhano (07), Quixeré (06), Morada Nova (04), Jaguaruana (03), São João do Jaguaribe (03), Itaiçaba (02), Tabuleiro do Norte (02), perfazendo um total de 116 cerâmicas. De acordo com dados fornecidos pelo IBAMA, à época, o município de Russas concentrava, aproximadamente, 25% das cerâmicas existentes em todo o Estado do Ceará. Por essa razão, pouco mais de 80% do consumo de energéticos florestais do município são utilizados nesse setor industrial (BRAID, 1993).

Embora ainda existam grandes áreas de caatinga e de mata nativa, não resta dúvida que o processo de expansão da indústria cerâmica contribuiu, em boa medida, para a destruição de uma considerada parte das reservas de madeiras existentes na região. O elevado consumo de produtos florestais como fonte de energia, ao mesmo tempo que incentiva o desmatamento e constitui-se em um poderoso agente de poluição, proporciona a geração de empregos e aproveitamento da mão de obra local, fatos que garantem um aumento da renda familiar de diversas famílias de trabalhadores rurais que exploram a floresta para sua sobrevivência. Em seu depoimento, o Sr. Américo Simão de Freitas oferece uma visão da dinâmica desta exploração.

Aqui, tem um bucado de gente que corta lenha. Tem um fio meu, tem um genro ali que trabaia com vinte tantos home, trinta, dois caminhão, mora bem aí. Tem dois caminhão, uma mercede e um chevrolet. [...]. Só um carro, tem dia que dá três carrada de madeira. Mas, eu mermo deixei de trabaia. Agora num sou nem... Como se diz? Num trabaio nem de roçado mais, que num aguento. Trabaia agora aqui dento de casa, os fi dando uma

coisa, outo dá outa e eu vou vivendo.  
 (Américo Simão de Freitas, 79 anos.  
 Entrevista gravada na comunidade da  
 Lagoa Grande, localizada no municí-  
 pio de Russas, no dia 23/08/1999)

Segundo Dona Estelita Crispim Gomes, era comum, à época da realização de nossa entrevista, 1999, muitos camponeses passarem a semana trabalhando no corte da madeira, retornando para casa somente na sexta-feira ou no sábado. Além de venderem a madeira para as cerâmicas, as pessoas que trabalhavam nessa atividade também estabeleciam um regime de troca da madeira por tijolos e telhas, com o objetivo de construir suas casas de alvenaria, deixando para trás as velhas construções de taipa. Dessa forma, não só o madeiramento do telhado, como a alvenaria e as telhas, parece compensar os prejuízos causados à natureza pela prática do desmatamento. Nesse sentido, as casas representam um composto de fragmentos dos tempos antigos, ou seja, nelas sobrevivem os vestígios que o tempo não conseguiu apagar.

Durante o período chuvoso, correspondente aos meses de janeiro a maio, a ocupação da mão-de-obra na atividade florestal sofre um arrefecimento pela quase completa absorção da mesma pelo setor agrícola. Por essa razão, e, sobretudo, pela presença mais regular das chuvas, as olarias chegam praticamente a encerrar suas atividades, enquanto as cerâmicas reduzem em até 50% a sua capacidade produtiva. Só a partir do segundo semestre é que a atividade florestal volta a crescer (BRAID, 1993).

Deixando para trás os rastros dos bichos de caça e dos cães farejadores, assim como as trilhas abertas pelos camponeses na extração dos recursos florestais, seguiremos o itinerário das atividades cotidianas que marcam a normalidade da vida

sertaneja. Na próxima parada de nossa travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe, somos, desde já, convidados a interpretar as paisagens que expressam a relação dos camponeses com as águas, com os rios, açudes, lagoas...

## Sexta Parada

### Nas pescarias de rios, açudes, poços e lagoas<sup>33</sup>

Pelos sertões das águas, divisei paisagens guardadas na memória e nos reflexos da alma camponesa. Em cada relato, avistava cenas cotidianas que muito me faziam refletir sobre a importância das águas na vida daqueles que, amiúde, experimentam a escassez das mesmas.

Assim, em cada travessia, guiado pela memória de algum narrador, imaginava-me em meio aos aguaceiros das grandes invernadas, ouvindo o estampido dos trovões seguindo à brevidade luminosa dos raios. Pungentemente marcadas pelo signo da saudade, as lembranças das copiosas chuvas pareciam fazer correr rios e riachos, sangrar açudes e lagoas, poços e barreiros. Em uma profusão de reminiscências, a pesca emergiu como uma das atividades mais representativas dos modos de viver e produzir da gente do campo.

No Canto da Cruz, comunidade rural do município de Palhano, a relação dos camponeses com as águas pareceu-me ainda mais marcante, pelo fato, talvez, da mesma estar localizada às margens do rio Palhano.

Na época de quarenta mermo, se eu for fazer a conta, eu vivi mais dento d'água do que dento de casa. Houve inverno, né? Aí, as condições num prestava nesse tempo, eu e a famia

---

33 Nessa travessia, cinco foram os guias: Raimundo Delfino Filho, João Delfino Bezerra, Altina Delfino dos Santos, Maria Sinhá de Souza e Estelita Crispim Gomes.

toda dento de casa. Eu trabaiava no roçado. Quando dava as três hora da tarde eu vinha mimbora, às vez ainda ficava água na cabaça. Trabaiava... trabaiava... trabaiava... Quando era as 11 hora, eu saía assim no mato caçando umas fruita de cardeiro. Você conhece o que é cardeiro? Apôs, cardeiro é um bicho espinheto. Só caçando as frutinha de cardeiro, cumia aquelas frutinha de cardeiro por lá e vinha mimbora. Aí eu chegava aqui, o fogo apagado. As muié fazendo os chapéu, fazendo as trança, custurando. [...]. Aí eu pegava a tarrafinha miúda, aí eu ia pro rio e tava correndo, tinha inverno, tava inverno. Eu ia pro rio, butava aquela chama e pescava por ali. Quando chegava com aquela colônia de pato, assim, piabinha, essas coisa, [...] a muié inda ia pra buodega comprar farinha [...]. Ia trocar [chapéu] por farinha, por gênero, né?

(Raimundo Delfino Filho, 87 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 26/10/1999)

O rio constitui-se uma importante fonte de sobrevivência para as famílias camponesas. Mergulhado em suas reminiscências, o Sr. João Delfino Bezerra operou, em seu relato, a relação de dependência que o mantinha ainda mais vinculado à natureza, dela retirando o alimento, o sustento de toda a sua família. Se na terra semeava o feijão e a mandioca, transformada em farinha, nas movimentadas águas do rio entregava-



se, pacientemente, à atividade da pesca, fazendo emergir, das barrentas águas, os peixes que serviriam de complemento às refeições diárias.

Eu gostava de pescar e mermo era obrigado porque nós tinha cumer, mas num tinha o dinheiro, tá compreendendo? Nós tinha, é, nós tinha tudo dento de casa, tinha feijão, tinha a farinha, mas num tinha o dinheiro, porque a gente num ganhava, né? Ninguém num ganhava isso assim. Agora o cumer tinha, mas dinheiro não. Aí, era o jeito o camarada ir percurar no rio, né? Pra cumer.

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999).

Mais do que uma importante fonte de subsistência, os rios, açudes, lagoas e barreiros propiciavam, através da atividade da pesca, momentos lúdicos de prazer, lazer e descontração. Ao recordar o tempo de suas pescarias, o Sr. João Delfino Bezerra foi, por assim dizer, ao encontro dos amigos, com os quais dividia as artes da pesca. Para esta, não se utilizavam de anzol, landuá ou tarrafa,<sup>34</sup> acessórios comuns nas atividades de pesca. No dizer do velho João, a “pescaria era de mão”, realizadas nos poços naturais, os quais, em épocas de fartas chuvas, acumulavam grandes volumes de água e de peixes. Em razão da área inundada, em forma de poço, não ser tão extensa, ao grupo de amigos era possível, com os braços, movimentar as águas represadas. No estético balançar das águas, ouriçados fi-

34 Utensílios de pesca usados por aqueles que praticam atividade de pesca nos rios, açudes e lagoas da região do Baixo Jaguaribe.

cavam os peixes, tornando-se, de certo modo, presa fácil para as mãos ágeis e habilidosas dos pescadores.

Eu nunca deixei, agora vim pegar a tarrafa num dia... num tempo desse pra cá, tá rendo? A minha pescaria era de mão, só pescava de mão, só pescava de mão. Mas meu irmão, nós ajuntava aqui oito, nove pessoa, entrava dentro dum poço, era um balançar d'água bonito (risos), era um balançar d'água bonito, no instante o peixe chegava as nossas mão.

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Em sua relação com as águas, os camponeses elaboram uma imagem de si, na medida em que inventam suas práticas e dão significado aos recursos naturais com os quais se acham integrados pelas vias dos sentimentos e das tarefas diárias. Por não praticarem uma economia monetarizada, os afazeres cotidianos desenrolam-se motivados pela lógica da necessidade (THOMPSON, 1998).

Assim como o irmão, João Delfino, Dona Altina Delfina dos Santos, ao relembrar as pescarias realizadas na companhia das amigas, fora tomada por uma vertente de emoção desperpada pela força de um passado que nela ainda sobrevivia:

Graças a Deus, era minha save e guarda era a minha tarrafa. O marido num sabia pescar, eu pegava o vistido, nesse tempo num usava essas calça não, a gente tinha era o vistido pa vis-

tir. [...]. Eu chegava com o uru de peixe, piaba... Nunca, graças a Deus, eu cheguei do rio com a bolsa seca. Pegava peixe bom! Mas também aquele pobe que passava, que me pidia, eu nunca negava, eu dava. Um home me tirou o retrato eu pescando dentro do buraco, ele disse: - “dona, se ponha em pé, bote a tarrafa na cabeça.” Eu pus im pé, botei a tarrafa na cabeça, ele se rindo, aí tirou o meu retrato. Mais aqui no Paiano num saiu não, saiu na Furtaleza. Quem conheceu lá foi a Julia da Rufina. [...]. **[A sua foto saiu no jornal?]** Saiu, diz ela que saiu, num sei não, foi lá na Furtaleza. [...]. Pescava de noite era de anzol. Eu ia distância duma légua, pescar de anzol. Levava a lamparina, levava a tarrafa, ia mais de oito pessoa mais eu, mais quem dava as piada pa pescar era eu. Quando ali, o sol ia querendo se por, pantava a tarrafa pa riba era no instante, pantava, era piaba aí com fartura. [...]. Mas, quando nós vinha, era uma rodana de traíra, cada uma traíra. Ia pescar de linha solta, chegava lá tacava essa linha ia lá perto dos poço fundo, quando eu via era a carreira da traíra, pra lá e prá cá e eu puxando só cuendo a linha e ela puxando, quanto mais ela puxava mais ela se interrava, mais ela se farfava. Mais quando eu vinha era a bolsa cheia, graças a Deus. Pesquei muito, nunca faltou peixe na minha casa não. **(Isso era no rio?)** Era no rio, era no rio. Aqui nós entrava dento do rio ia sair longe. Você co-

nhece as Peda? Apois, nós ia pescar ali, até perto das Peda.

(Altina Delfino dos Santos, 84 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Subsidiária à agricultura no suprimento alimentar, a atividade da pesca era excelente oportunidade de integração comunitária, de sociabilidade, de lazer e aventuras. Mais do que a caça, atividade essencialmente masculina, a pesca constituía-se em uma experiência social compartilhada por um grupo maior de pessoas, geralmente composto por familiares e amigos.

Ao recordar os sertões das águas, Dona Maria Sinhá de Sousa ressaltou o quanto gostava de pescar de anzol, no período da noite, quando costumava subir o curso do rio na companhia de suas amigas: “até uns ano desses, ainda se pescava.” Ao se referir ao presente, Dona Sinhá lamenta o fato de as pessoas pouco se dedicarem à atividade da pesca: “o pessoal agora enriqueceram, num tem mais gente pobe não, pobe já houve.” A falta de invernos regulares, os chamados “anos ruins”, justifica a falta de peixe e a ausência das pessoas no exercício da pesca nos rios, açudes, lagoas, poços e barreiros.<sup>35</sup>

Na parte detrás de sua pequena casa de taipa, Dona Estelita Crispim Gomes, sentada em sua cadeira de rodas, apreciava sua pequena roça semeada de feijão, enquanto, em suas lembranças, procurava recordar os tempos felizes de outrora. Com os olhos perdidos na distância, Dona Estelita, com grande dificuldade, procurava dissimular a emoção que inundava a intimidade do seu ser.

---

35 Maria Sinhá de Souza, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Pescava porque tinha vontade de pescar, inda hoje eu tenho vontade, assim mermo sem andar. As vez, eu digo assim: leve eu lá po beijo do açude do seu Itamar com uma vara pra vê se eu num pego peixe. Eu pego sim! Me sentar lá, num canto lá, eu pego peixe. Eu tenho força nas mão, né? Ainda é durmente as minha mão, né? Mas, eu tinha era vontade. [...]. Pescava e achava bom. (Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

O Sr. João Delfino, ao lembrar as pescarias de outrora, buscava, no próprio corpo, o lugar da memória, das experiências vividas, cujas marcas foram deixadas, em uma de suas mãos, pelos impiedosos dentes das piranhas.

Minha pescaria era de mão, de mão, eu num pescava de tarrafa não, eu pescava de mão. Eu saía aqui, saía à boca da noite, tá rendo? Eu, o cumpade Chico da Cacau, o Alon, ia pum poço chamado Clarão, uma chulapa medonha. Nós chegava lá, caía dento do buraco pescando, saía à meia noite. Mas, quando saía, tudo com sua bainha de peixe, tá rendo? Isso aqui que você tá rendo foi piranha, piranha cumeu a carne da mão todinha, tá rendo? Quando eu saí, merguei que saí, era um encarnadão de sangue medonho. Aí eu fui po seco, curri po pião, passei o pião, infrerguei, infrer-

guei, aí vim mimbora pra casa. O leite, o leite do pião. Aí, chegou, a muier pisou a quinaquina, aí eu botava po riba, tá rendo? O pó da quinaquina, num sabe? Aí foi sarando. O pó, o pó da quinaquina. Que a quinaquina é pó e pisa, num sabe? Aí passava po riba. Mas, graças a Deus, fiquei bom. Pesquei muito, pesquei muito. É, quando tinha peixe no rio. Pescava mais era de noite, porque de dia a gente ia pro sirviço, tá rendo?

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Nos sertões das águas, a integração dos camponeses com o mundo natural ficou consubstanciada nos traços que marcavam seus corpos, que davam densidade a seus costumes e que forneciam elementos para compor seus valores e imaginários. Em suas narrativas, o corpo serviu, algumas vezes, como referência para fazer aflorar, em forma de lembranças, as experiências vividas, principalmente, nos sertões do trabalho. Sedimentada no corpo, as cicatrizes do passado ajudaram a preservar a história e a memória, pois estas também integram o corpo e nele sobrevivem.

## Sétima Parada

### Nas festas de padroeiros, casamentos e nos sambas<sup>36</sup>

No curso de suas narrativas, os camponeses pareciam acender as luzes dos candeeiros de outrora, como a querer iluminar as lembranças das festas de padroeiro, das festas de casamento e dos sambas que alegravam as noites sertanejas.

Na tradição religiosa, as festas em louvor aos santos padroeiros representavam, principalmente até meados do século passado, um dos principais acontecimentos na vida individual e comunitária da população do Baixo Jaguaribe, especialmente para aqueles que habitavam as zonas rurais.

Eu num perdia a festa de Nossa Senhora do Rusaro, de São Sebastião, congresso, que tinha uns congresso, num sabe? As vez as passiatá, a bandeira, as nove noite de novena, terço, as novena de São Bento no Tabuleiro, que chamava Tabuleiro da Bicina, que era aonde nós morava [...]. Mas, a vez tinha festa lá na rua. A gente ia festa de São Sebastião, de Nossa Senhora do Rusaro [...], a festa de maio, mês de maio todim de novena.

(Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 25/10/1999)

---

36 Nessa travessia, cinco foram os guias: Maria Júlia dos Santos, Pedro das Neves Cavalcante, Amaro José da Silva, Antônio Eugênio da Silva, Eduardo Soares de Lima.

Em virtude de seu caráter originalmente sagrado, a festa religiosa em homenagem ao santo padroeiro, mesmo fazendo parte do calendário anual das festividades católicas, representava, no seio da comunidade local, uma celebração geradora de enorme expectativa, não apenas por seu caráter religioso, representado pelas atitudes de respeito, de humildade e de devoção, mas, por sua dimensão lúdica, marcada por intensos momentos de sociabilidade vividos na praça enfeitada com barracas, nos leilões, nas quermesses, na magia dos fogos de artifício e dos namoros.

A festa do padroeiro Divino Espírito Santo era os fogo medonho, era muito festeiro. Era balão, era fogo de roda, era fogo de lágrimas, era uma beleza, né? Hoje, se acabou tudo isso, num tem mais nada disso. De primeiro, era carrocel nas festas pa se brincar, era tudo, tinha aquilo pa se brincar, nera? Rurgia o fogo de lágrima... Na hora da missa, era um popoqueiro feio, fuguetão, fogo de lava, balão, tudo tinha no ar, nera? Bonito, nera? Na missa do Divino Espírito Santo, né? E hoje? Num se vê mais nada disso, né? Por que? Religião acabou-se, meu filho, religião acabou-se. Num tem mais religião não, num tem mais religião não. Tão bom que é nosso padroeiro, tão bom que é o Divino Espírito Santo.

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)



As festas religiosas realizavam-se, normalmente, dentro de um clima de renovação espiritual, no qual cada fiel tinha a oportunidade de comungar, com os demais, suas graças, alegrias e súplicas por dias mais venturosos. As festividades de N. Sra. das Candeias e de São Sebastião, por exemplo, bem como o novenário em honra do Patriarca São José, motivavam as preces populares em prol de uma estação chuvosa.

A entrada do mês de janeiro vieram as expectativas de inverno com bastante otimismo para a maioria da população. Na ausência do vigário os Remmos. Pes. Jesuítas realizaram a festa tradicional em honra de São Sebastião e rezou-se no novenário para alcançar do glorioso Martin um bom tempo.<sup>37</sup>

As homenagens e devoções aos santos padroeiros tinham, portanto, a força de renovar os princípios religiosos através das preces, dos sacramentos, das procissões, dos cantos... Dessa forma, os preceitos normativos da religião católica ganhavam ressonância no cotidiano camponês, na medida em que eram, com sentido próprio, internalizados por cada indivíduo.

As festas de casamento também tiveram uma importância de destaque nas narrativas das velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe. Embora não acontecessem com tanta frequência, as festividades representavam momentos de confraternização, de compartilhamento das alegrias entre familiares, parentes e amigos.

Em sua narrativa, mais do que descrever as alegrias compartilhadas com a família e com a comunidade do Auto do Ferão, o Sr. Amaro José da Silva fez-nos compreender o quanto

---

37 Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n° VII*, referente ao ano de 1958.

o casamento representava uma esquina da vida difícil de ser contornada:

E era com uma prima minha, e num fazia vergonha a mim e nem eu a ela, né? Quer dizer, que nesse tempo, eu num era fei que nem hoje não [risos], era mais famoso.

(Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

O drama vivido pelo jovem Amaro, a caminho do altar, fora motivado, entre outras razões, pelo não compartilhamento da sensibilidade afetiva que sua noiva demonstrou ter ao deixar a casa de seus pais para assumir, ela própria, a condição de mulher dona de seu próprio lar. Para seu Amaro, não carecia choro, sofrimento, pois a casa na qual passariam a morar como casal fora construída próxima de toda a família:

Aí, nós fumo casar. Quando foi pa saí lá de casa, com pouco fizeram um chororô danado, trancaram ela lá dentro do quarto, lá. E o caminhão aqui na porta cheio de gente esperando pa casar im Jaguaruana, né? E, ela lá. E, eu chamando: - rumbora, rumbora porque o chofé aqui tá avexado, já tá ficando tarde, muito de tarde. Foi que ela saiu, de lá pra cá. Quando ela vinha saindo, ainda inchugando os olhos, rapaz, me deu uma raiva (risos). Você sabe duma coisa? Esse casamento num vai dá certo não! Lá, eu num disse nada, mais saí com aquele plano: quando

passar... que a casa de papai é assim mais pa riba da casa dela, quando passar lá eu desço do carro, eu desço do carro e num vou mais casar, não. Oi que essa mulher, me garanti tanta coisa e agora com uma pena desse povo que nós vamo morar tudo pertim, isso num vai dá certo, não (risos). Aí, quando o carro parou no terreiro de papai, e eu fui entrando pa dento de casa: papai, diga aí que eu num vou mais casar, não. [...]. Aí, eles ficaro lá naquela conversinha, aí, ele me chamou: - 'Rapaz, você tá fazendo um papel muito fei'. - Eu digo, ora papai, ela saio de lá chorando com pena do povo de lá; e, eu saí daqui, eu quero tanto bem a vocês e num saí daqui chorando, né? - 'Não, mais você vai, você vai casar'. Rapaz, quando o véi disse 'você vai casar', eu... eu ismurici. Mas, é o jeito que tem; o véi mandou, o jeito que tem é ir. Aquela obediência medonha. Aí, ele foi e disse assim, bem alto mermo pa eles vê: - 'Se você num quiria casar, tivesse dito lá na casa, lá na casa da moça; não trazer um caminhão cheio de gente desse aqui pa minha... pa chegar aqui ainda, ainda num querer ir. Não, rapaz, vai'. Eu digo, pronto, acabou. Aí, eu fui naqueles plano ruim até chegar lá na Jaguaruana; disposto, quando o pade perguntasse [...] se aceita o noivo e a noiva... Aí, até quando eu cheguei lá nos pés do pade, ainda tive... ainda ia com esse mal pensado de dizer que não. Mas, rapaz, quando o pade olhou

pa mim [risos], aí eu afroxei, né?  
(Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

Para além do drama vivido, o jovem Amaro confidenciou-me a sua esperteza ao querer fazer, da própria festa de casamento, sua despedida de solteiro. Para isto, convidou sua ex-namorada, Raimunda, prometendo com ela dançar e namorar.

Eu fui convidar ela po casamento, ela chamava-se Raimunda. Eu digo: - Raimunda... Ela era dançadeira, dançava como todo. Aí, eu digo: Raimunda, vamo po meu casamento; lá, você num vai ser mau recebida, não. - 'Não, vou não que eu tenho vergonha!' Aí, eu digo: eu garanto passar a noite... A minha muier num dançava, né? (risos) ela num dançava. Eu te garanto passar a noite dançando contigo e namorando contigo, é a derradeira vez. - 'Não, vou não, eu tenho vergonha.' Eu digo: é, isso aí na vergonha eu num sei não, eu mermo num tenho não [risos].

(Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

A imagem que seu Amaro revelou de si próprio bem caracteriza o processo de afirmação da masculinidade como sendo um dos atributos mais fortes para o homem sertanejo, embora esta seja uma construção cultural (ALBUQUERQUE JR, 2003).

Mas, rapaz, esse negócio desse casamento, me fez uma soltura; que eu ao lado de papai era preso, nera? Eu só fazia o que ele quiria até vinte ano, né? Mas, quando eu me vi solto, a muier muito boa, muito distinta, e eu me mití na farra praqui e praculá, e praqui e praculá, e ela me tratando bem, me zelando bem pra tudo, pas festas; e, o que aconteceu po fim, foi... eu num larguei ela não, nunca tive vontade de largar ela não, mas, me deu um disassossego de pissuir muier po fora, que eu arranjei um bucado delas. (Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

Diferentemente do relato do velho Amaro, o Sr. Pedro das Neves, 74 anos, em uma narrativa de afeto e emoção, buscou traduzir a saudade que sentia do passado ao recordar não apenas o dia do seu casamento, mas, sobretudo, os 49 anos e oito meses que viveu ao lado da sua esposa.

Eu casei no dia 21 de agosto de 1950. Padre Assis que fez meu casamento, na matriz de Morada Nova, na paróquia. Fomo de pés, acompanhamento de pés, os noivado. A noiva era com um vistidão bem cumprido, branco, de véu e grinalda e duas criança, duas mininazinha agarrada alevantando o vistidim dela pra ela puder andar, né? Nós de pé, tudo de pé. Quando nós cheguelmo im casa do pai da noiva, foi um festival medonho, uma cumiduria

medonha pra todo mundo. Sobrou cumida à vontade, só num tinha era bebedeira. Bebedeira num tinha não, era só cumiduria. [...]. O velho meu sogro num aceitava bibida

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos.  
Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

No processo de rememoração, sem poder fixar-se no presente, as lembranças vagavam pelo passado, como a querer reencontrar os momentos felizes que passou ao lado daquela que fora amparo e dedicação, desde os seus 25 anos de idade:

Eu gosto de me lembrar do passado e num me esqueço nunca; eu num me esqueço nunca do passado. É tanto, que a minha patroa faleceu, hoje tá com Deus, na hora quase das última dela, ela me convidou pa eu ir mais ela, né? E, eu chorando, disse pa ela: - minha filha, eu vou quando Deus quiser. Mas, que você vá hoje, quando Deus quiser eu vou também, né? Aí, ela ainda me respondeu, as lagrimazinha correndo aqui nos olho. - 'Meu velho, quando você for vá pa onde eu tô'. Aí, eu fui digo: - Quem sabe é Deus, minha filha. Se Deus quiser e permitir, e, você tiver o gosto, o prazer de ir pum canto bom; e, quando eu for, tiver também o mermo prazer, nós se junta, samo os mermo amor que samo aqui na terra, nós samo no paraíso, né? E, com isso, meu filho, ela se...

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos.  
Entrevista gravada na comunidade  
Vazantes, localizada no município de  
Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Nesse instante, o velho Pedro suspirou abraçado por uma sombra de tristeza expressa em sua fisionomia. A voz foi calada e as palavras, asfixiadas pela emoção, morreram-lhe na garganta. Ao retomar a palavra, esta emergiu sem a força de antes, pois se achava embargada, retida, embora as lágrimas que vazavam de seus olhos fossem um discurso, um canto, uma poesia de amor e saudades.

E, por isso, eu digo, num me esqueço nunca. Se eu viver cem ano, mais eu num me esqueço disso, de jeito nenhum. A covinha dela tá lá preparada lá no cemitério, eu mandei fazer engradado com o nome dela, as iniciais tudim, paguei o coveiro pa zelar tudim, tá lá que é uma beleza. Por quê? Porque ela me zelou eu na terra, e me quiria muito bem. [...]. Eu tenho certeza, que ela nunca foi mulher banduleira, ela nunca foi falsa a eu no nosso matrimônio. Toda vida foi a mulher exata comigo, uma mulher boa, nunca brigou, nunca briguei com ela, né? (Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos.  
Entrevista gravada na comunidade  
Vazantes, localizada no município de  
Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Outros tantos relatos deram densidade ao festejo nupcial, as alegrias, dificuldades, venturas e desventuras experimentadas na vida matrimonial. No entanto, pela necessidade de

prosseguir na travessia dos sertões, marcados pelas histórias de afetos e sensibilidades, a partir de agora, através de uma breve narrativa, espreitaremos os sambas pelas janelas que os relatos orais foram deixando abertas, ao longo de nossas travessias, pelos muitos tempos e espaços da memória.

No balanço cadenciado da rede que tomou por acento, D. Maria Júlia, 72 anos, depois de narrar, com brevidade, as festividades de celebração de seu casamento, demorou-se, um pouco mais, na narrativa dos sambas,<sup>38</sup> dos quais participou no tempo de sua mocidade, quando ainda morava no antigo Tabuleiro dos Negros.<sup>39</sup>

Os samba nós dançava, passava a noite dançando. Arrumava um namorado, eu, pelo meno, eu indo pum samba eu num sobrava. [...]. Gozei muito a minha mocidade, gozei muito a minha mocidade e num tô arrependida porque gozei muito a minha mocidade, graças a Deus. [...]. No tempo deu moça, que foi orde do meu pai, podia tá do jeito que tava. [...]. Eu dançava com sujo, eu dançava com melado, eu dançava com tudo. Agora, tando caindo no chão, [...] isso aí eu num dançava não. Mas, que eu visse que ele tava só queimado com passu apumado, nós dançava. [...]. Eu dançava inté com gente suja. Às vez,

38 Os mais velhos do sertão costumavam chamar de sambas as festas dançantes, os forrós.

39 O Tabuleiro dos Negros, até os anos de 1960, era uma comunidade eminentemente negra. Em virtude do rigoroso inverno de 1960, que fez subir as águas do rio Jaguaribe, o Exército, coordenando as operações de socorro e auxílio às populações mais atingidas pelas enchentes, deslocou, para o referido Tabuleiro, as famílias que, na cidade de Russas, tiveram que deixar, pela força das águas, suas casas. Com o passar dos anos e com a presença, cada vez mais intensa, de famílias brancas, o lugar passou a ser denominado de Planalto da Bela Vista, constituindo-se, hoje, em um bairro da cidade acima mencionada.



muitas vez, lá im casa tinha um primo meu, que ele num zelava bem o corpo dele, ia com uma roupa inchuvaiada, passava a noite dançando e eu dançava com ele. [...]. Nunca, nunca houve briga por causa de nós, de mim mermo não. [...]. Mas, eu gostava de um samba, im tempo de moça eu chorava pum um samba, num vou minti.

(Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 25/10/1999)

Assim como dona Maria Júlia, o Sr. Pedro das Neves entregou-se à narrativa dos sertões das festas, recortando-o em tons de nostalgia e de romantismo. Foi assim, envolvido por este fluxo de sentimentos, que o velho narrador deu vazão às suas reminiscências:

Havia as festas, nós ia pas festa dançar, brincar, né? Tinha o tocador, nós pagava dez tões de cota e passava a noite brincando. Mas, era bom. Sabe por que era bom? Porque as damas... Nós, cavalero, era quem sustentava as dama a noite todinha, né? Ali, tinha aquelas cumiduria, tinha um tal de vim, garrafa de vim pa butá na roda po cavalero derribá. Terminava a parte, o dono da festa pegava aquele vim ia dá aquelas dama naqueles copim. Se a dama tava com fome, podia se queixar o cavalero; o cavalero levava ela à banca, dava de cumer a ela, voltava de novo pa dançar.

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos.  
Entrevista gravada na comunidade  
Vazantes, localizada no município de  
Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Se D. Maria Júlia não fora, segundo seu relato, pivô de nenhuma confusão nos sambas dos quais participou quando jovem, demarcando um sentido de cordialidade, o Sr. Pedro das Neves, em seu relato de memória, fez-nos conhecer Raimundo de Pedro de Fulô, certo rapaz que costumava acabar com as festas na Rua do Fogo, na então pacata cidade de Morada Nova. Com uma impressionante riqueza de detalhes, o velho Pedro das Neves descreveu a primeira festa que fora na Rua do Fogo, aos 21 anos de idade. Das lembranças preservadas, ganhou destaque o duelo que teve com Raimundo de Pedro de Fulô, em virtude de não ter permitido que sua namorada, de 14 anos de idade, dançasse com o referido “valentão”. Pedro das Neves a conheceu em uma casa de farinha, onde havia trabalhado durante três semanas, puxando roda. Segundo o narrador em questão, sua namorada ainda não havia sido cortejada por nenhum rapaz, em razão de não ser do agrado dos pais que a mesma namorasse. No entanto, a “minina”, como carinhosamente era chamada, abriu-lhe o coração e o convidou para ir a sua casa, na Rua do Fogo, pois a mesma desejava sua companhia na festa que iria com os pais. Depois de ser muito bem recebido na casa dos pais de sua pretendente, o jovem Pedro das Neves acompanhou a família até a casa onde se realizaria a festa.

Quando foi oito hora, oito e pouco, aí se ajeitemo, aí fumo pa festa. A festa já tava alta. Eu cheguei lá, eu fui logo o coteiro [pessoa responsável por receber o valor correspondente a en-

trada na festa]. Butava um embrema no bolso da gente, pagava dez tões, butava o embrema. [...]. Aí, começou a festa, o tocador era um tal de Vicente do Junco, sofona véia que era uma medonha. Começou a festa e lá vai, lá vai, nós dançando e dançando, e brincando, e lá vai... Quando terminava a festa tinha as bancada, nós se sentava nos banco... Rapaz, quando foi assim negoço de dez hora da noite, quando eu dei fé, foi um cara nú da cintura pa cima dançando no mei de nós sem dama, com uma peixeira de doze pulegada no quarto, esfregando no mei dos cavalero. Primeira vez que eu tinha andado na Rua do Fogo! E esse cara era valentão, tava acostumado a acabar festa, a festa só rodava até quando ele quiria; quando ele num quiria acabava com a festa, mandava o tocador ensacar a concertina... [...]. Eu num sabia de nada, meu fi. Namorando com essa minina, eu querendo muito bem a ela. [...]. Eu sentado assim encostadim o banco, e ela incostadim a eu, quando eu dei fé lá vem ele, lá se vem. Chegou, encostado a ela, disse: - 'Minina, essa parte agora você vai dançar comigo, né?' Aí, ela foi e disse: - 'É, eu tô afigurada desse rapaz'. Aí, ele disse: - 'Tem nada com afiguração não, você vai dançar comigo que eu quero'. [...]. Aí, ele disse po tocador: - 'Vicente, toca aí um xote pa eu dançar com essa minina'. Aí, Vicente véi rebolou a sofona nos peito, quando abriu a bichona aqui [nesse

momento, ele procurou imitar o som da sanfona], pegou no braço dela, foi se levantando, aí nós se levantemo nós três do banco duma vez, né? Mas, quando nós se levantamo eu dei um colago nele, ele bufo, caio no chão.  
(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

A disputa entre Pedro das Neves e Raimundo de Pedro de Fulô foi parar no terreiro da casa. Em meio a toda confusão e devido, sobretudo, à fama de Raimundo, a festa parecia ter chegado ao fim. No entanto, ao retornar ao salão, o jovem Pedro deu ordem para Vicente continuar tocando a festa, alegando ter pagado a cota para “dançar até o sol fora”.

Eu voltei, quando eu cheguei, o tocador butando a sofona dentro do saco. Eu digo: - Escuta, o senhor butando a sofona dentro do saco uma hora dessa? - ‘É, acabou a festa!’ - Acabou-se a festa? Acabou-se não senhor, eu paguei dez tões o senhor, foi pa nós dançar até o sol fora. O senhor vai tocar, e, nós vamo dançar. - ‘Não, aquele rapaz é valente, só tem a festa aqui até enquanto ele quiser, quando ele num quiser acaba com a festa.’ - Não tem nada com valentia não, ele num tem nada aqui que ele num pagou nada, ele num tem nada aqui. Pode tocar! Aí, ele disse: - ‘Não, é preciso primeiro eu saber do dono da casa pra mim tocar.’ Era um tal de Chico Cunha. Aí,

eu digo: - Pode chamar esse Chico Cunha, dono da casa, que eu paguei foi pa dançar. Aí, ele chamou, ele veio, chegou... - 'O que é?' - 'Esse rapaz tá dizendo que é pa começar a festa.' - 'Você resolve a parada com o rapaz?'  
 Eu digo: - Resolvo, pode deixar comigo, pode tocar pa frente. Aí, o sofoneiro baixou o pau a tocar, a tocar, a tocar. Aí, começou a chegar, e começou chegar o povo e nós dançando, e nós dançando...

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos.  
 Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Contudo, por volta de duas horas da manhã, quando tudo parecia normalizado, Raimundo de Pedro de Fulô retornou à festa do mesmo jeito, “nu da cintura pra cima, com a peixeira no quarto”. Aproveitando o intervalo que Vicente havia dado na sanfona, Raimundo aproximou-se do banco onde Pedro das Neves estava sentado na companhia de sua namorada e deu início a uma nova discussão entre os dois. No calor da refrega, Pedro das Neves afirmou a sua condição de homem diante de Raimundo e de todos que assistiam à intriga.

Eu num banquei camaleão sonhado pa você não, moço. Agora, eu também nunca afigurei uma dama, pa um cara chegar e fazer como você fez não. Você sabe duma coisa? Eu sou home, eu afigurando uma dama quem dança com ela sou eu. Num é um cara chegar, fazer como você fez: - 'Você vai dançar é comigo.' Não, você

num tem nada aqui, você num pagou. Você num tem nada aqui dentro desse salão, você taí de atrevido, peitudo, valentão, dizendo que quem manda aqui é você. Quem manda aqui somos nós que paguemo e tem direito na festa. Você num tem direito a nada, você pode caí fora do negoço aqui, que você hoje aqui num manda não. Quem manda aqui hoje, sabe quem é? É este rapaz aqui e nós tudo que somo os cavalero e paguemo. [...]. Eu num quero barbaridade, eu quero é brincar a noite inteira com meus amigo, com minhas amiga, tudo legal. Não querer fazer barbaridade, como você quer, né? Aqui hoje você num faz, quem manda aqui somos nós. E, aí, nós dancemo até o sol fora, com os poder dele. E ele foi imbora e pronto. (Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Testemunhando a posição de respeito conquistada, quando havia festa na Rua do Fogo, Pedro das Neves estando presente, Raimundo de Pedro de Fulô não se apresentava disposto a acabar com a festa. Enlevado em seu discurso épico, o velho Pedro revelou que as damas sentiam-se mais protegidas com a sua presença nas festas:

Ah! Hoje o fi de Chico Estevão, o Pedro das Neves, tá, hoje num ai zuada que Raimundo num vem acabar festa. Raimundo de Pedro de Fulô num aca-

ba festa na Rua do Fogo que o Pedro das Neves tá, num acaba.

(Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Mesmo em tempos de estiagem, como ocorrera no ano de 1942, as lembranças das festas alimentaram os relatos de memória de vários camponeses, estilhaçando, assim, os discursos que configuram a seca como elemento paralisador da natureza e das manifestações de alegria e de canto dos camponeses.

Agora, a festa o que era? Um realejo, um nego tocando realejo chamado Chico Cabral. [...] passava a noite dançando. Aí, tinha noite que eu saía de lá de madrugada. Aí, quando eu chegava im casa, o minino tava butando a cangáia no jumento pa ir po mato. Chegava, num cumia nem nada, só era saltar im riba do jumento, tirar macambira. Todo dia eu ia. Na noite que eu num aguentava mais, era só acabar de cortar a macambira, ia dormir.

(Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

De maneira ainda mais emblemática, o Sr. Eduardo Soares de Lima descreveu uma experiência vivida durante a seca de 1932, por ocasião das obras de construção da Transnordestina, atual BR-116, na qual seca, trabalho, morte e festa não representavam eventos dissonantes:

Trinta e dois, eu me lembra munto, como fosse hoje! Num lugar chamado Bonguê, nós trabaiava. Aí, eu vi munto assim: uma barraca aqui, outa ali, outa acolá, na beira da estrada, né? Um defunto aqui, uma festa ali; um defunto acolá, uma festa acolá; e era o pau rodando, uns cantando excelença, que hoje nem uso mais, e o tambor véi rodando e o pessoal dançando, ligavo nada não. Eu vi munto isso em [...] em trinta e dois, ali [...] do Pacajus pra cá, num lugazim que chama Bonguê. Era seca e morte e festa. (Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 28/08/1999)

Na relação seca, trabalho, morte e festa, o canto e a alegria não foram paralisados, não haviam secado no rio das vivências camponesas. Não quero aqui negar que, em períodos de seca, a falta d'água, a fome, a tristeza, a dor, a exploração, as humilhações, a aridez do solo e das pessoas não marcasse o cotidiano da gente do sertão. No entanto, na grande lavoura das memórias, outras tantas experiências de seca foram vividas sem a chaga do sofrimento atroz, da miséria desesperançada. No terreno que fez brotar narrativas sobre a seca, muitas delas foram colhidas no bernal das sensibilidades e dos afetos, desgarradas, portanto, do sentido de unidade, de identidade, de lugar-comum.



SEGUNDA  
PARTE

## Primeira Parada

### Sertão das Secas<sup>40</sup>

Ao transformar as narrativas camponesas em escrita, tornando-as lidas, tenho por intenção produzir outras memórias que possam colocar em suspeita a ideia de um sertão imóvel, paralisado em suas expressões secas e cinzentas, cristalizadas no imaginário social a partir de várias estéticas discursivas e artísticas.

As dezenas de narrativas, produzidas em longas horas de entrevistas, possibilitaram-me investigar a história de vida de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe-CE, esquadrihando os significados atribuídos à seca.

As primeiras secas, aquelas que marcaram a infância e a juventude, são possuidoras de muitos significados, constituindo-se importantes marcadores temporais na vida dos camponeses. Para o Sr. Raimundo Mendes, só ocorreram duas secas “medonhas”, 1915 e 1919, justamente as primeiras por ele vivenciadas:

Já peguei duas seca medonha, quinze e dezenove. [...]. Desde que eu me entendo no mundo, só vi duas seca. Num houve mais seca não, houve tempo escasso. Mas seca, não.  
(Raimundo Mendes Martins, 92 anos.  
Entrevista gravada na comunidade

---

40 Nessa travessia, dezesseis foram os guias: Antônio Eugênio da Silva, Raimundo Mendes Martins, Altina de Moura Lima, Euclides Ângelo Cordeiro, Pedro das Neves Cavalcante, Ana Francisca do Espírito Santo, Raimundo Delfino Filho, João Delfino Bezerra, João Pereira Cunha, Eduardo Soares de Lima, Francisco Vieira da Silva, Estelita Crispim Gomes, Zacarias Francisco de Almeida (Isac), Amaro José da Silva, Américo Simão de Freitas e Francisca Delfina da Costa (Chiquinha).

da Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

Na cultura camponesa, a expressão “tempo escasso” representa a ocorrência de uma estação chuvosa pouco favorável às atividades agropecuária, sem, no entanto, ser esta a expressão do aperreio, da agonia, do sacrifício.

Na longa travessia pelos sertões das secas,<sup>41</sup> serenando o espírito de observador, para não perder um só detalhe, deixei-me conduzir pelo manejo habilidoso das longas e densas narrativas daqueles que eram os meus guias. A cada parada, em algum ponto do passado, cada um, ao seu modo, fazia um retrospecto minucioso de sua vida.

Atento às idas e vindas da memória, senti que minhas ideias imploravam descanso. Era necessário, pois, parar para melhor refletir sobre a multiplicidade das lembranças, transformadas agora em narrativas, bem como para melhor juntar os significados das palavras, gestos e silêncios.

Apesar da fadiga, apei a sol alto, sol que talvez fosse de meio-dia, de um dia qualquer do ano seco de 1915.<sup>42</sup> Estava na companhia de Raimundo Mendes Martins, um velho narrador que guardava, em sua memória, lembranças da seca daquele ano, que muito marcaram sua infância. Lembranças de proporções desmesuradas que, no presente, lhe traziam de volta a emoção do convívio familiar em um tempo de amargas dificuldades.

41 As secas que mais marcaram a memória dos camponeses entrevistados foram as 1915, 1919, 1932, 1942 e 1958.

42 Segundo Rodolfo Theophilo (1922), a seca de 1915 não teve a mesma intensidade das ocorridas na segunda metade do século XIX, pois, nas serras e no litoral, o inverno, embora tenha registrado apenas pouco mais de 700 mm, foi suficiente para criar algum milho, feijão e mandioca. Diferentemente da “secca-typo” de 1877-79, quando mais de cem mil retirantes migraram para Fortaleza, verificou-se, em 1915, um menor deslocamento da população rural para Fortaleza. Sobre a seca de 1877-1879 na Província do Ceará, especialmente na cidade de Fortaleza, ver Chaves, 2002.

Na seca de quinze, ia atrás dos carocim no mato, deste tamanho o carocim [SEMENTE DE MUCUNÃ]. Chegava, minha mãe pisava, quando acabar ia po beicho do rio lavar im nove água. Se lavasse im oito murria, porque é veneno. Nove água! Nós, as vez chegava a mei dia, ela pisava; nós ia cumer um bucado de madrugada. Assim mermo, aquele pedacim de pão. Fazia aquele pãozim. Cumia por ali um pedacim de pão quando ia drumi. (Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

Demonstrando ser conhecedora das propriedades nocivas da mucunã, a mãe do Sr. Raimundo Mendes procurava cercar-se de cuidados no processo de preparação do pão da mucunã. Depois de pronta e lavada em nove águas, a massa, extraída das sementes da mucunã, convenientemente espremida, era levada ao fogo para ser torrada e transformada em farinha. Além da mucunã, o xiquexique e a macambira, em épocas de seca, também se transformavam em alimentos para os camponeses. Do xiquexique, de acordo com a descrição de Rodolfo Theophilo (1922), além de se comer a “medulla” assada, sugava-se o suco contido em suas células, embora o mesmo, em pouco tempo, por efeito, deixasse a pessoa enrouquecida. A macambira, por sua vez, depois de cozida por algumas horas, secada ao sol, era pisada e, da massa, faziam-se beijus e mingaus. Entre todos os tubérculos, Theophilo acreditava ser a raiz da mucunã o mais tóxico.

Revivendo os caminhos de sua infância, no já distante ano de 1915, o Sr. Raimundo Mendes melhor compreendia a função que o tempo da seca lhe havia atribuído, através da autoridade de seu pai. Acompanhando-o no papel de provedor do sustento da família, o menino Raimundo tinha por função recolher, na própria natureza, as sementes da mucunã ou de alguma outra comida agreste.

Quando foi a derradeira vez que nós fumo pelejar atrás, subemo notiça que na Mata Redonda, na Pindoba, tinha era mucunã lá. [...]. O apanheiro do véi era eu, tá vendo? Aí, era bem de madrugada; aí chegemo lá, corrigimo as mata tudim, num arrumemo um carocim pum remédio. Meu pai diz: - ‘agora, Raimundo, que se faz? Chegar im casa com a mão adiante e outra atrás.’

(Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

Com os olhos marejando em lágrimas, o velho Raimundo deu sequência a sua narrativa, expressando a solução encontrada por seu pai para mitigar a fome de sua família, fazendo valer o direito de conservação, o mais sagrado de todos os direitos naturais.<sup>43</sup>

---

43 Por ser um elemento de trauma para a natureza e para o próprio homem, de acordo com a visão tradicional, a seca marca o tempo do não trabalho, da paralisia da natureza e do próprio homem. Nos enredos literários, essa completa paralisia era a mais evidente e repugnante causa de morte. Imagens dramáticas, cuja repetição, contribuiu para a gestação e cristalização de um sertão sempre seco e miserável, no qual as pessoas, normalmente, morriam de fome. É oportuno lembrar, contudo, que a seca não é a causa primeira da fome. Do ponto de vista histórico, a fome tem sido, por assim dizer, alimentada pelas

Quando chegueno no Luiz, tinha um pé de palmeira assim no terreiro. Meio valentão! [o Luiz] - 'Raimundo, suba tire um coco naquele pé de palmeira.' Subi, truci, truci, truci, que era a moda gato, tá vendo? Derrubei, o véi passou o facão, tava de vez. - 'Suba Raimundo, derrube o cacho de palmeira.' Quando o facão bateu no cacho, o dono chegou na porta assim: - 'Ei, isso aí tem dono!' Meu pai diz: - 'Meu amigo, eu também sou dono. Derrubou o cacho de palmeira menino?' Aí, derrubei o cacho de palmeira. Enrolou lá a ponta, amarremo um cipó, saímo arrastando cabeça a baixo. Tudo serra, lá era serra, viu? Aí, quando nós chegemo im casa, ele disse: - 'aí, Sinhá Maria.' Meu pai, só chamava minha mãe Sinhá Maria [...]. Aí, fumo cumer, os vizim ajudando, passando fume como nós, ajudando. Aí, acabou-se logo.

(Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

As recordações que o Sr. Raimundo Mendes selecionou como enredo de sua narrativa nos revelam a imagem que o velho camponês construiu do passado. Em cada lembrança, o passado apresentava-se prenhe de significados, pois se achava qualificado pela presença humana e pela ação dos afetos e da imaginação (BOSI, 1992).

---

excludentes estruturas de poder, servindo, inclusive, de suporte para as políticas de "combate" às secas.

Na quietude da pequena sala de sua casa, sem tirar os olhos da paisagem da infância, o Sr. Raimundo Mendes continuava restabelecendo os contornos de suas lembranças, dando curso à travessia que realizava pelos muitos tempos e lugares de sua memória.

Depois de relatar as dificuldades vividas na seca de 1915, o velho Raimundo Mendes achava-se, agora, imerso nas lembranças da seca de 1919, cuja densidade enquadrava as imagens da travessia que fizera na companhia da família, entre a zona rural de Baturité e a cidade de Fortaleza. Enquanto relatava as agruras do caminho, com uma sombra de tristeza parada no olhar, continuava seu reencontro com os cenários que marcaram o mundo de sua infância. Cada palavra, frase ou gesto fazia-me acompanhar o movimento daquela pequena comitiva familiar, atravessando os secos sertões do ano de 1919.

Descemo de cabeça a baixo, passemos em Baturité ainda de noite. De pé! Aí, fumo... fumo... fumo... Passemos o dia, num provemo nada. Aí, foi no outro dia, negoço de oito hora, uma casa im cima do alto: - 'Sinhá Maria, agora eu vou pidir uma esmola pa dar de cumer essas duas criança!' - Eu e cumpade Zé. Cumpade Zé era novim, e eu era minino, né? Chegou lá, tava o paidegão. Pegou e disse: - 'Meu amigo, me dê uma esmola pelo amor de Deus, pra dá de comer a uma criança que vem morrendo de fome!' - Entrou pra dento, tirou uma chirquinha aí de farinha. Chegou e [...] deu bem na mão: - 'Taí, Sinhá Maria, dê uma coisinha a Raimundo e outa a Zé. Que home que tá aqui morre e num pede

mais uma esmola. Pidi uma esmola um home, um capitão, uma esmola pelo amor de Deus, vem duas criança morrendo de fome, ele dá uma mu-chinha de farinha dessa' - . Aí, com isso passemos o dia todim sem nada. Foi no outo dia, pertim da Fortaleza, no outo dia, as sete hora, ... Nesse tempo, as estação era aquelas coisinha, né? Era duas casa, era três... [...]. Lá estava um caba tirando um corodum bode. Ele disse: - 'Sinhá Maria, hoje nós come!' Chegou aonde tava o home, disse: - 'Meu amigo, vamo fazer um negoço. Você me arruma uma banda desse bode.' - 'Pois não!' - 'Dou-lhe uma foice novinha na hora.' Aí, quando acabou, tratou o bode, acabou, prantou a faca tirou duas custela. -'Pronto!' Aí, marchou pro sacco de farinha, deu dois lito. Aí, meu pai entregou a foice. Aí, cumemo inté incher a barriga. Aí, com isso fumo... fumo a Fortaleza.

(Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

A memória que o Sr. Raimundo Mendes preserva das secas de 1915 e 1919, sustentadas em camadas de lembranças marcadas pela fome e pelo sofrimento, coaduna-se, diretamente, com a memória que iguala sertão e seca. No entanto, por ser memória do vivido, não devemos considerá-la como sendo a expressão verdadeira, lisa, direcional, relativa a todo espaço



sertão. A cartografia do sertão obedece a outra lógica, acompanha traços dimensionais, métricos, cujo movimento impõe, sempre, a compreensão do que vai de um ponto a outro, de uma memória a outra.

Acompanhando o movimento, a mobilidade das experiências camponesas, pude ler outros sentidos, outros significados que as memórias de Dona Altina de Moura Lima atribuíram à seca de 1919. Em oposição à memória do Sr. Raimundo Mendes, para essa narradora, que tão bem dominava as artes de lembrar e de narrar,<sup>44</sup> a referida seca foi marcada pelo signo da alegria.

Dezenove, foi muito bom. Dezenove foi uma seca, uma seca muito alegre, tá vendo? O povo plantaro muito, papai mermo plantou muito milho; mas, deu todo de meia. Ninguém pastorou milho não. Aí, vinha muita gente de fora pra Lagoa. Daculá, da banda do riacho, umas fia... um povo de Raimundo Caetano, sabiam de muita brincadeira essas moça. Tinha duas moça e tinha um rapaz também, Pedro Caetano, Mundico. E, aí, esse povo à boca da noite vinha lá pra casa, pra casa de Caboco, que ainda era gente desse Caboco Xavier, que ainda era gente deles. Aí, brincavam muito, os casamentos, era muitas coisas que elas brincavam. Os casamentos era eles ir pra aculá pra vim falar casamento (risos). Aqueles, que a pessoa desse, num é? Iam um magote de rapaz, aí davam

---

44 Para Walter Benjamin (1985, p. 215), o que caracteriza “os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada”.

um a uma, outo a outa, outo a outa, aquele vinha falava casamento se não, não, num fosse aí num achava nada ia simhora. Aí, voltava, aí... Há bom, nós brincava muito essas coisa. Nós achava era muito bom, foi uma seca muito animada, num era ruim nadinha. Foi, foi seca mermo, foi toda seca. Houve uma chuva assim em fevereiro, uma chuva mei grande e pronto, num houve mais não. Mas, houve muito milho na lagoa, muita coisa, ninguém passava fome não. Era até animado, nós achava era bom (risos). Achava era bom, porque tinha muito divertimento, né? Muita coisa, muito divertimento. (Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, localizado no município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000)

Os relatos de memória do Sr. Raimundo Mendes e de Dona Altina Lima nos fazem inferir acerca do quanto o sertão representa espaços acolhedores de múltiplas experiências. Ao contrário da família do Sr. Raimundo Mendes, que fora, por força das circunstâncias, obrigada a migrar dos sertões de Baturité para Fortaleza, a família de Dona Altina, por morar próxima à lagoa do Lima, no atual município de São João do Jaguaribe, teve, certamente, maior acesso à água, assim como maior possibilidade de, utilizando-se das terras de vazante da própria lagoa, plantar e colher algumas das culturas de subsistência que, normalmente, alimentam a família camponesa - o feijão, o milho e a mandioca. Em um período de seca, especialmente, o acesso à água constitui-se em um mecanismo de poder e de diferenciação dentro de uma estrutura político-social

que segrega, impiedosamente, a grande maioria da população rural, não só do Ceará, mas de todo o sertão nordestino.

Tomando como referência os dois relatos de memória acima transcritos, vemos, portanto, o quanto, na vida dos camponeses, a seca representa um importante marcador temporal. Se nas lembranças do Sr. Raimundo Mendes a seca de 1919 marcou um tempo perpassado pela fome, pela falta d'água, pelas humilhações, pela aridez do solo e dos homens, nas lembranças de Dona Altina Lima a seca ganhou contornos do inusitado, do diferente, do lúdico, representados pelas brincadeiras, fantasias e sonhos. A seca é, portanto, muito mais do que um fenômeno climático, pois se inscreve na vida das pessoas como uma vivência cultural e afetiva.

Por ser um elemento de “desordem” na natureza, capaz de desarticular o cotidiano de trabalho no campo, sobretudo daqueles que praticam a agricultura de sequeiro, os camponeses, em períodos de seca, sobreviviam, fundamentalmente, das frentes de serviços patrocinadas pelo Estado, bem como da exploração do meio natural em que viviam.

A travessia pelas paisagens da seca de 1932 fez-me perceber o quanto as memórias estavam ancoradas nas lembranças do trabalho de construção da Transnordestina - rodagem que ligaria Fortaleza a Salvador, a atual BR 116.

O Sr. Raimundo Delfino Filho foi um dos narradores que passou nove meses trabalhando na escavação e no transporte de barro, no lombo de jumentos, para a elevação da rodagem. No final dos nove meses, passou a trabalhar na construção da ponte que passa sobre o rio Palhano, na atual comunidade de Pedras, no município de Russas. Para essa etapa do trabalho, constituíram-se, segundo o Sr. Raimundo Delfino, 60 turmas, contando, cada uma, com 25 homens trabalhando na construção da referida ponte.

De acordo com o Sr. Raimundo Delfino, a obra de construção da rodagem só foi possível graças à pressão, “de cabra macho”, que o então Ministro da Viação e Obras Públicas, o paraibano José Américo, fez sobre o Presidente Getúlio Vargas:

Nesse tempo, o governador é o Vestúdio [Getúlio] Vargas. Já viu falar no Vestúdio Vargas? [...]. Ele num quiria butar traibio pa pobe não. Aí, apareceu um... Eu num sei como é o nome dele. Ele chamava-se Zé Américo, né? Veio dar uma visita aqui. [O Ministro José Américo?] José Américo, veio dar uma visita aqui, nós todo. Aí, ele fez uma visita e foi falar com Vestúdio Vargas. Chegou lá, falou pra ele butar sirviço. Ele disse, que num ia butar não. – ‘Ô você bota ou saia que tem quem bote’. Foi logo dizendo assim. – ‘Ô você bota ou saia que tem quem bote’. Que ele num quis butar, viu? Aí, ‘ô você bota ou saia que tem quem bote’. Aí, o caba ismureceu (risos). Aí, butou esse serviço de Furtaleza a Russas, aqui pra São Paulo [...]. Eu sei que ele aguentou, aguentou nove mês. Foi fechada mermo, com quais um ano. (Raimundo Delfino Filho, 87 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 26/10/1999)

Prosseguindo na travessia, emoldurando, em cada lembrança, as imagens de seu passado, o velho Pedro das Neves, sem perder o elo com o presente, procurava, em cada gesto, dar voz ao próprio corpo e, em cada palavra, dar corpo a

cada lembrança. Ao reencontrar, nos labirintos da memória, os tempos difíceis vividos na seca de 1932, o velho narrador logo identificou seu pai pondo-se a caminho do trabalho, na construção da rodagem, uma obra de emergência que, durante a seca de 1932, ocupou grande parte dos homens da região do Baixo Jaguaribe, além de um considerável número de crianças. Sobre essa imagem, imediatamente se sobrepôs a de sua mãe, “coitada”, comprando umas “coisinhas” na venda do finado Bileu, as quais seriam pagas na volta do marido, depois de um mês ou até mais de ausência. Era uma época de muitas dificuldades, cuja distância no tempo não o impedia de recordar, involuntariamente, uma sucessão de eventos sobrecarregados de afetividade. No curso afetivo de suas lembranças, mais uma vez, encontrava sua mãe, lavando roupas na casa do finado Zé de Castro. O velho Pedro das Neves parecia não ter controle de suas próprias recordações, haja vista a quantidade de imagens que eram, por assim dizer, libertas do “fosso” profundo de sua memória. A riqueza de sua narrativa, marcada pelo jeito próprio de falar, impõe-me, agora, dar-lhe a palavra para que ele mesmo possa contar sua história, impregnado de sentimentos:

Então, o meu pai era muito pobrezim, tinha sete filho e as coisas era muito difícil. Então, em trinta e dois, houve uma seca medonha, trinta e dois. Não havia nada que o pobe comesse, e os pobe era tudo morrendo de fome. Aqui nosso chefe, com os poder de Deus, era o finado Bileu, nesse tempo pai do Dr. Manoel de Castro, né? Então, arrumou sirviço aí pelo Governo do Estado, num sei como foi, e houve uma emergência na Micaela, né? Os pobe saíram, faziam

aquelas turma daqueles feitor, daqui, e saíram pa Micaela, pa ganhar dois mil réis por mês, né? E, esses dois mil réis, que ele ganhava por mês, a mamãe, que era a mulher do papai, ficava im casa com nós. Comprava no finado Bileu aquelas coisinha, pa quando papai vier com aqueles dois mil réis pagar, aqueles dois mil réis. Mamãe ia, se forniciava... O que ela se forniciava, coitada? Milho, milho pa nós cumer aquelas xiquinha de mi torrado em vinte e vinte quato hora; fazia umas pipoquina, né? Aí, ali nós cumia. Eu, mais um irmão mais novo que tinha, saia assim de manhazinha pos pau branco, caçar aquelas caixa de pau branco. Tirava aqueles miolinho, quebrava na peda, ele tinha um miolinho dento aí nós cumia até negoço de oito hora do dia. Aí, quando o sol esquentava, nós vinha pa casa. Chegava im casa, bibia um aguinha, pa esperar pa cumer aquele mi que mamãe dava pa nós cumer as pipoquina. E, assim, era de vinte e vinte quato hora. Quando papai chegava, as vez mês, passava mais de mês, dois mês ele vinha cá, né? Quando ele vinha pra casa, ele trazia aquele dinheirim, pagava no finado Bileu, que mamãe tirava esse miozim, um sabãozim, uma coisinha que tirava, pagava. E, nisso aí, trevesou a seca de 32. Eu, buchudim, talvez eu tivesse uns cinco ano, né? Vamo na hipóte que eu tivesse mais, que vinte e cinco pa trinta e dois, né? Tinha sete ano, exatamente, sete ano. Mas, era

como se diz, um buchudim que num tinha esforço de nada, né? Mau passado, coitadim. E a mamãe, deixava nós im casa e saía na casa de um home que tinha mais uma condiçãozinha, um velho, o finado Zé de Castro, né? Batia roupa lá no finado Zé de Castro, desse pessoal, aí mamãe ganhava uma coisinha. Aí, quando era de tardizinha, ela trazia as vez uma sobrinha de cumer, uma coisinha pa nós, nós cumia. Ela ganhava aquela minchariazinha, pa ir ajudando as coisa. E, assim, tirou a vidinha dele e a nossa com os poder de Deus. Foi desse jeito! (Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000)

Depois que recebiam a mercadoria no posto de fornecimento, aqueles que trabalhavam na construção da rodagem,<sup>45</sup> colocavam-na no ombro e/ou sobre a cabeça, dispendo-se a vencer, a pé, as léguas de distância que os separavam da família.

Em trinta e dois eu já tinha dois minino. Tinha essa e outa, que foi encostado a ela. Que hoje, tá com a cabeça branca do jeito da minha. E o home, foi pra uma rodage, nesse mundo, pra banda de Choró. Foi trabaiair no Choró. E eu, fiquei com esses minino piqueno, lá fora. Mas, num era aqui na Serra não. Era... Eu morava lá fora. E quando ele veio em casa, tava com

---

45 A construção da rodagem compreendia vários canteiros de obras, os quais agregavam trabalhadores rurais advindos dos mais distantes recantos.

dois mês que tinha saído, trabaiando por esse mundo. E eu, num tive nutícia dele. Num tinha, porque num vi nha ninguém de lá e nem ele tinha por quem mandar nutícia e nem mandar nada. Saiu e chegou quando... quando deu certo. [...]. Mas, eu tinha pai. O meu pai, morava era aqui na Serra. Ele morava ali pra dento, perto daqui. Ele tirava macambira aqui, nesses mato, butava num jumentim que tinha e levava pra eu lá no Quixeré; pra eu tratar e comer a massa mais os minino piqueno, os dois fio que eu tinha.

(Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, localizada no município de Quixeré, no dia 12/04/2000)

Segundo o velho Antônio Eugênio da Silva, durante a seca de 1932 “as casas ficaram quais limpa de homem. Só ficava mulher e aqueles bichim piqueno, que não podia trabalhar”. Com idade de 14 anos, acompanhando o pai na condição de filho mais velho, o Sr. Antônio Eugênio disse ter deixado a zona rural do município de União<sup>46</sup> para tentar uma vaga de “cassaco”<sup>47</sup> na obra de construção da rodagem, no município de Russas. Atravessando paisagens secas, em uma longa jornada a pé, pai e filho, ao chegarem à cidade de Russas, ficaram arranchados embaixo de uma mangueira, à espera de uma oportunidade para se alistarem no “exército” de “cassacos”.

46 Antigo topônimo atribuído ao atual município de Jaguaruana. Só a partir de 30 de dezembro de 1943, o referido município recebeu a atual designação.

47 Expressão comumente utilizada para designar os trabalhadores das frentes de serviços.



Comecemo de Russas, de Russas em busca da Fortaleza. Fomos até as Pedras. Aí, quando chegou nas Pedras, nós voltemo. Os outos foram pa frente, nós voltemo. Comecemo de Russas de novo, pro Limoeiro. Fomos até o Espinho. Do Espinho pra lá, já tinha um outo bocado de gente trabaiano pra lá. Aí, foi o tempo que o inverno pegou, aí do Espinho nós voltemo. (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Por ser menor de idade, o Sr. Antônio Eugênio ganhava apenas mil e quinhentos réis (1\$500). Por diversas vezes, fora “cortado” do serviço, em razão de uma determinação ministerial,<sup>48</sup> que proibia o alistamento de menores nas obras de “combate” aos efeitos da seca, alegando ser extremamente oneroso para o Estado brasileiro. Infringindo a determinação ministerial, os menores apresentavam-se, diariamente, nas frentes de serviço, à procura de um novo alistamento.

Aí, em 32, eu era minino. Aí, veio um feitor, alistou eu pa trabaian na turma de minino, só minino. Aí, nós fumo ganhando... Oi! Ainda me alembro, ganhando 1\$500, 1\$500, tá rendo? Era o dinheiro dos minino, 1\$500. Eu trabaiei, trabaiei... Aí, quando foi com pedaço, com um mês ou dois, aí veio um fiscal, aí butou nós lá pa Água Fria. Aí, nós fumo pa Água Fria. O feitor, com uma ruma de minino

48 Determinação ministerial expressa em telegrama n.º 1.163, de 25 de novembro de 1932.

medonha, vinte e cinco minino. Era uma copa de minino medonha, tudo brincando. Aí, quando nós chegamo lá, só trabaitemo dois dias. Aí, veio outro fiscal, cortou o que foi de minino, cortou tudim. Aí, viemo simbora. Aí, chegemo na Russa, aí fumo tirar os ponto, tá rendo? Eu ainda tirei mei saco de farinha, tirei carne véia, tirei sabão, tirei açúcar, tirei a rapadura, fiz uma arrumação medonha, tá rendo? Daí, botei no carro e truxe pra cá. Nesse tempo, nós morava no Brito, incostado na Passagem. **[Passagem de Pedras, era como se chamava a atual cidade de Itaiçaba].**

(João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

Apesar da determinação ministerial, a direção da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, pressionada pelos pais e demais trabalhadores alistados, resolveu, por conta própria, ignorar a referida determinação, de 25 de novembro de 1932, passando a fazer o alistamento de menores, cujas famílias fossem compostas de, no mínimo, seis pessoas. Diante da presença e, sobretudo, da grande presença de menores nas frentes de serviço, o Gabinete Ministerial resolveu acatar a posição tomada pela direção da Inspeção. Segundo José Batista Neto (1986), em toda a região Nordeste, o percentual de menores representava 15% sobre o total de alistados.

Não bastassem os parcos salários pagos aos “cassacos”, era comum o atraso no pagamento dos mesmos. A agiotagem e a corrupção na distribuição de vales e na venda de gêneros ali-

mentícios eram, também, práticas comuns entre os responsáveis pelo gerenciamento das frentes de serviço.

O descaso com a questão social era geral. Nas margens da estrada em construção, os “cassacos” viviam amontoados em barracas cobertas por lonas, palhas e até por ramas: “Cortava um bucado de ramo, cubria por riba, pronto. Cortava só as furquia, tá rendo? Butava as travessa e butava a rama por riba, né? Aí, pronto, o camarada armava a rede e ia se deitar. Pegava sereno, pegava tudo”.<sup>49</sup>

A aridez do clima, a grande concentração de pessoas, a completa falta de higiene e de infraestrutura das barracas, além da ausência de uma assistência médica, foram fatores que, diretamente, contribuíram para o agravamento do estado sanitário da região e o consequente surgimento de doenças, que passaram a grassar, sobretudo, nas frentes de serviço.

Trinta e dois, entrou uma seca muito grande, muito ruim. Aí, ele [**referindo-se ao pai**] mandou nós trabaiar na estrada, nessa BR, lá do Choró, na dirmatação dela. Vinha na dirmatação. Deu uma impedimia muito grande, lá morreu diversas pessoas. Aquela tal de paratifo, uma doença que tinha, matava dipressa. Tinha uma febre medonha.

(Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

---

49 João Delfino Bezerra 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Em virtude da virulência com que a doença se manifestava, de acordo com o relato de Dona Altina de Moura Lima, as pessoas ficavam impossibilitadas de andar, tornando frequente, pelos caminhos, o trânsito de redes transportando aqueles que mais se achavam acometidos pela epidemia de paratifo.

Vixe Maria! Morreu muita gente. Na rodage mermo, morreu muita gente. E veio passar muita gente duente d'aculá de baixo, das Flores, passava gente em rede que num podia mais andar, num é? Aí, diciam com eles em rede. (Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, localizado no município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000)

Ao atravessar os acontecimentos que mais lhe marcaram a vivência durante a seca de 1932, o Sr. Eduardo Soares de Lima recordou o fluxo entre a seca, o trabalho, a morte e a festa.

Trinta e dois, eu me lembra muito, como fosse hoje! Num lugar chamado Bonguê, nós trabaiava, aí, eu vi munto assim: uma barraca aqui, outa ali, outa acolá, na beira da estrada, né? Um defunto aqui, uma festa ali; um defunto acolá, uma festa acolá. E era o pau rodando, uns cantando excelença, que hoje nem uso mais, e o tambor véi rodando e o pessoal dançando, ligavam nada não. Eu vi muito isso em 32, ali [...] do Pacajus pra cá, num lugazim que chama Bonguê. Era seca e morte e festa, só o pessoal morrendo de doençal medonho. Morria... morreu muita gente em 32.

(Eduardo Soares de Lima, 78 anos.  
Entrevista gravada na comunidade da  
Lagoa de Santa Teresinha, no municí-  
pio de Russas, no dia 28/08/1999)

Ao dizer que o sertão das festas era o sertão de “todo tempo”, o Sr. Américo Simão de Freitas pretendeu demarcar que, mesmo em períodos de seca, o sertão da alegria permanece vivo através do canto, das brincadeiras e das festas:

Era de seca, de inverno, num tinha essa história não. Im trinta, nós passemos no Barracão, foi um ano escasso, toda noite tinha uma festa [risos]. Im trinta, toda noite tinha uma festa numa casa véia que tinha lá im riba do alto, toda noite nós brincava. Um tio meu era tocador, eu ajudava a ele bater um bumbo quando havia. Sei que era bom!

(Américo Simão de Freitas, 79 anos.  
Entrevista gravada na comunidade da  
Lagoa Grande, localizada no municí-  
pio de Russas, no dia 23/08/1999)

Os dois fragmentos de memória, acima descritos, ao mesmo tempo que colocam em suspeita a clássica imagem do sertão sem movimento, paralisado pela seca e pela fome, apresentam-nos um sertão de misturas, de colagens, no qual a alegria e a tristeza são experiências de um mesmo viver, independente dos rigores da natureza.

Nos sertões da seca de 1932, afora os trabalhos na construção da rodam, aqueles que permaneceram em seus espaços domésticos buscavam sempre outras formas de trabalho que pudessem auxiliar na sobrevivência familiar. Mães e filhos

que não acompanharam os pais nas frentes de serviço promovidas pelos entes governamentais somavam-se no processo de manipulação da palha da carnaúba, com a qual, depois de trançada, confeccionavam chapéus para serem vendidos nas bodegas, onde, ao mesmo tempo, poderiam adquirir gêneros alimentícios.

Em 32, não. Eu num fui não [**para o trabalho de construção da rolagem**], fiquei em casa mais mamãe fazendo trança, viu? E meus irmãos mais pequeno, viu? Fazendo trança de chapéu e mamãe costurando. Nós vendia e comprava algum alimentozim pá gente comer. [...]. Aí, foi a rolagem. [...]. Meu pai, sim senhor! Meu pai. Ele e dois irmãos mais véio, meu. [...]. Aí, era chuva de dia e de noite lá, [...] trinta e três. Aí, foi, ele vei simboira [...] pra prantá roçado.

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade do Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

As primeiras chuvas caídas no início do ano de 1933 fizeram com que muitos camponeses, a exemplo do pai do Sr. João Pereira Cunha, abandonassem o trabalho de “cassaco” na rolagem e retornassem para casa, a fim de plantar seus roçados.

A construção de estradas como medida de “combate” aos efeitos das secas contribuiu diretamente para a urbanização das cidades interioranas. Mesmo que não se percebessem assumindo, por assim dizer, o papel de “novos bandeirantes”, os funcionários responsáveis pelos projetos de construção de barragens e rodovias tornavam-se dirigentes do progresso, trans-

formando não apenas a natureza, mas, sobretudo, as relações sociais no campo. Para Neves (2000, p. 171), “traziam capitais, saberes e mercadorias, incorporando as áreas rurais aos padrões produtivos e culturais do capitalismo mais ‘avançado’”.

A antiga Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS, criada em 21 de outubro de 1909, pelo Decreto 7.619, no governo de Nilo Peçanha, já incluía, no programa de obras de seu primeiro regulamento, a construção não apenas de estradas de ferro, mas, igualmente, de estradas de rodagem. No entanto, só a partir de 1932 as obras rodoviárias no Nordeste ganharam mais impulso e notoriedade (NETO, 1986).

Em virtude do grande número de trabalhadores rurais reivindicando, durante a seca de 1932, a instalação de frentes de trabalho, as obras rodoviárias assumiram um caráter de urgência em todo o sertão nordestino. Para termos uma ideia, tomando como base todo o referido espaço, o número de pessoas contabilizadas cresceu de 7.000, em março de 1932, para 220.000, em novembro do mesmo ano. Não seria possível, pois, atender aos apelos populares apenas com obras de açudagem, haja vista o limitado número de trabalhadores que este modelo de obra absorvia (DNOCS, 1984).

Para Neves (2000), as estratégias para fixar os camponeses no campo, tinham um duplo objetivo: primeiro, impedir o grande deslocamento de camponeses para as grandes cidades, a exemplo de Fortaleza; segundo, diminuir o poder de mobilização dos camponeses reunidos em multidão. Por essas razões, no contexto político do pós-30, marcado pela centralização do Estado, a seca de 1932 passou a ser compreendida como uma “questão nacional”, diretamente ligada à segurança pública. Cabia, pois, aos órgãos públicos de assistência social o emprego de estratégias de “combate” à seca, visando a permanência dos camponeses no campo. Assim, as obras de infraestrutura,

voltadas para a construção de rodovias, açudes e barragens, tinham por meta resolver os problemas dos transportes e da acumulação de água.

Ao atravessarem as lembranças da seca de 1942, velhas e velhos camponeses foram demarcando os contornos de suas narrativas a partir da memória do vivido. Para o Sr. Eduardo Soares de Lima, as secas são “conforme os tempos, conforme as condições da gente.” (Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 28/08/1999)

As secas não representam, pois, uma experiência única. No fluxo de vários sentidos, para alguns, a seca de 1942 representou um tempo de misérias, para outros, “foi uma beleza. A seca de 42 eu num passei penúria, não. Graças a Deus!”<sup>50</sup>

Morando, à época, próximo das margens do rio Palhano, o Sr. Raimundo Delfino Filho encontrou, principalmente no mato e no rio, algumas estratégias de sobrevivência que lhe permitiram, sem muitas agruras, atravessar a seca de 1942.

40 foi inverno, 42 foi iscaso, seco, seco. [...]. Dava aquela chuvinha, a gente prantava aquelas coisinha, aí, pegava aquela coisinha e ia se virando. Deus dava um jeito da gente passar. Se virava no rio, pescando no rio, se virava no mato. No mato, nesse tempo, tinha caça e no rio tinha peixe. (Raimundo Delfino Filho, 87 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 26/10/1999)

---

50 Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, localizada no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.



Comparada às secas anteriores, a estiagem de 1942 foi caracterizada, por alguns camponeses, como um simples “riquite”. No entanto, não devemos conceber os espaços do vivido, as experiências cotidianas cartografadas por traços e sentidos homogeneizantes. Entre todas as narrativas, a experiência vivida pelo Sr. Francisco Vieira da Silva foi, sumariamente, a que mais me chamou a atenção, em razão da singularidade da mesma.

Em virtude das dificuldades enfrentadas na seca de 1942, o Sr. Francisco Vieira da Silva resolveu emigrar, sozinho, para o Estado do Piauí, conduzido pelos seus próprios pés. Antes, porém, trabalhou na construção de uma rodagem entre as cidades de Iguatu e Campos Sales, no alto Jaguaribe. Além da seca, vivia-se, no ano de 1942, um tempo de guerra que, no dizer do Sr. Francisco Vieira, era “uma guerra da Alemanha”, a qual muito dificultou sua travessia pelos sertões a caminho do Piauí.

Foi seca horrorosa. Saí daqui pro Piauí. Não, ainda trabalhei na rodage aí entre Iguatu e Campos Sales. Ainda trabalhei, uns dois mês nessa rodage. Daí, eu fui pro Piauí, sozinho. Era guerra, seca, o maior trabalho pra você passar nas barreiras. Home num passava, rapaz novo num passava de jeito nenhum. Uma guerra da Alemanha, em 42. Foi começada em 36, foi acabada em 44. Dez ano de guerra. (Francisco Vieira da Silva, 75 anos. Entrevista gravada na comunidade de Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

As formas de relacionamento envolvendo retirantes e autoridades, estabelecidas pelo regime político do pós-30, irão

permanecer, pelo menos em alguns aspectos, na seca de 1942. Para Neves (2000), o clima gerado pela Segunda Guerra Mundial favoreceu o emprego de soluções autoritárias, por parte do Estado brasileiro, no “enfrentamento” dos efeitos de mais estiagem no Nordeste.

No Piauí, o Sr. Francisco Vieira permaneceu por seis anos. Durante todo esse tempo, morou “em muitas currutelas” e trabalhou na extração da maniçoba, utilizada como matéria-prima no processo de fabricação de borracha. Do Piauí, migrou para Goiás. Passava o dia caminhando e à noite arranchava em alguma fazenda. No Estado de Goiás, o Sr. Francisco Vieira trabalhou em uma mina de mica, uma espécie de minério de isolamento utilizado em aparelhos elétricos. Entre as muitas cidades que habitou, saudoso, destacou Porto Nacional e Miquelândia. Depois de 51 anos morando fora do Ceará, retornou para sua terra natal, Tabuleiro do Norte, no ano de 1993, já com a saúde bastante debilitada pelo diabetes e por “um carço” que dizia já ter “tomado à boca do estômago todo.”

Deitado em uma rede, com a aparência física denotando o estágio avançado da(s) doença(s), o Sr. Francisco falava com intervalos que eram, quase sempre, intercalados por excessos de tosse. Confesso que cheguei a ficar arrependido por ter iniciado a entrevista, embora não a tenha prolongado por muito tempo. Certamente foi, para mim, a mais sofrida experiência vivenciada ao longo de toda minha travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe. Ao retornar à sua casa, em meados do mês de julho de 2001, um ano e três meses depois de ter realizado a entrevista, fui informado que o Sr. Francisco Vieira da Silva havia falecido em maio de 2000, um mês depois de ter me concedido o direito de registrar parte de suas memórias.

Ao narrar os deslocamentos, as trajetórias e mutações que marcam a transversalidade de sua própria existência, em

um sertão igualmente transversal, o discurso do Sr. Antônio Eugênio da Silva, diferente do sofrido relato de memória do Sr. Francisco Vieira, estabelece, emblematicamente, o agenciamento entre a festa, o trabalho e a seca. Segundo o velho Antônio Eugênio, o ano de 1942 foi de muito trabalho, em virtude da irregularidade da estação chuvosa. Na companhia do amigo Euclides Bernal, o Sr. Antônio Eugênio trabalhou cortando macambira<sup>51</sup> para alimentar o rebanho de gado dos proprietários, cujas terras já se encontravam sem pastos. Todos os dias tiravam cerca de seis cargas da referida planta no lombo de jumentos. No final da tarde, depois de cortada e espalhada toda a macambira, tomava banho, jantava e, no seu próprio dizer, “tirava lá pos Cadiáis”, cerca de uma légua de distância de onde morava, para passar a noite dançando ao som do realejo e do reque-reque de Chico Cabral.

Agora, a festa o que era? Um nego tocando realejo chamado Chico Cabral. Mas, ali era um nego que tocava um realejo! Um realejo grande. Aqui, era um reque-reque, enganchado, aqui, e o realejo aqui na mão e ele tocando reque-reque, tocando, passava a noite dançando. Aí, tinha noite que eu saía de lá de madrugada. Aí, quando eu chegava im casa, o minino tava butando a cangáia no jumento pra ir pro mato. Chegava, num cumia nem nada, só era saltar em riba do jumento, tirar macambira. Todo dia eu ia. Na noite que eu num aguentava mais, era só acabar de cortar a macambira, ia dormir. Mas, teve muitos dias que

---

51 Um tipo de vegetação típica do sertão nordestino, de característica espinhosa, muito resistente à seca.

tava cortando a macambira, soltava o facão, caía pa trás e pegava no sono [risos], tanto sono eu tinha. [...]. Aí, na derradeira, no mês de janeiro de quarenta e dois [...], eu cheguei de madrugada. Quando eu cheguei, o minino tava butando a cangáia no jumento pa ir po mato. Nesse tempo, tinha um balde de bombom deste tamanho de tampa, a gente trazia água dento, dento do balde. No jumento que eu vinha, butaro o balde dento do caçua. Aí, eu vinha na entrada do mato, pa entrar no mato, me deu um cuchilo, eu escapuli de riba do jumento, bati no chão, bateu no chão [o balde com a água] caio na carreira, distampou, derramou a água todinha. (Antônio Eugênio da Silva, 81 anos. Entrevista gravada em Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Embora a seca componha o enredo das narrativas camponesas como elemento constituinte de seu espaço tradicional, cuja ocorrência obedece a um tempo cíclico, ela não representa a igualdade entre sertão e seca tão reiterada pela produção literária, entre outras artes. Dentro dessa suposta igualdade, o sertão sem seca e sem crise apenas fazia parte de um delicioso sonho que logo seria interrompido pela realidade que era a seca (BARBOSA, 2004).

As narrativas camponesas, além de não promoverem a igualdade entre sertão e seca, atribuem a essa outros sentidos assentados na experiência do vivido. No discurso camponês, quando as condições alimentares são favoráveis à sobrevivên-

cia humana, a ausência de chuvas regulares não caracteriza uma seca propriamente dita, pois o inverno não é sinônimo apenas de chuva, mas de fartura.

A seca de 58 foi pra nós... foi muito boa. Foi seco, mas era boa. As coisa era favorável. Feijão aí pra comprar não faltava, carne não faltava, peixe era o que você queria tinha. E foi uma seca boa que a gente passou, foi 58. Achei ela ruim não.

(Antônio Eugênio da Silva, 81 anos. Entrevista gravada em Pacatânia, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Se para o Sr. Antônio Eugênio a seca de 1958 foi “muito boa”, para Dona Estelita Crispim Gomes foi um ano “muito bom”, haja vista a fartura de água e de peixe proporcionada pelo açude de Poço do Barro, comunidade rural na qual residia com sua família:

Cinquenta e oito eu tem bem lembrança, muita lembrança mermo. Até um resguardo eu passei, im 58. No 58, nós morava no Poço do Barro, foi aonde nasceu a mãe desse minino. Cinquenta e oito foi muito bom, muita gente achava rim; mas, eu achei bom. Porque pelo meno de peixão nós cumia munto, todo dia munto peixe; água, que o açude era chei. Era uma beleza! (Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade Lagoa de Santa Teresinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

Atravessando as paisagens que a memória ainda preservava da seca de 1958, de maneira emblemática o Sr. João Pereira Cunha, em seus relatos, juntou seca e fartura, negando, dessa maneira, a clássica associação entre seca, fome, miséria, tristeza e sofrimento:

Ói! 58, prá seca, como eu tô dizendo, bicho num teve gosto de comer uma foia verde. Mas, eu tratava as vacas de meu cunhado com macambira cunzi-nhada com sal, viu? Era leite... Todo dia quando o senhor chegasse na minha casa, o senhor quisesse jantar qualhada, tinha, viu? Sobrava! Tinha seis minino já, já seis fi naquela época, eles cumia leite, mas sobrava leite aí. Meus fi num subero o que foi pricisão, eu cumprava as coisa era de saco: saco de farinha, saco de açúcar e essas coisa toda. [...]. Tinha um criar de bode até bom; a muier criava muita galinha, nós criava... nós criava porco, quem que sabia o que era pricisão, né? Graças a Deus, não.

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade de Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Morando em uma região de sequeiro, no sopé da Chapada do Apodi, sem poder trabalhar na agricultura em virtude da falta de chuvas, o Sr. João Pereira buscou, na própria natureza, através da exploração da macambira, outras formas de trabalho que garantissem a sobrevivência de seu núcleo familiar.

A seca? Rapaz, o que significa só é muito sofrimento [risos]. Agora, aqui, a gente toda vida distroce, seja o que for. 58 foi a seca mais seca que deu aqui nesse lugar. [...]. Mas, também tem uma coisa, ninguém soube o que foi precisão, não senhor. [...]. Todos os domingos eu tinha quinhentos mil réis. Eu vendia macambira a um home lá dos Patos, Figueredo. Iam buscar onde eu morava. Ele vinha buscar quarta, saía quinta; vinha sábado, pra sair domingo, [...] lá de frente da minha casa. Comecei a fazer um [...] justo com ele, setenta arroba pu semana. Eu sabia que eu num tirava essa macambira, mais tinha meus cunhados. Aí, falei com o cumpade Zé [...]. Pouco mais, haja gente querendo entrar no nosso justo, [...]. E o home dizia assim: - ‘tanto vocês tire macambira, como eu compro’.

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade de Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Morando em uma região de sequeiro, no sopé da Chapada do Apodi, o Sr. João Pereira, ao vender a macambira para alimentar o gado dos proprietários que moravam nas várzeas do rio Jaguaribe acabou se beneficiando, juntamente com seu núcleo familiar, da rentável e rústica indústria da cera da carnaúba: “Eu achava bom! Eles, lá, se virava nas carnaúbas, cortava carnaúba, fazia cera, e trazia e dava o dinheiro pá comprar

macambira a nós, viu? [risos]. Qualquer maneira, nós se refrigerava da carnaúba também”<sup>52</sup>

O relato de memória do Sr. João Pereira representa um veio para refletirmos acerca das formas de resistência e de reapropriação da natureza, especialmente em períodos de seca, quando a vida cotidiana torna-se mais adversa. Mesmo não sendo possível o desenvolvimento das atividades agrícolas, por ser a atividade mais comprometida pela falta de chuvas, a natureza em volta ofereceu ao Sr. João Pereira, entre outros moradores de Açude do Coelho, as condições financeiras para todos os domingos “ir a rua fazer a feira.”

O Sr. Zacarias Francisco de Almeida, mais conhecido como Isac, ao recordar a seca de 1958, pôs-se, através do pensamento, a caminho do mato, ambiente do qual tirava o sustento da família através do corte da madeira e da fabricação do carvão para ser vendido na cidade de Russas. Para o velho Isac, em períodos de seca, essa atividade sempre representava um bom inverno:

Eu num estranho mais não [a seca], né? Agora, no começo, não! Nas seca... Aí eu estranhei muito, que a gente num tinha costume, né? [...]. Hoje não, hoje a gente tudo faz, né? Trabiá de machado, cortei muita madeira de machado, munta mermo. Fazia caivão pa vender. Era no verão e no inverno, já fiz muito. [...]. Tudo na seca, agora eu faço como o outo, era um inverno bom! Porque tudo que a gente ia fazer tinha, tinha vantagem. O camarada ganhava pouco, mais na-

---

52 João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade de Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.



quele pouco chegava pá fazer tudo, porque tudo tinha com fartura.

(Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 26/08/1999)

Atravessado pela ideia de fartura, o velho Zacarias metaforicamente transformou a seca em um “inverno bom”, pois, no imaginário camponês, o inverno é sinônimo de fartura, não apenas de chuva.

Outro narrador, o Sr. Amaro José da Silva, disse não ter se “aperreado” na seca de 1958. Morando próximo ao rio Jaguaribe, soubera aproveitar a umidade profunda dos terrenos ribeirinhos, fertilizados pelo limo depositado no solo, para plantar a chamada lavoura de vazante, após a passagem das águas.

Em 58, [...] num se aperriemo demais, não. Porque essas terras, onde vai pu rio, [...] tinha um poço, aí, o poço foi secando e a gente prantando. Inda deu muito capim, peixe miúdo. Tinha peixe grande não, era peixe miúdo.

(Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade de Alto do Ferrão, localizada no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000)

Dona Francisca Delfina da Costa, ao buscar, nos refolhos da memória, as lembranças da seca de 1958, revelou ter ficado em casa, na companhia dos filhos menores, “agarrada na trança” da palha da carnaúba, enquanto seu esposo, seguido pelos

dois filhos mais velhos, foi trabalhar no açude do Barracão,<sup>53</sup> no município de Russas.

Passava a semana lá. Quando era dia de sabo, ele mandava os minino, os dois minino, o Raimundo e o finado João. Os minino vinha. Quando era na outa, os menino ficava e ele vinha de pés, de pés. Pois era meu fi, ainda vinha era cantando! De longe nós avistava a voz dele cantando. Ele vinha cantando. Trazia a mercadoria-zinha: a fava, aquela fava preta, e carne véia. Aquele arroz preto, chamava boga, um tal de boga. Essas coisa que trazia do Barracão.

(Francisca Delfina da Costa [Chiquinha], 87 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 26/10/1999)

Nessa narrativa de Dona Chiquinha, como era mais conhecida nossa narradora, chamou-me a atenção a disposição do seu marido para o canto, mesmo enfrentando uma quadra difícil, que o obrigava a caminhar várias léguas entre o açude do Barracão e a comunidade de Canto da Cruz, onde morava. Canto e alegria são manifestações que rompem com o imaginário que torna o sertão lugar-comum da miséria, do sofrimento, da tristeza.

53 O açude Santo Antônio, mais conhecido como açude do Barracão, teve suas obras iniciadas na seca de 1919. Na época, de acordo com o Sr. Francisco Rodrigues Pitombeira, carregava-se “água lá do Peixe, em dois carros de boi”, para fazer o “alicerce do açude”. Entretanto, só em 1929, dez anos após o início das obras do referido açude, foram concluídos os trabalhos de sua barragem, cuja disponibilidade de armazenamento, segundo informação obtida no jornal *O Povo*, de 15 de março de 1932, ficou na ordem de 36 milhões de m<sup>3</sup> de água. Conforme explicou o Sr. Chiquinho Pitombeira, na seca de 1932 foi feito o “encascamento” da parede do açude até o nível da cota sete, enquanto na seca de 1958 foi realizado o “alinhamento da parede da barragem.”

Ao recordarem o passado, sobretudo os anos de seca, é provável que velhas e velhos camponeses tenham produzido algum tipo de esquecimento, silenciando, desse modo, as agruras vividas, ao mesmo tempo em que recortavam, do passado, plácidas e alegres experiências. Mesmo reconhecendo que a memória é possuidora de um nível imaginativo, no qual operam a invenção, o desejo e a fantasia (ALBUQUERQUE JR, 1994), não acredito que o passado recordado, em cada narrativa, e traduzido pelos signos da alegria, da fartura e da ventura, seja pura idealização ou a simples expressão do descontentamento com o presente.

Assim, ao chegarmos ao fim desta etapa de nossa travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe, fica claro o quanto a memória não representa apenas lembranças, mas também um campo de disputa e de poder. Partindo, pois, desse pressuposto, compreendemos duas estratégias distintas na construção da memória em torno do sertão: a memória das elites, responsável pela construção da imagem do sertão como um espaço monótono, seco e agonizante, sem alegria e canto, e a memória camponesa, alimentada pelas experiências do vivido, cuja densidade nos faz enxergar o sertão com os olhos do plural, do diverso, do engenhoso, do sensível, do afetivo.

Embora outras secas tenham marcado o calendário camponês nos sertões do Baixo Jaguaribe, a exemplo da ocorrida entre os anos de 1979-1983, nenhuma delas marcou o tempo da memória daqueles que se dispuseram a contar-me suas histórias de vida. Por essa razão, não prosseguirei, através de minhas narrativas, atravessando os sertões das secas.

## Segunda Parada

### Sertão das Enchentes<sup>54</sup>

Durante a travessia dos rigorosos invernos,<sup>55</sup> algumas vezes com o corpo cansado e as ideias em movimento, recolhi-me à sombra de um alpendre, por onde corre, na boquinha da noite, um vento úmido e frio. Noutras vezes, como descanso, preferi a sombra de uma canafístula, de um juazeiro ou de uma velha oiticica, onde voejam carcarás, nambus, periquitos, entre outros pássaros típicos da caatinga. Acompanhando o branco voo das garças, às margens do açude do Barracão, também cruzei ideias e espreeitei sentidos para o passado que, em profusão, era-me narrado. Diante do velho Jaguaribe, prestando atenção na sinuosidade de suas águas, pus-me a imaginá-lo nas grandes invernações, descendo “cabeça abaixo”, banhando tudo que encontrava pela frente, cobrindo as várzeas e afogando os troncos de velhos carnaubais, dando ainda mais beleza ao balé de suas palhas, que, em forma de leque, dançavam ao assobio melodioso do vento. Foi assim que, em cada parada, inspirado pela constante renovação da natureza, busquei compreender o quanto as cheias, a exemplo das secas, organizam os tempos e espaços da memória camponesa.

O inverno de 1917, um dos mais severos já registrados na história do Ceará, marcará o início de nossa travessia pelos sertões das enchentes. Para melhor conhecermos a intensidade

54 Nessa travessia, oito foram os guias: Raimundo Nonato da Costa, Ana Francisca do Espírito Santo, Altina de Moura Lima, Onofre Augusto dos Santos, Maria Pereira de Almeida (Lili), Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), Egilda Delfino Nascimento e João Pereira Cunha.

55 Através das memórias de velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe, faremos a travessia das grandes cheias de 1917, 1924, 1960 e 1974.

da quadra invernos, Rodolfo Theophilo (1919), com base nos dados pluviométricos fornecidos pelo Presidente do Estado, Dr. João Thomé de Saboya e Silva, apresentou a quantidade de chuvas caídas na cidade de Fortaleza, entre os meses de janeiro a maio do referido ano:

Durante o mez de janeiro em que nas epochas normaes é grande a estiagem, mesmo depois de manifestado o inverno, cahiram nesta capital 464 mill. de chuva, sendo ainda maior a quantidade cahida no interior. No mez de Fevereiro, ordinariamente secco, se apresentou com a cota de 267 mill.; no de Março figurou a de 313; no de Abril ainda por anomalia apenas 182 mill. e até 31 de Maio a quanto alcançam estes dados, tinha cahido 454 mill. de chuva, perfazendo um total de 1.680 mill., altura superior a quantos invernos registram as chronicas do Ceará. (THEOPHILO, 1919, p. 150)

Os registros das intensas chuvas caídas em Fortaleza, durante os cinco primeiros meses de 1917, têm por objetivo anunciar que, assim como ocorrera no litoral, o rigor das precipitações pluviométricas fora igualmente intenso no interior do Estado, banhando serras, vales e caatingas. Nos sertões do Jaguaribe, caíram chuvas diluvianas, que a tudo inundaram, principalmente as cidades e áreas rurais que margeiam o rio Jaguaribe.

Não julgo assim pela innundação do Aracaty. Esta cidade foi sempre alagada nos grandes invernos. Em 1866 eu estava no collegio e lembro-me dos horrores que contavam os collegiaes

filhos daquela terra, da inundação d'aquelle anno. É muito humano achar o dia de hoje peor do que o de hontem. O que determinou o rio Jaguaribe ter entrado naquella cidade e chegado a logares em que jamais attingira, foi o arrobamento de muitos açudes em suas cabeceiras. (THEOPHILO, 1919, p. 113-4, 149, 150)

Rememorando, voluntariamente, os excessos das águas de 1917, o Sr. Raimundo Nonato da Costa destacou que muitas casas, na cidade de Limoeiro, ruíram ante a força das águas, que pareciam indomadas, principalmente nas áreas ribeirinhas.

Me lembro, foi uma cheia medonha, derrubou casa. Tinha um criatura, que tinha umas casa, ficando assim pra baixo da rua, aí dizia: - 'Ah! caiu a casa de fulano, caiu a casa de sicrano'. Aí, tinha um home, que eu chamava tio Raimundo Luiz, chorava porque a casa dele tinha caído. Aí, disseram assim: - 'Seu Raimundo, num chore não, que, como Deus butou a cheia, também pode butar alimento pra você levantar uma casa'. Levantou mior do que a que tinha. Porque você sabe, quem espera por Deus num cansa, não. [...]. Eu conhecia essas casa tudim, ficou só os troço, só os troço. Isso aí eu conto e num é mentira, que eu me lembro, me lembro.

(Raimundo Nonato da Costa, 95 anos. Entrevista gravada na comunidade de Canafistula de Baixo, localizada no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000)

Nos campos, o rigor das chuvas quebrou a normalidade do trabalho agrícola, sobretudo nas áreas de maior influência dos rios. As lavouras não puderam ser plantadas ou foram destruídas pelas inundações que fez reduzir, também, o criatório de animais. A estação invernososa alterou, portanto, o cotidiano dos camponeses, que passaram a viver da assistência governamental e da caridade pública, assim como acontece em períodos de seca.

Procurando atender aos clamores que chegavam dos mais distantes sertões, o Presidente do Estado, Dr. João Thomé de Saboya e Silva, baixou o decreto n.º 26, de 20 de março de 1917, abrindo um crédito da ordem de vinte mil contos de réis (20:000\$000) como verba de “socorros públicos”. Diante de tão grave penúria, atendendo solicitação do governo estadual, o Presidente da República, Venceslau Brás Pereira Gomes, disponibilizou a importância de um milhão de contos de réis (1000:000\$000) para “socorrer” da miséria as populações das regiões assoladas pela grande cheia.

Essa quantia foi distribuída pelos municípios, na proporção de suas necessidades e tendo-se em consideração a urgente restauração da lavoura. Foram nomeadas comissões, que, de acordo com os sindicatos agrícolas criados em diversos municípios, puseram por obra as providências que se fizeram precisas.<sup>56</sup>

Pela falta de indícios, não temos como inferir se “as providências que se fizeram precisas” foram, de fato, executadas, ou

---

56 Cf. Relatório – março de 1916 a maio de 1917 - apresentado ao Ex. Dr. João Thomé de Saboya e Silva – Presidente do Estado. J. Saboya de Albuquerque – Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça. Fortaleza: Typ. Moderna, 1917.

ficaram apenas no nível do discurso, presas em um jogo de interesses particulares motivados pelas altas cifras. O certo é que, em períodos de grandes enchentes, a miséria e os infortúnios vividos pela população aparecem acoplados à mesma lógica das medidas de “combate” às secas, ou seja, aos interesses políticos-eleitorais das lideranças locais, no ensejo de manterem, sob seu controle, o costumeiro padrão paternalista de socorro aos pobres.

Em 1924, passados sete anos da grande invernada que encharcou os sertões do Jaguaribe, intensas chuvas fizeram novamente correr rios e riachos, encher lagoas e açudes. Não obstante as chuvas terem caído em abundância, o ano iniciou-se sem precipitações. A expectativa de seca consumiu a todos até o dia 24 de janeiro, quando passou a chover, quase cotidianamente, estendendo-se a quadra invernosa até os primeiros dias do mês de julho.

[...] O Rio Jaguaribe transbordou com impetuosidade submergindo as terras marginaes em uma altura e largura como nunca se vio nos maiores invernos até hoje conhecidos. Basta dizer que desde os taboleiros que fica [sic] ao lado da ponte da Cidade até o sopé da serra do Apodi as canôas navegavam sem interrupção como se fosse em um grande lago, com distancia de tres leguas e mais de uma extremidade a outra.

Pelas ruas da cidade as águas corriam impetuosamente e o quadro da Matriz ficou coberto d'água, e somente pela frente das casas que ficam ao lado do nascente do quadro da Matriz não corria água. Algumas casas da ponta da rua da Igreja de S. Sebastião, ao lado



do sul, foram invadidas pelas águas; e outras mais não foram, devido a tapagens de tijolos com cimento, que, nas portas, fizeram os seus habitantes.

[...].

As famílias salvaram-se trepadas em girau dentro de suas casas invadidas, sofrendo em fome e pedindo em gritos, socorro, até que aparecesse uma canôa que as conduzisse para a serra, os taboleiros ou a cidade.<sup>57</sup>

A população das várzeas foi resgatada em canoas, equipamento comum aos moradores das ribeiras do Jaguaribe, utilizado para o transporte de pessoas, bens materiais e até de animais. De acordo com Lauro de Oliveira Lima (1997), era comum, também àqueles que moravam nos sítios mais distantes da beira do rio, ter guardada, debaixo de uma latada, ao lado da casa de morada, uma bem calafetada canoa.

Dona Ana Francisca do Espírito Santo, alcançando em suas lembranças o pesado inverno de 1924, não teve dúvida em afirmar que a cheia foi grande e mais durável do que a de 1917.

Nós saimo de lá, a casa ficou cheia d'água. [...]. Maior que a de 17. Mas, ficou a casa. Só ficou, assim, as paredes da rabeira... Ainda por Deus, que num carregou a casa. As árvore, que nós tinha, uns pé de cajarana, que papai sempre prantava uma coisa por os terreiro, pé de cajarana, tinha pé de ata, essas coisa assim, a cheia de 24 carregou. Quando nós voltemo pra casa, passou a cheia que nós voltemo, as árvore que nós tinha, a água tinha

<sup>57</sup> Mons. Raymundo Hermes Monteiro, Paróquia de Russas, Livro de Tombo n° IX, p. 46.

levado tudim. Que a cheia foi grande, foi grande e foi mais durável do que a de 17. Em 17, foi ligeira. Quando foi com quato dia, as água já tinha baixado muito, muito, muito. Mas, em 24, rendeu muito.

(Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade de Cercado do Meio, localizada no município de Quixeré, no dia 12/04/2000)

Outra narradora, Dona Altina de Moura Lima, imersa em suas lembranças, revelou que, apesar dos prejuízos causados, principalmente nas áreas de maior influência dos rios, a “fatura d’água” proporcionada pela grande cheia de 1924 fez com que, “nos canto mais alto”, houvesse, também, fatura de legumes e de peixes: “Eu, ainda me lembro de ver ele [**o pai da narradora**] dando lance perto da estrada, pescando ali, pertim da estrada”.<sup>58</sup>

Em virtude da aflição que tomava conta de praticamente toda a população citadina, uma comissão composta por pessoas de destaque, da cidade de Russas, recorreu ao Mons. Raymundo Hermes Monteiro, pedindo-lhe que telegrafasse ao Presidente do Estado, solicitando, além dos três contos de réis que já havia sido anunciado, outros socorros para aliviar os sofrimentos da população local.

[...]. Attendendo a aflição do povo, telegrafhei ao Sr. Arcebispo Metropolitano Dom Manuel da Silva Gomes, pedindo a este que, junto ao Presidente do Estado, intercedesse por nós; e

---

58 Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, localizado no município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000.

logo depois o Sr. Presidente anunciou ao Prefeito desta cidade maiores socorros.<sup>59</sup>

De acordo com o relato do Mons. Raymundo Hermes Monteiro, o próprio Arcebispo Metropolitano, Dom Manuel, enviou à Freguesia de Russas a quantia de três contos de réis para amenizar a situação angustiante em que vivia a população daquele local. Além da ajuda recebida do “pae dos pobres”, como ficou conhecido Dom Manuel, outras foram enviadas pela Associação Comercial, pelo Vigário geral e pelas senhoras de caridade de Fortaleza.

Recebi ainda de Fortaleza, para os inundados desta freguesia, a quantia de dois contos novecentos e cincuenta mil reis, sendo dois contos remetidos pela Associação Comercial, quinhentos mil reis recebidos do Exmo. Sr. Vigário geral e quatrocentos e cincuenta mil reis, enviados pelas senhoras de caridade, o que tudo destribui da forma acima indicada.<sup>60</sup>

Conforme relatou o Mons. Hermes Monteiro, em sua crônica paroquial, o pároco de Russas, Pe. Zacharias Ramalho, mesmo estando em tratamento de saúde na cidade de Fortaleza, arrecadou outros recursos, que foram enviados ao seu irmão, o farmacêutico José Ramalho, prefeito municipal.

Conforme registrado na crônica paroquial, incalculáveis foram os prejuízos provocados pela grande estação chuvosa de 1924, verificados nas plantações agrícolas, na morte de ani-

59 Paróquia de Russas. Livro de Tombo n° IX, p. 46.

60 Paróquia de Russas. Livro de Tombo n° IX, p. 46.

mais, afogados nas correntezas das águas, cujas forças fizeram tombar as cercas divisórias de muitas propriedades rurais.

Em mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará, o Desembargador José Moreira Rocha, Presidente do Estado, ressaltou que, em virtude dos prejuízos causados pelo rigor da estação chuvosa de 1924, principalmente na lavoura, o Estado não atingiu o índice global da receita obtida no exercício de 1923.

Se no exercício de 1924 as inundações que flagelaram o Estado, destruindo e retardando colheitas, não permitiram fosse [sic] alcançado o índice global da receita do exercício de 1923, o maior que fôra registrado no Ceará, não impediram, no entanto, ultrapassasse a receita arrecadada a que fôra obtida no exercício de 1922 e de muito a que fôra orçada.<sup>61</sup>

Em 1960, outra grande invernada inundou a região do Baixo Jaguaribe. Sem demora, a partir de 05 de janeiro, começaram a cair as primeiras chuvas, banhando todas as regiões do Estado.<sup>62</sup> Em Fortaleza foram registrados 25 milímetros de chuva. No dia seguinte, 06 de janeiro, dia consagrado aos Reis Magos, as chuvas foram mais copiosas.

Cairam as primeiras chuvas de 1960, na terra cearense. Foi o melhor cartão de visita que os céus enviaram aos sertanejos nesta entrada de novo ano. Tudo se transformou. A natureza perdeu aquêlê aspecto carrancudo e tornou-se alegre

61 Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Ceará, em 01 de julho de 1925, pelo Desembargador José Moreira Rocha, Presidente do Estado. Fortaleza: Gadelha, 1925.

62 Jornal **O Povo**, 13 de janeiro de 1960, p. 09.

e comunicativa. Transmitiu alegria ruidosa ao homem que labuta cotidianamente no amanho do solo. [...].<sup>63</sup>

Já no mês de março, os rios Jaguaribe e Banabuiú “corriam” com grandes volumes d’água. Vários eram, ainda, os riachos que não mais comportavam o excesso das águas e que insistiam em alargar a extensão de suas margens. Dezenas de açudes, em vários municípios do Estado, já haviam arrombado, além de casas e casebres destruídos pela força das águas. Temia-se que, em pouco tempo, o inverno de 1924 fosse suplantado. Mas, essa não era a maior das preocupações.

Em virtude das grandes chuvas caídas na bacia hidrográfica do açude Orós, ainda em construção,<sup>64</sup> as autoridades, locais e estaduais, assim como toda a população jaguaribana, temiam o rompimento da barragem. Diante do iminente perigo, o Dr. Osmar Fontenele, chefe do Serviço de Piscicultura do DNO-CS, recebeu, na manhã do dia 22 de março de 1960, telegrama informando a respeito da gravidade da situação no Vale do Jaguaribe e, mais especialmente, a situação em que se encontrava a barragem do Orós.

[...]. No entanto, trombas d’água de mais de 250 milímetros, caídas na bacia hidrográfica, motivaram a maior enchente, já observada. As quatro horas da madrugada de hoje, na ponte de Iguatú, o Rio Jaguaribe marcava 35 pés, ou seja, aproximadamente onze metros e meio de lâmina d’água. Houve, portanto, uma elevação de seis metros em menos de 15 horas. Apesar de não haver muita possibilidade

<sup>63</sup> Jornal *O Povo*, 13 de janeiro de 1960, p. 09.

<sup>64</sup> As obras de construção do açude Orós foram concluídas no ano de 1961.

de salvamento da barragem, somente poderemos informar, com precisão, dentro de vinte horas. [...].<sup>65</sup>

Nesse mesmo telegrama pedia-se, ainda, a cooperação da imprensa, para que essa estabelecesse um canal de comunicação com a população das comunidades ribeirinhas, especialmente aquelas localizadas nas áreas mais próximas ao grande reservatório em construção, a fim de mantê-las informadas a respeito da gravidade da situação, bem como recomendar a desocupação das áreas mais críticas.

Preocupado com o excesso de chuvas, que poderiam provocar o rompimento da barragem do açude Orós, Dom Aureliano Matos, bispo da Diocese de Limoeiro do Norte, através do Jornal **O Povo**, evidenciou seu receio em relação ao cenário de destruição social e econômica, caso a referida barragem não mais suportasse a pressão das águas:

A construção das cidades ameaçadas foi toda feita de tijolo e barro. E não resistirão, por conseguinte, ao embate das águas. As enchentes quando pequenas, morosas, trazem grandes prejuízos, porém, deixam as terras fertilizadas. Mas nas proporções desta, o vale será varrido, ficando imprestável, por algum tempo, para as plantações. Desde agora, precisamos promover uma conjugação de esforços, maior ainda do que se fez até agora, para que possamos restabelecer, embora demoradamente, a normalização da vida econômica e social da região, no caso de que o arrombamento ocorra.<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Jornal **O Povo**, 22 de março de 1960, p. 01 e 02.

<sup>66</sup> Jornal **O Povo**, 26 de março de 1960, p. 08.

Conforme afirmavam os engenheiros responsáveis pelo monitoramento do açude, caso a parede do reservatório rompesse, as cidades seriam atingidas pela inundação com uma lâmina de água de 04 a 06 metros.

Caso as chuvas, por alguns dias, parassem de cair na bacia hidrográfica do Orós, seria possível, através do túnel e da galeria do açude, dar maior vazão ao grande volume de água retido na barragem, diminuindo, assim, o iminente perigo de rompimento da mesma.<sup>67</sup>

Diante da gravidade da situação, a 10ª Região Militar de Fortaleza iniciou, no dia 23 de março de 1960, o envio de tropas e viaturas para as áreas ameaçadas ou já atingidas pelas enchentes do rio Jaguaribe. A intervenção militar consistia, basicamente, no fornecimento de alimentos, remédios, barracas e transportes para possibilitar a retirada das populações ribeirinhas, entre outras igualmente ameaçadas pelas águas.

Diante da ameaça crescente de arrombamento do açude Orós, as populações das cidades e várzeas do Baixo Jaguaribe, estão vivendo o maior drama de toda a sua história. Como medidas de precaução e orientados pelas autoridades e o exército, essas populações já abandonaram suas residências, estando agora alojadas em vilas e sítios localizados em terrenos mais elevados, onde ficarão a salvo das águas do Rio Jaguaribe. [...].<sup>68</sup>

Das cidades mais próximas ao rio Jaguaribe, Russas, por estar situada em terreno mais elevado, era a que menos apre-

67 Jornal **O Povo**, 22 de março de 1960, p. 08.

68 Jornal **O Povo**, 25 de março de 1960, p. 02.

sentava problemas com o nível das águas do referido rio. Apenas com o rompimento da barragem do açude Orós é que a cidade poderia ter sua área mais central atingida pela força das águas. Todavia, como medida de precaução, a população foi transferida para locais que apresentassem maior segurança.

Assim como Russas, a cidade de Quixeré, por ter sido edificada em um ponto mais alto, não estava sob o eminente perigo de uma inundação. Dessa forma, a população que morava nas várzeas do rio Jaguaribe pôde ser deslocada tanto para a cidade, ficando alojada em casas residenciais, no mercado público e em grupos escolares, como para as localidades mais próximas da Chapada do Apodi.

Localizada entre dois braços do rio Jaguaribe e à margem direita do rio Banabuiú,<sup>69</sup> a cidade de Limoeiro do Norte estava em estado de alerta geral. Na manhã do dia 24 de março, o vigário geral da cidade, monsenhor Otávio Alencar Santiago, os capitães do exército Arribamar e Frota Leite, bem como os membros da comissão de “evacuação”, procuravam, através do microfone da Rádio Vale do Jaguaribe, convencer a população a deixar a cidade, no menor espaço de tempo.

[...]. Por volta das 10 horas, quando chegaram as notícias desalentadoras e alarmantes do Orós, as pessoas que ainda se encontravam na cidade trataram de passar para a margem oposta do rio, conduzindo o pouco que podiam. Muita gente saiu só com a roupa do corpo. Assim, estabeleceu-se um verdadeiro ‘Rush’ e dentro de poucas horas, Limoeiro do Norte tinha um aspecto triste: o comércio

---

69 O rio Banabuiú é um importante afluente do rio Jaguaribe, cujas águas se encontram, justamente, nas proximidades da cidade de Limoeiro do Norte.



fechado, as residências abandonadas,  
a praça da Bandeira deserta.<sup>70</sup>

O conteúdo da matéria permite-nos inferir o quanto parte da população resistiu a abandonar suas casas, os lugares de suas memórias, a deixar para trás o espaço vivido, mesmo que deles pudessem levar, no mais íntimo, os vínculos afetivos.

De maneira ainda mais intensa, a cidade de Itaiçaba fora atingida pelas caudalosas águas do Jaguaribe. Utilizando-se de canoas, parte da população atravessou as áreas alagadas para alojar-se em casas de parentes e/ou amigos, nas comunidades de Barreira Vermelha, Tracoen, Brito, da Serra do Ereré, entre outros espaços geograficamente mais elevados.

Entre as cidades do Baixo Jaguaribe, Jaguaruana era, segundo matéria publicada no jornal *O Povo*,<sup>71</sup> a menos assistida pelos “socorros” enviados pelo Governo do Estado. Além da falta de gêneros alimentícios, o município ressentia-se da falta de lanchas e botes que possibilitassem o transporte da população para as áreas de Tabuleiros, situadas na margem esquerda do rio Jaguaribe. Para agravar a situação de “abandono” vivida pela população local, o município encontrava-se incomunicável com o resto do Estado, uma vez que a cidade estava sem telégrafo e não possuía qualquer estação de rádio amador.

As cheias do rio Jaguaribe, engrossadas pelas águas do Banabuiú, fizeram com que, em fins do mês de março de 1960, o número de desabrigados na região do Baixo Jaguaribe atingisse a marca aproximada de 50 mil pessoas, das quais, grande parte, já se ressentia dos efeitos da fome e das doenças. É provável que este número tenha crescido após a barragem do Orós não suportar a pressão das águas e romper-se. O “flagelo” das águas

70 *Jornal O Povo*, 25 de março de 1960, p. 02.

71 *Jornal O Povo*, 28 de março de 1960.

era descrito pelos jornais de Fortaleza, através de imagens de desolação e misérias vividas pela população.

Como medida emergencial, de caráter assistencialista, reforçadora dos laços patrimoniais que sempre caracterizaram os investimentos de socorros públicos, o Governo, o Exército e vários órgãos administrativos estiveram mobilizados no sentido de enviar, para diversas cidades do Vale do Jaguaribe, veículos conduzindo víveres, leite em pó, alimentos, medicamentos e vestuário, para serem distribuídos entre os desabrigados.

Entre os acontecimentos que mais marcaram a memória daqueles que vivenciaram as enchentes de 1960, destacam-se, evidentemente, o rompimento<sup>72</sup> da barragem do Orós e a presença do Exército na região jaguaribana.

Segundo o Sr. Onofre Augusto dos Santos,<sup>73</sup> o batalhão do Exército organizou, na cidade de Russas, um acampamento para distribuição de gêneros alimentícios entre a população mais atingida pelas enchentes. Apesar de haver certo rigor na distribuição dos alimentos, os soldados do Exército, de acordo com o velho Onofre, reclamavam que determinadas pessoas, todos os dias, se faziam presentes na fila da distribuição.

Nesse tempo, num era Lagoa de Santa Terezinha, era Lagoa das Bestas. – ‘Me diga uma coisa, esse pessoal é tudo da Lagoa das Bestas?’ – Não, senhor! É o pessoal que acompanha nós. – ‘Não, mais num pode ser assim, [...] porque nós tamo dando comer a vocês de três em três dias. Esse pessoal aqui todo dia tá tirando, o pessoal todo

72 Ocorrida no dia 26 de março de 1960. Autorizada pelo Presidente Juscelino Kubitschek, a reconstrução da barragem foi iniciada no dia 11 de janeiro de 1961.

73 Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, Russas, no dia 21/10/1999.

dia é tirando. Aí, então [...] o governo num pode aguentar desse jeito.' Aí, o comandante: - 'Tô errado ou tô certo?' - Não, o senhor tá certo. - 'Agora você vai apontar quem é e quem num é' - Tá certo! Aí, aponteí tudim. Esses caba num foro mais, nunca foro lá mais não. [...]. Enquanto teve cheia lá, nós se fornecemo, né?

(Onofre Augusto dos Santos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 21/10/1999)

Como medida de prevenção ao aparecimento de algum surto epidêmico na região, as autoridades responsáveis pela distribuição dos alimentos passaram a condicionar o fornecimento dos gêneros à vacinação da população que procurava os acampamentos do Exército a fim de receber os auxílios do Governo. Para Dona Maria Pereira de Almeida, mais conhecida como Lili, essa medida não foi bem aceita pela população, que, muitas vezes, preferia não receber a mercadoria a ter que se submeter à vacinação:

Quando eu cheguei lá, só tira... Eu já tava na fila! - "Só tira mercadoria quem vacinar." Eu saí da fila, vim embora. Eu num vim sem nada, porque minhas irmãs me deram.

(Maria Pereira de Almeida (Lili), 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 22/10/1999)

A atitude de Dona Lili, ao mesmo tempo que revela um dado conformismo pelo não recebimento da mercadoria, evidencia, também, uma dose de resistência à imposição da vacina, por parte do Exército, e, de maneira mais ampla, ao regime de controle imposto pelos mecanismos de poder. Mas, nem todos resistiram à obrigação imposta pelo Exército.

Eu levei foi vacina, lá. Que saiu a vacina! Eu quais morro, tive foi duente. Essa vacina dos orós. Naquele tempo, que tava dando cumer, né? As mercadoria, que só dava se se vacinasse. Aí, eu fui obrigada. Era uma vacina no braço, e a injeção no outro braço. Mas, quando a minha saiu, eu passei uma semana derrubada.

(Francisca Delfina da Costa [Chiquinha], 87 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 26/10/1999)

Enquanto Dona Chiquinha relembrou a cheia de 1960, a partir da memória do corpo, marcada pela “vacina dos orós”, sua irmã, D. Egilda Delfino Nascimento, fez um grande esforço para lembrar “uns versim dos orós” que, à época, gostava de cantar.

Meu Castanhão se acabou, foi a água do Orós que levou. / A água vai para o Limoeiro, Russas, Aracati / O prejuízo que ficou aqui, seu dotô, foi a água do Orós que arrombou ô, ô, ô ...  
Era bonito, mais eu me esqueci, rapaz. Você num tá vendo. Eu sou muito...  
No dia em que o senhor saí, eu vou

cantar todim. A gente se lembra, mas, nessa ocasião, num se lembra não. É, meu fi.

(Egilda Delfino Nascimento, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, localizada no município de Palhano, no dia 27/10/1999)

De maneira voluntária, D. Egilda Nascimento buscou organizar, através de suas lembranças, os fragmentos dos versos que eram, na verdade, pedaços de seu passado, pedaços dela própria. A “memória voluntária”, ou lembrança, sempre requer um tempo para organizar seus estímulos, pois se trata de uma recomposição do passado, que não permite acesso direto, diferentemente da reminiscência, ou “memória involuntária” (ALBUQUERQUE JR., 1994).

Finda a invernada de 1960, 14 anos depois, no ano de 1974, outra copiosa estação chuvosa inundou a região do Baixo Jaguaribe. De acordo com a crônica paroquial,<sup>74</sup> o “colossal inverno” fora anunciado já nos meses de janeiro, fevereiro e março, que “entrou com seus cântaros cheios de água”.

Os sangradouros dos açudes Orós e Banabuiú logo começaram a liberar, em grande volume, as águas que não mais podiam ser represadas, fazendo aumentar, progressivamente, o nível das águas que corriam no leito dos rios Jaguaribe e Banabuiú.

No dia 29 de março, o riacho Araibú, cujo leito corre por dentro da cidade de Russas, registrou sua primeira cheia. A ocorrência de duas outras cheias, nos dias 14 e 24 de abril, fez inundar alguns bairros da cidade. As diversas famílias desabrigadas foram alojadas na residência dos padres jesuítas e em alguns prédios públicos municipais. As águas apenas res-

<sup>74</sup> Paróquia de Russas. Livro de Tombo n° VIII.

peitaram a Av. Dom Lino e as demais ruas paralelas, em direção ao bairro Bela Vista, antigo Tabuleiro da Santa Cruz, ou, simplesmente, Tabuleiro dos Negros, como era popularmente chamado.

As varzeas do Araibú até o rio Jaguaribe tomaram, com exceções dos altos lombos de terra, o aspecto amazônico! Gente a espirrar de suas casas em procura de abrigo! A cidade regorgitava de gente assombrada e faminta.<sup>75</sup>

Sem dar nenhuma trégua, as chuvas continuaram a cair, nos sertões do Ceará, durante todo o mês de abril, mês das “águas mil”: “[...] as águas dos açudes e rios subiram assustadoramente e, como muita gente afirma, em alguns lugares atingiu as marcas de 1924, que foi a maior cheia da memória popular.”<sup>76</sup>

De todas as cidades do Baixo Jaguaribe, apenas Russas não teve a área central alagada. As demais cidades da região, de Limoeiro do Norte a Aracati, inclusive parte de Quixeré e de São João do Jaguaribe, foram inundadas pelas águas que, com impetuosidade, corriam pelos leitos dos rios, com destaque especial para o Jaguaribe.<sup>77</sup>

Atravessando suas memórias, o Sr. João Pereira Cunha revelou que as águas ligaram a cidade de Jaguaruana à zona rural do município.

Ave Maria! [...] Água de cheia. [...] Do Serrote pra frente, uma coisinha, até o rio, você num pisava im coisa seca,

75 Paróquia de Russas. Livro de Tombo n.º VIII, p. 10.

76 Paróquia de Russas. Livro de Tombo n.º VIII, p. 11.

77 Paróquia de Russas. Livro de Tombo n.º VIII.

não. Era só dento d'água de cheia. Dali, de nós, [...] a canoa ia por dento, por dento. [...]. Nós pegava aqui, no beijo do mato, a canoa, viu? Aqui, no beijo do mato, e [...] a canoa barrava lá no INPS, lá dento da rua, viu? [...]. Água, foi água, foi água.

(João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade do Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Mais uma vez a cidade de Russas tornou-se o centro operacional de assistência às vítimas das enchentes, abrigo, na residência paroquial, o comando da base aérea da FAB e na residência do prefeito municipal, o Sr. Aurino Estácio de Souza, o comando das equipes da Marinha e do Exército. Para Russas, na chamada “operação resgate”, foram deslocados, entre outros equipamentos, helicópteros e lanchas.

Portanto, em períodos de rigorosos invernos, os discursos enunciados pelas elites se assemelham àqueles que, em épocas de seca, tornam emblemáticas as imagens de misérias vivenciadas pela população local, especialmente a que habita as áreas de maior influência dos rios. O resgate das populações ribeirinhas, bem como a distribuição de alimentos aos “flagelados”, era oportunidade para renovar os laços entre as lideranças locais e aqueles que viviam, sobretudo, nas áreas mais distantes da zona urbana.<sup>78</sup>

Por ser um tema capaz de emocionar, mobilizar e agenciar recursos financeiros, com vistas a “amenizar” os sofrimentos e a miséria “provocada” pelos excessos das águas, as elites políti-

78 Sobre as práticas de negociação entre os retirantes e as autoridades urbanas ver NEVES, 2000.

cas, assim como o fazem em períodos de seca, mobilizaram-se no sentido de converter a crise climática em instrumento de apelo e pressão política. Como medida de “socorro” às vítimas das enchentes, o Governador do Estado, Cel. César Cals de Oliveira Filho, autorizou a distribuição de roupas, alimentos, medicamentos e barracas de lona para abrigar as famílias que haviam perdido suas casas, principalmente em consequência das cheias dos rios.

[...] Até hoje, o Governo Estadual e o INAN já distribuíram 327 toneladas de alimentos num total de 400 mil cruzeiros e a Secretaria de Saúde enviou 137 mil doses de vacinas contra tifo e medicamentos diversos.<sup>79</sup>

Das 327 toneladas de alimentos, o município de Jaguaruana foi contemplado com 27 toneladas, além de medicamentos, abrigos e barracas. Outras 21 foram enviadas à cidade de Limoeiro do Norte, pelo Grupo Especial de Socorro às Vítimas das Calamidades Públicas - GESCAP. Outros municípios, como Quixeré, reclamavam que a ajuda enviada pelos órgãos oficiais não era suficiente para atender aos milhares de desabrigados que se somavam em desespero.

A Igreja Católica procurou minimizar as agruras vivenciadas por grande parte da população em cada município atingido pelas chuvas e, sobretudo, pelas enchentes dos rios. Para a paróquia de Russas, Dom Pompeu Bezerra Bessa, Bispo Diocesano, ofertou a quantia de Cr\$ 1.100,00 (mil e cem cruzeiros), em benefício das vítimas da cheia.

---

<sup>79</sup> Jornal **O Povo**, 22 de abril de 1974, p. 12.



[...] Por essa razão foi organizada a caritas paroquial sob a coordenação de D. Maria de Fátima Pedregal para o atendimento às necessidades dos flagelados da cheia. Foi entregue à coordenadora a quantia de Cr\$ 2.000,00 por conta da oferta supra do episcopado e da paróquia. Além disso, a caritas paroquial organizou por intermédio das Profas. Maria Gilvanize de O. Pontes e Eliete Pequeno e de Da. Zina Moreira Gonçalves e Raimundo Simplício da Costa uma distribuição de auxílio à mãe aflita no valor de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) para cada uma. O total da distribuição foi de Cr\$ 1.580,00 (mil quinhentos e oitenta cruzeiros). [...].<sup>80</sup>

Embora as campanhas de arrecadação e distribuição de donativos representassem, muitas vezes, “simples” estratégias de controle e reprodução das relações sociais baseadas no clientelismo e no paternalismo, não podemos deixar de reconhecer que muitos dos envolvidos em tais campanhas guardavam sentimentos de pura generosidade e solidariedade com as vítimas das cheias.

Entre as cidades do Baixo Jaguaribe, Itaiçaba foi uma das que mais sofreu com as cheias dos rios. Invasa pelas águas, a referida cidade teve cerca de dois terços de sua população desabrigada. Jaguaruana foi outra cidade que ficou ilhada pelas águas do Jaguaribe, registrando, em fins do mês de abril, mais de três mil pessoas desabrigadas.

Nesse mesmo período, na cidade de Quixeré, como saldo das inundações, 250 casas haviam sido destruídas e mais de mil

80 Paróquia de Russas. Livro de Tombo n.º VIII, p. 11.

peças estavam desabrigadas. Limoeiro do Norte era outra cidade em estado crítico. Com sua zona rural bastante atingida pelas águas dos rios Jaguaribe e Banabuiú, Limoeiro contava com mais de dois mil desabrigados. Tabuleiro do Norte, além de contabilizar quase três mil “flagelados”, apresentava sérios problemas nos meios de comunicação e de transportes, em virtude das péssimas condições das vias de acesso ao município. Na vizinha cidade de São João do Jaguaribe, o número de desabrigados totalizou, aproximadamente, 800 pessoas.

De maneira significativa, entre todas as regiões do Estado, o Baixo Jaguaribe foi a mais atingida pelo grande volume de chuvas que acarretou a destruição de lavouras, estradas e casas, desalojando milhares de pessoas. De acordo com o GESCAP, o número oficial de desabrigados, em fins do mês de abril, em todo o Estado do Ceará, totalizou 112 mil pessoas.<sup>81</sup>

Ainda no século XX, mais precisamente no ano de 1985, outra grande invernada banhou a região do Baixo Jaguaribe, inundando-a, a exemplo do que ocorrera nas cheias de 1924, 1960 e 1974. No entanto, aqueles que me acompanhavam, na condição de narradores, não atravessaram, em suas lembranças, a referida cheia de 1985. Isto me fez pensar que a memória, assim como a história, também é um lugar sem encontro marcado, lugar do inesperado, das incertezas e das surpresas.

---

81 *Jornal O Povo*, 01 de maio de 1974, p. 12.

## Terceira Parada

### Sertão das doenças<sup>82</sup>

Assim como as secas e as enchentes, as doenças também constituem um elemento de desorganização da vida comunitária, especialmente do cotidiano de trabalho dos camponeses.

A partir da segunda metade do século XIX, sobretudo, somam-se os registros<sup>83</sup> da febre amarela, do cólera, da varíola, entre tantas outras doenças que, de forma endêmica ou epidêmica, algumas vezes de mãos dadas com a seca, cruzaram sertões, ceifando vidas, propagando luto, deixando marcas indelévels na memória e na história.

Na travessia dos sertões do Baixo Jaguaribe, pelos caminhos traçados pela memória de velhas e velhos camponeses, a malária foi a doença que mais se fez presente nas dezenas de narrativas.<sup>84</sup> Em cada reminiscência, o olhar parado parecia querer enxergar o que havia de mais expressivo no passado. Nesse transe mmemônico, enfebrecido de emoção, vertia do olhar, quase sempre, uma lágrima molhada de tristeza, pois a

82 Nessa travessia, oito foram os guias: João Miguel de Souza, João Pereira Cunha, Antônio Eugênio da Silva, Raimundo Sabino da Silva (Coró), Onofre Augusto dos Santos, Francisco Abel Lino (Chico Abel), Conrrado José da Silva, Raimundo Mendes Martins.

83 Na documentação oficial, de natureza governamental (relatórios) e eclesiástica (registros de óbitos), inúmeros são os registros de doenças endêmicas e epidêmicas. A Literatura também produziu variados títulos abordando, em boa medida, a relação entre seca e doenças. Em seu estudo **Variola e Vacinação no Ceará**, Rodolpho Theophilo descreveu, com impressionante riqueza de detalhes, o desenvolvimento da varíola nas secas de 1877-79, 1888 e 1900. Entre outras obras do referido literato, destaca-se **A Fome**, publicada no ano de 1890.

84 No sertão das doenças, epidemia de malária foi narrativa comum, farta. Apenas o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro e a Dona Altina de Moura Lima fizeram referência ao paratifo, doença infecciosa que grassou na região do Baixo Jaguaribe durante a seca de 1932.

doença é sempre a experiência do limite, cujas palavras, e o próprio corpo, não conseguem traduzir por inteiro. A morte parece inscrita no vivo com a pena e o tinteiro do sofrimento, do infortúnio.

Em matéria publicada pelo Jornal **O Povo** sobre a epidemia de malária no Baixo Jaguaribe, um comerciante da cidade de Russas, consternado, lacônico, procurou descrever o cenário de aflição que se espalhava do litoral as caatingas mais distantes: “[...], a população está vivendo dias de angústia. Não é possível descrever o que se passa no trecho compreendido entre Aracati e Morada Nova.”<sup>85</sup>

Na edição de 30 de julho de 1937, o Jornal **O Povo** voltou a abordar a epidemia de malária tratando, desta feita, do impaludismo no município de União.<sup>86</sup> Na referida matéria, o farmacêutico Antônio Freitas, prefeito municipal, relatou como desolador o estado sanitário vivido pelas populações de União e Aracati.

Pode reafirmar pelo **O Povo** que o atual surto de impaludismo, naquela zona, é muito mais grave do que se pensa. Rara é a casa de União, fóra da cidade, onde não há um ou mais doentes. E na própria séde do município já se registram diversos casos. O comércio e a lavoura vêm sentindo, por sua vez, as conseqüências do mal, pois grande parte da população está impossibilitada de exercer as suas atividades normais.<sup>87</sup>

---

85 Jornal **O Povo** de 20 de abril de 1938.

86 Antigo topônimo atribuído ao atual município de Jaguaruana.

87 **O Povo**, 30 de julho de 1937, p. 04.

Deflagrado o surto epidêmico, no ano de 1937, as autoridades municipais, a exemplo do Prefeito de União, Antônio Freitas, passaram a denunciar, nos jornais da capital, Fortaleza, a propagação da doença, a falta de assistência à população e de combate ao mosquito transmissor da malária, o *Anopheles gambiae*. Apesar das constantes denúncias feitas, sobretudo, pelo Sr. Antônio Freitas, só no ano de 1939, em uma parceria entre os governos brasileiro e norte-americano, foi criado o Serviço de Malária do Nordeste - SMNE. Em uma conjuntura marcada pela Segunda Grande Guerra Mundial, temia-se que a epidemia pudesse vencer as fronteiras das Américas. Através do SMNE, o combate ao principal vetor de propagação da malária estendeu-se até o ano de 1942.<sup>88</sup>

Apesar do recorte temporal acima apresentado (1937-1942), considerarei apenas os anos de 1937 e 1938, período mais agudo da doença e de maior significado na memória dos camponeses, guias de minha travessia pelos sertões das doenças.

A malara, rapaz, eu num tô alembra-  
do o ano. Mas, eu acho que foi im 37,  
teve uma malara. Aqui eu tive mui-  
to duente da malara. Tremia, rapaz.  
Uma hora dessa, assim, dava um fri  
mais medonho do mundo, com peda-  
cim, batia febre e o caba cumeçava a  
tremar, tremia, tremia aquele pedaço,  
aí, miorava, tumava aquele chá de aí.  
Tinha umas pilhazinha amarelinha,  
chamava atrebina, a gente tumava,  
passava, né? E assim fui levando.  
Passei uns pouco de tempo, bem uns  
quato mês com essa duença. E quan-  
do eu miorei, fiquei bom, aí meu pai

88 Sobre essa questão, ver, nas referências bibliográficas, os trabalhos da historiadora Gláubia Cristiane Arruda Silva.

pegou, papai pegou, papai pegou, rapaz, que quais que morre, papai teve muito duente. (João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Divertido, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

Os acessos da malária manifestavam-se através de náuseas, intensos calafrios, febre alta e vertigens. Ao lembrar a virulência com que a doença vitimou seu pai, o Sr. João Miguel descreveu o momento no qual o ele teve, no seu dizer, uma “atrevalia”, ou seja, uma vertigem:

Teve uma noite, rapaz, que o papai teve tão duente. Eu acho que era da febre, dá aquela atrevalia, né? Aí, ele me chamou. Tava deitado na rede, aí, ele me chamou. - ‘O que foi papai?’ Ele apontava, assim, pá cumieira da casa. - ‘Olha tem dois caba de Lampião atrepado aculá, atrás de me matar, num sabe?’ Aí, eu dizia: É não papai. - ‘É, lastá, vá buscar a vara mode eu cutucar.’ Aí, eu ia buscar a vara. - ‘Cutuca aí!’ Aí eu cutucava num tinha nada, né? Mas, quais que morre rapaz. Ficou muito duente, mais graças a Deus escapou. Mas, aqui na Ribeira, teve casa de morrer três pessoa, né, da malára! Teve muita gente que morreu. (João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade de Divertido, localizada no município de Russas, no dia 23/08/1999)

Atravessando em suas lembranças a padecida epidemia de malária, o Sr. João Pereira Cunha revelou-me que todos os seus familiares foram acometidos pela doença. Preservado, pois, da enfermidade instalada no ambiente doméstico, o jovem João assumiu os cuidados para amenizar o sofrimento de seus entes queridos, embora lhe faltasse conhecimento e recursos.

Eu lutava com esse povo, eu fazia caldo pá esse pessoal, lá im casa parecia um hospital, só se via gente chorar, só se via gente gemer. Era assim! E eu batutando, e eu lutando com esse povo, e eu... Ficou eu, na Lagoa Vermelha, que num teve malara. (João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade do Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

No fluxo entre doença e trabalho, velhas e velhos camponeses narraram as experiências vividas durante a epidemia de malária. Apesar de ter sido acometido pelo surto malárico, o Sr. Antônio Eugênio continuou, mesmo com dificuldade, a desempenhar as tarefas cotidianas, até que o sofrimento irrompesse o limite máximo de suas forças orgânicas.

Meu serviço era dentro de casa, pro rio pescando, praqui pracula. Quando foi adepois, ela bateu em cima de mim e eu tremia comostodo. Quando deixava de tremer, pegava a tarrafa e vinha pro rio pescar, só isso. E lá vai, lá vai. Depois, rapaz, não deu mais não! Depois eu caí mesmo que não tinha jeito. Tremia por desgraça, quan-

do acabava de tremer caía dentro de uma rede e ficava como morto dentro de uma rede, febre como o diabo. Aí, não podia trabalhar. Aí, pra encurtar a história, quase que eu vou mimbora que ela deu forte mermo. (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada em Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Com os organismos fragilizados, principalmente pela febre intermitente, homens e mulheres sentiam-se, na maioria das vezes, impossibilitados para desempenharem as atividades cotidianas, especialmente nos roçados agrícolas.

Ao amanhecer do dia, muitos camponeses, apresentando intervalos de melhora, buscavam realizar os afazeres cotidianos, sendo logo interrompidos pelos acessos da doença, que passou a reger o tempo do trabalho.

Foi a doença mais pesada que eu peguei na minha vida. [...]. Você amanhacia, acordava bonzim, como eu cansei de ir pus mato trabaiair. Ficava perto de casa. Cansei de ir, levava uma cabaça d'água, chega lá, dava malara, aí eu caía dibaxo duma sombra. Podia... Eu bibia cinco lito ... O senhor beber cinco lito d'água, era dento de pouco tempo. Sei que com aquela febre medonha, aquela ânsia medonha, você tomava aquela água aí ia miorando. Quando você miorava uma cozinha, com licença da palavra, aí você botava aquela água todinha pra



fora, aí você miorava uma coizinha. Quando era no outo dia, as merma zora, era o mermo pancão, e, assim, a gente sofreu aí uns oito mês, de seis a oito mês, uma coisa assim. (Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade de Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999)

Malgrado os anos de 1937 e 1938 terem apresentado uma quadra invernos regular, verificou-se uma ampla desorganização das atividades agrícolas, pois grande parte da população achava-se impossibilitada de exercer a limpeza dos roçados e, principalmente, a colheita da safra plantada, entre outras tarefas características do viver campesino.

Teve inverno, teve inverno. Por Deus que im nós abateu, lá im casa, as pranta já tava tudo pegado, já, viu. Primeiramente... Um dia cumeçou com [...] Chico, meu irmão mais véio, morrendo o corpo, foi simbora lá prá fora, ficou. Pois, foi outo, e foi indo, e foi indo e eu ficando mais o Dionísio meu irmão. [...] Ficou só eu e ele. Nós trabaiando no roçado. O papai, e outo pessoal, im casa, tudo aduecero, tudo duente, lá fora. Até que um dia, fumo caçar de noite, matemo dois tatu. O tatu verdadeiro era uma caça, assim como uma galinha, uma caça que num tem carregado de jeito algum viu. Aí, [...], deu as hora dele chegar e nada, e nada, e nada. Nessa brincadeira, meu senhor, esperei até ditar-

dizinha, ele num foi, aí digo assim: Dionísio fez foi [...]. Aí, fui mimbo-ra prá fora. Aí, quando eu cheguei lá fora tava arriado, arriado. Dava febre com a dor de cabeça [...] era um sofrimento, dava febre medonha. Ora, tava morrendo, tremendo, se acabado de frio; outa hora, era pegando fogo. Era assim, viu. Duença horrive. Acabou com muita gente nesse lugar. [...]. Ave Maria, meu fi, num gosto nem de me alembrar! Sufri muito, chorei só, muitas vezes chorava muito lá puro o roçado. [...]. Ia olhar as pranta pur lá, eu me lembrava de ver, tão pouco dia, era nós tudim, de magote, o papai, tudim, nós tudo dento do roçado e eu me achar sozim numa situação daquela vendo a hora morrer um [...]. Era, era época de tristeza mermo, viu. (João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada na comunidade do Açude do Coelho, localizada no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999)

Recortando em suas lembranças paisagens pretéritas, o Sr. Onofre Augusto dos Santos ao mesmo tempo que revelou ter sido “a malara um mal medonho”, foi, também, um “inverno”: “essas lagoa tudo incheró, tinha peixe por todo canto, pá onde você ia tinha peixe”.<sup>89</sup>

Apesar do inverno favorável à produção agrícola, da fatura de melancia nos roçados e de peixe nos rios, açudes e lagoas, a fome campeava ao lado da doença.

---

89 Onofre Augusto dos Santos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, localizada no município de Russas, no dia 21/10/1999.

Foi nada meu irmão, foi ano bom de inverno, bom de inverno. Melancia? O cercado era alvim. Aí, não coma que faz mal, não coma que faz mal. Carne de porco, também. Que nesse tempo, Zé Vana matava muito porco e era uns porco grande. Não, carne de porco também num coma não, que faz mal. Nada fazia mal, nada fazia mal! Mais o povo tudo arricioso. O cercado era alvim de melancia. Aí, não tinha quem comesse com medo. E num fazia mau não, nada fazia mau. Agora o quê? A gente só vivia duente e, aí, tinha medo de comer. Mas, num fazia mal não. Mas, foi um ano bom de inverno. Mas, a gente doente de que servia? Tinha o comer e não podia comer! (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada em Pacatânia, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

A ingestão de algum alimento, mesmo uma fruta, como a melancia ou a banana, resultava em ânsia de vômito. A água, do mesmo modo, depois de consumida, causava, muitas vezes, mal-estar nas pessoas acometidas pela doença.

Nesse tempo tinha fartura, o inverno foi bom, mais ninguém não podia comer [...]. Aí, com licença da palavra, se você comesse, e se você sentisse ela [a malária], o senhor comesse um pedaço de melancia, uma banana, assim que desse prá você comer, com pouco tempo, com licença da palavra, que você provocasse, você adormecia os

dentem tudim de tão azedo que saía. Uma coisa sem forma rapaz! Era azeda que sei lá como diabo era aquilo. E tinha uma coisa, quando saía era aquela colda amarela, parecia assim uma tinta. Era, a bicha era nojenta. A água, você bibia [...] com pouco era só botar prá fora azeda que chega adormecia os dentes, a bicha era nojenta. (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada em Pacatânia, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Enquanto o organismo, já enfermo, tornava-se, cada vez mais fragilizado pela fome, o medo de alimentar-se aprisionava a mente de homens e mulheres, na crença de que a comida e a água fariam aumentar seus padecimentos.

O receio de consumir alimentos próprios do cardápio camponês era, pois, compartilhado, sobretudo, pela população rural. No entanto, havia aqueles que não se entregavam à agonia da fome. Embora estivesse fazendo uso da atebina, medicação destinada ao combate da malária, o Sr. Onofre Augusto dos Santos disse ter curado a doença no cercado, comendo melancia quente.

Agora eu iscapei a malara. Eu tinha a malara, iscapei, iscapei fácil da malara. [...]. Atrebina eu tumei. Mas, eu curei a malara com melancia quente, no roçado, cumendo. Cumendo melancia quente, iscapei. [...] O camarada fosse ter resguardo com ela murria logo, murria logo porque num cumia, né? A malara era tão grande que caía a pele da língua todinha [...]. É um

mal medonho, dá uma febre horri-  
ve. A malara dava uma febre medo-  
nha. (Onofre Augusto dos Santos.  
Entrevista gravada na comunidade  
da Lagoa de Santa Terezinha, locali-  
zada no município de Russas, no dia  
21/10/1999)

O Sr. Francisco Abel Lino, outro camponês que me guiou pelos sertões da doença, atribuiu a cura da malária ao fim da dieta<sup>90</sup> e aos efeitos “terapêuticos” da melancia:

Lá em casa tinha um gado, nós tira-  
va o leite todim. Enchia uma panela  
muito grande de leite, panelona de  
barro. Nesse tempo, usava era pane-  
la de barro. Aí, cunziava o leite. Eu  
passava o dia oferecendo leite a es-  
ses duente. Que a malara, deu fastio  
no povo. Aí, esse povo era um fastio,  
num tinha quem quizesse beber esse  
leite. [...]. Truce uma sacada de mi,  
cheia. Cheguei, fui fazer cumer pra  
esse povo. Relar, fazer canjica pra dá  
o povo. Ora! Uma canjica de leite, né?  
Era bom. Num tinha quem quizesse.  
E bem... Aí, meu pai... Eu contando a  
história, meu pai disse: - ‘Oi! Amanhã  
vai buscar uma melancia pra mim.  
Que já sei que o remédio dessa malara  
é fruta, é melancia’. Aí, eu fui mermo.  
No outo dia, fui e comi melancia lá,  
e truce melancia pro véi. Ele cumeu,  
miorou, e, aí, os outo tudo cumia. E  
cajarana. Eu digo: - Oi, ninguém vai

---

90 Segundo Lauro de Oliveira Lima, “[...] no início da peste, os curandeiros locais aconselhavam rigorosa dieta aos doentes [...]” Cf. Lauro de Oliveira Lima. **Na Ribeira do Rio das Onças**. op. cit. p. 455.

mais fazer dieta aqui nessa casa. É pra cumer, o que aparecer é pra cumer. Aí, levantei tudim, num morreu nenhum da malara, né? Levantei tudim. (Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravava na comunidade de Bixopá, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000)

Para o Sr. Conrado José da Silva, ao lado da moléstia, a fome fez, igualmente, a sua ceifa, embora os roçados estivessem recobertos pelas ramas de melancias, batatas, jerimums, feijão e milho.

Na malara, me lembro como se fosse hoje. Na malara, eu já era rapaz, já. No tempo da malara, foi ano de muita fartura de feijão, mio, nesses cercado, melancia, jirimum. Mas, quem é que ia cumer? Num tinha quem cumesse. Não, ninguém cumia não. Morreu tanta gente, morreu tanta gente no tempo da malara, mais morreu de fome. [...]. Arroz? Arroz [...] quando ia butar no fogo, lavava em duas água, butava na panela com um bucado d'água, quando ele ia acochando, ia pulando, tumava aquele caldo. Despejava numa urupemba. Já tinha uma urupemba de passar aquele feijão, aquele arroz, só bibia o caldo. Aí, quando... Aquela carne era butada no fogo, quando ela cunzinhava, era passada na urupemba, só bibia o caldo. [...]. Leite? Leite era cunzinhado três vez. Butava no fogo, quando ele subia, tirava pro lado, tirava aquela nata,

quando ele baixava, butava de novo. Quando ele subia, tirava pro lado, tirava aquela nata. Tirava a nata três vez do leite, pra poder nós beber uma coisinha. [...]. Aí, eu mandei essa minha irmã butar feijão, uma panela de feijão no fogo, feijão novo. Eu mandei ela butar. Quando ela butou, eu mandei ela jogar pão de mio dento e fazer um pirão. Pirão de pão de mio, com feijão e nata de leite. Comi, chega fiquei logo... Quando foi nesse dia, eu num tremi, no outo dia de manhã eu num tremi mais e acabou-se. Tava morrendo era de fome, era. (Conrado José da Silva. Entrevista gravada na comunidade de Tomé, localizada no município de Quixeré, no dia 12/04/2000)

Preocupados com o avanço da epidemia de malária, o Sr. Raimundo Mendes Martins, na companhia de sua esposa, Dona Eulália, resolveu emigrar para o município de Baturité, onde residiam alguns de seus parentes. O referido casal temia que a malária fizesse vítima o “magote de minino” que tinham por filhos. Iniciada a viagem, na primeira parada para preparar o almoço, Dona Eulália começou a sentir os sintomas da doença. No dizer do velho Raimundo Mendes, a esposa “tinha pegado a malara”. Por dois longos meses, Dona Eulália sofreu com febres e fortes dores de cabeça, além, é claro, do tremor que os acessos da doença provocava em seu corpo. Certo dia, ao dirigir-se ao centro de Baturité para comprar remédio para esposa enferma, o Sr. Raimundo Mendes encontrou um velho amigo, de nome Pompeu, sendo por este interrogado: “- Meu amigo, pra onde vai nessa carreira?” Respondendo-lhe a inda-

gação que lhe fora feita, o inquirido explicou o estado em que se encontrava a genitora de seus filhos. Ao tomar, pois, conhecimento do quadro de saúde de Dona Eulália, o velho Pompeu recomendou oferecer-lhe, como remédio, o chá da folha da manga maracá.

- 'Ora, rapaz! Talvez você tenha no terreiro da casa, tenha, um remédio pra ela.' - Que é? - 'Basta você dá dois chá a ela de manga maracá, ela fica boa.' Eu cheguei, disse a ela, aí curri pa caçar. [...]. Aí, os minino tudo era piqueno. Raimunda... - 'Nem, vá na carreira ali no pé de mangueira, traga um bucado de foia pa me fazer um chá pá mamãe.' Ela fez o chá, mas, tava tremendo, num bebeu. Quando parou, miorou, bebeu. No outo dia, deu bem fraquim. Bebeu outo chá, pronto, desapareceu. Chá da manga, da foia, maracá. É o remédio. (Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade de Aldeia Velha, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000)

Rara foi a casa onde a doença não se alojou. Diante dos familiares, a pessoa enferma, muitas vezes, não conseguia traduzir verbalmente os momentos agonizantes que a doença os levava experimentar.

E meu pai trabalhava lá no finado Herculano, bonzinho, não sentia nada. Aí, quando foi um dia de manhã, amanheceu o dia se sentindo que estava doente, dizendo ele que estava



doente. Aí, não sei se era uma gripe, não sei de que ele estava doente, que aí tomou uma pilha do mato, [...], com pouco tempo ele sentiu que queria tremer. Ele disse: - ‘rapaz, é a malara que quer me dar!’ Aí, foi e tomou a pilha da malara, uma tal de apebina. Foi só tomar, no mais que ele aturou, se ele aturou uma hora, aturou muito dentro da rede. Aí, quando eu dei fé, aí ele pegou a se remexer, só o que fez foi um gestozim na boca. Aí, ali ele liquidou, aí morreu. Ele já tinha uns 70 anos, era meio velho! Era um velho forte, ele trabalhava muito. (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada em Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Na travessia pelos sertões da doença, os narradores da malária, referindo-se ao excessivo número de mortes provocado pela epidemia, descreveram a maneira como eram realizados os enterros nos sertões de outrora.

O Jornal **O Povo**, de 20 de abril de 1938, publicou matéria, intitulada O Impaludismo no Baixo – Jaguaribe, na qual informava que, em apenas oito dias, na cidade de Russas, tinham sido assinaladas 60 mortes, sem falar nos cemitérios localizados em povoados distantes. Na mesma matéria, lê-se, ainda, a narrativa dando-nos conta de uma experiência vivida pelo vigário da paróquia de Russas, Padre Vidal, na sua lida apostólica pelas zonas rurais do referido município. Como testemunha ocular, o sacerdote oferece-nos indícios dos dramas e sofrimentos vivenciados pelas populações sertanejas, à época da epidemia de malária:

O vigário, Padre Vital, com uma dedicação de apóstolo, fôra atender a um dos inúmeros chamados para confissão. Em viagem, avistou um pobre homem que tombara sobre um lamaçal, à beira da estrada.

Socorrendo-o, o bondoso sacerdote constatou que se tratava de um acesso de impaludismo. E soube que o infeliz era o unico de sua casa que se conservava com saúde e por isso viéra até a cidade comprar uma mortalha para a sogra. No caminho, a molestia o atacara daquela forma traiçoeira e impiedosa...

Isso prova que somente com as visitas domiciliares poderá ser atenuada a situação.<sup>91</sup>

Dada a grande quantidade de óbitos no município de Russas, provocados pela epidemia de malária, os sepultamentos tornaram-se uma difícil tarefa. A falta de infraestrutura das estradas e a regularidade da quadra chuva no período de maior propagação da epidemia de malária (1937-38) dificultava, sobremaneira, o transporte dos moribundos e daqueles que já haviam perecido, cujos corpos, muitas vezes, eram conduzidos, da zona rural para o cemitério da cidade, no lombo de algum animal, especialmente do jumento.

De acordo com a narrativa do Sr. João Pereira Cunha, grande era o cortejo, todos os dias, de pessoas transportando cadáveres para o cemitério da cidade de União, vindas das comunidades de Afogados, Rancho Fundo, Santa Luzia, Lagoa Vermelha, entre outras. As famílias com mais poder aquisitivo, quando morria algum parente, mandavam fazer um caixão

91 *O Povo*, 20 de abril de 1938.

para que o mesmo pudesse ser sepultado. Os que não possuíam meios econômicos, realizavam o enterro de seus entes queridos em uma mísera rede, a qual, certamente, servira-lhe em vida.

Nesse tempo se carregava numa rede, num pau, num sabe? Dois adiante, dois atrás, nós pegava. Vem vindo lá dos Cardeais ou lá da Jureminha, fosse lá donde fosse, aqueles quato tinha que vim botar abaixo na casa de Antônio Severiano, aí tomava um forgozim. Aí chegava no sumitero tinha um caixão das alma como se diz, né? A gente butava dento daquele caixão, aí, levava de volta, vinha pu sumitero, tirava aquela pessoa na rede butava dento a cova e guardava o caxão. Aí, vez quando nós chegava im casa, já tinha outo. Quem tava miorzim uma coisinha era pa carregar os outos e era assim, um sofrimento medonho. (Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999)

Quanto ao sepultamento, em razão do grande número de óbitos, algumas vezes uma mesma cova abrigava mais de um cadáver.

Nesse tempo não era caixão, era rede. Morria, só era amarrar os põe da rede, levava pro cemitério. Quando chegava no cemitério, lá, era só butar no chão. O coveiro cavava a cova, rebolava dento. Tinha cova de botar

dois, era desse jeito. [...], era só chegar, amarrar os pões da rede, botava uma ponta nas costas, um na frente outro a trás. Passaram foi dias nesta penúria. (Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada em Pacatã, localizada no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998)

Filhos, pais, irmãos..., corpos e mentes que a malária infectou, que a muitos a morte levou. Nessa penúria, passaram-se mais do que dias. Mensurá-los, não foi minha intenção, pois o passado não se resume a números e datas. Somado às medidas sanitárias, de combate ao mosquito transmissor da malária, o próprio tempo abanou as febres, os tremores, as dores, os suspiros da agonia. Da rede, tomada como esquife, ficou a lembrança preservada nos pórticos da memória, grafada, agora, em páginas de História.

## Considerações finais

### Entre lembranças e saudades

O sertão parece ser mesmo “a alma de seus homens”.<sup>92</sup> Foi com essa inspiração, que atravessei muitas veredas de roça pelos sertões do Baixo Jaguaribe, no Ceará. Estimulado pela polifonia das lembranças, conheci muitos sertões, antes sequer imaginados, pois se acham sedimentados nas entranhas do vivido, no curso dos pensamentos, no amálgama dos sentimentos, nos roçados da saudade, nos campos do desejo.

Finda a travessia, sou agora compelido a revisitar minha própria memória. Entre lembranças e saudades, sem demora, desejo olhar para trás, avistar o passado, lembrar-me de cada narrador, mãos calejadas a indicar-me a curva do caminho, rostos a expressar, em cada ruga, as marcas do tempo, o estriamento da própria vida.

Entre minhas mãos, em um instante, dezenas de fotos e de fitas se misturaram ao gravador, meu principal instrumento de trabalho, meu ouvido artificial, com o qual registrei inúmeras narrativas, histórias de vida entrecruzadas pelos sofrimentos, pelas alegrias, sonhos, saudades, amores, canto e poesia. Experiências passadas que, no presente, foram reinterpretadas com a verve da subjetividade. Registrar cada uma delas foi meu empenho, minha satisfação interior, pois sabia que, da bagagem

92 Carlos Rodrigues Brandão. *Memória/Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.

da morte, estava furtando dezenas de memórias fecundadas pelo tempo, gestada no ventre da vida.

Nessa travessia, pelos caminhos das palavras, tornei-me intérprete, um narrador do que me fora narrado. Ao folhear as páginas que condensam o olhar direto, o testemunho, sem intermediário, presente em cada entrevista, um sentimento de mim se assenhorou, como a querer me tranquilizar, dizer-me, em uma espécie de frase resumo – “neste trabalho, a vida tornou-se História”.

## **Fontes e Bibliografia**

### **Fontes Orais**

Altina de Moura Lima. Entrevista gravada na comunidade Sítio Lima, município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000.

Amaro José da Silva. Entrevista gravada na comunidade de Alto do Ferrão, município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

Américo Simão de Freitas. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, município de Russas, no dia 23/08/1999.

Ana Francisca do Espírito Santo. Entrevista gravada na comunidade de Cercado do Meio, município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

Antônio Eugênio da Silva. Entrevista gravada na comunidade de Pacatanha, município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

Eduardo Soares de Lima. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, município de Russas, no dia 26/08/1999.

Egilda Delfina Nascimento. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Estelita Crispim Gomes. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, município de Russas, no dia 26/08/1999.

Euclides Ângelo Cordeiro. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, município de Russas, no dia 23/08/1999.

Francisca Delfina da Costa. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 26/10/1999.

Francisco Rodrigues Pitombeira. Entrevista gravada na comunidade de Riachinho, município de Russas, no dia 22/10/1999.

Francisco Vieira da Silva. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

João Delfino Bezerra. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 27/10/1999.

João Pereira Cunha. Entrevista gravada na comunidade Açude do Coelho, município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

Maria Pereira de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, município de Russas, no dia 22/10/1999.

Onofre Augusto dos Santos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, município de Russas, no dia 21/10/1999.

Pedro das Neves Cavalcante. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.



Raimundo Delfino Filho. Entrevista gravada na comunidade de Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 26/10/1999.

Raimundo Mendes Martins. Entrevista gravada na comunidade de Aldeia Velha, município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

Raimundo Nonato da Costa. Entrevista gravada na comunidade de Canafístula de Baixo, município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, município de Russas, no dia 26/08/1999.

### **Periódicos**

**O Rosário** (Aracati) – 31/10/1915; 13/10 - 27/10 - 10/11 - 24/11 - 08/12 e 26/12/1917.

**Jornal Pequeno** (Aracati) – 25/02 e 18/03/1917.

**O Povo** (Fortaleza) – 1932; 1937; 1938; 1958; 1960; 1974; 1985.

### **Relatório/Mensagem/Livros de Tombo**

Relatório relativo ao período de maio de 1916 a maio de 1917, apresentado ao Exmo. SNR. Dr. João Thomé de Saboya e Silva. J. Saboya de Albuquerque - Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça. Fortaleza: Typ. Moderna, 1917.

Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1925, pelo Desembargador José Moreira Rocha, Presidente do Estado. Fortaleza: Gadelha, 1925.

Livros de Tombo N° V - VII - VIII - IX – X. Paróquia de Russas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial, 1500-1800**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Publifolha, 2000. - (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nos Destinos da Fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

\_\_\_\_\_. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste - 1920/1940)**. Maceió: Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **“Quem é frouxo não se mete”**: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. In. **PROJETO HISTÓRIA**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP n. 19. São Paulo, SP, 1999.

\_\_\_\_\_. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 14, n. 28, 1994.

\_\_\_\_\_. **Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a**

uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. In **CLIO** – Revista de Pesquisa Histórica da UFPE, n.º 15. Recife: Universitária, 1994.

\_\_\_\_\_. **Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução**. Dissertação de Mestrado em História apresentada à UNICAMP. Campinas, SP: 1988.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “embate” no Acre. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n.º 28, 1994.

\_\_\_\_\_. **Reservas Extrativistas no Acre e Biodiversidade: relações entre cultura e natureza**. In. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP n.º 18**. São Paulo, 1999.

ARAÚJO, M<sup>a</sup> Neyára de Oliveira. **A miséria e os Dias: história social da mendicância no Ceará**. São Paulo: Hucitec, 2000.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **SERTÃO: Um Lugar-Incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol** (Natureza e Costumes do Norte). 5. ed. Rio de Janeiro: São José, 1956.

\_\_\_\_\_. **Praias e Várzeas; Alma Sertaneja**. Rio de Janeiro: J.

Olympio, 1979.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. **O tempo e os tempos**. In. NOVAIS, Adalto (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. – 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAID, Enília da Cruz Moraes (Coord.). **Diagnóstico Florestal do Estado do Ceará**. Fortaleza: PNUD/FAO/IBAMA/SDU/SEMACE, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória/Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Cone Sul/UNIUBE, 1998.

BRITO, Gilmário Moreira. **Pau de Colher: na letra e na voz**. São Paulo: EDUC, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, José Olivenor Souza. **Atravessando Sertões: memórias de velhas e velho camponese do Baixo Jaguaribe**. 2002. f. 338. Tese (Doutorado em Historia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

\_\_\_\_\_. **“Metrópole da Fome”: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879**. In SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (org.). **Seca**. Fortaleza: D. Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano)

\_\_\_\_\_. **Vale do Jaguaribe: Autos do Passado.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010;

\_\_\_\_\_. **Vale do Jaguaribe: histórias e culturas.** Fortaleza: LUXPRINT; Campina Grande: UFCG, 2008.

COSTA, Cléria Botelho da. **Uma História Sonhada.** *Revista Brasileira de História.* São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 17, n° 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O liso e o estriado.** In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERNANDES, Maria Esther. A “**história de vida**” como instrumento de captação da realidade social. In *Cadernos CERU*, n°6, Série 2, 1995.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** Coimbra: Almedina, 1980.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GARRIDO, Jean Del. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. In *Revista Brasileira de História.* São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago.93.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da Cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **O senso comum como um sistema cultural.** In **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, Alfredo Macedo. **O imaginário social da seca e suas implicações para mudança social.** 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.  
HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. A velhice de velhos trabalhadores. In **Cadernos CERU**, n. 6, Série 2, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HARRITS, Kirsten e SHARNBERG, Ditte. **Encontro com o “contador de histórias”:** um processo de aprendizado mútuo. In **História Oral** – Revista da Associação Brasileira de História Oral. n° 3, junho de 2000.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques (Org.) **As Doenças têm História.** Lisboa: Terramar, 1997.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças.** Fortaleza: A. Almeida, 1997.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** In. **Projeto História:** Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 17. São Paulo, 1998.



LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MAIA, Mônica Emanuela Nunes. **A Necessidade e o Chicote: seca e saque em Limoeiro do Norte – 1950-1954.** 2005. 141 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MARCON, Telmo. **Cultura e Natureza: modos de vida caboclos do Goio-em (SC).** In. **Projeto História** n. 18. 1999.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **A construção da memória.** In **Cadernos CERU**, nº6, Série 2, 1995.

\_\_\_\_\_. **História oral, caminhos e descaminhos.** In **Revista Brasileira de História.** vol. 13, nº 25/26, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set. 92/ago.93.

\_\_\_\_\_. **História Oral e Memória.** São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, Marieta de (org.). **História Oral e multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

NETO, José Batista. **Como uma luneta invertida (intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico do IOCS/IFOCS – 1909/34).** 1986. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986.

NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste. A construção da memória regional.** Fortaleza: SECULT, 1994.

\_\_\_\_\_. **Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932).** In. **Revista Brasileira de História.** vol. 15, nº 29. São Paulo: ANPUH/Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Seca e a Cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900).** In SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org.). **Seca.** Fortaleza: D. Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano)

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem.** 11. ed. São Paulo: Ática, 1991.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho.** Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In **Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP nº 15.** São Paulo, 1997.

PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos da memória.** In **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP n. 17.** São Paulo, 1998.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze.** 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

RESENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte.** Recife: FUNDARPE, 1997.

REVEL, Jacques e PETER, Jean-Pierre. **O Corpo: o homem doente e sua história.** In. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932.** Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

\_\_\_\_\_. A Cidade Cercada: festa e isolamento na seca de 1932. In. SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca.** Coleção Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: D. Rocha, 2002.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares.** In. **Projeto História**, n. 10, PUC - São Paulo: 1993.

SALES, Antônio. **Aves de Arribação.** Rio de Janeiro: J. Olympio/Fortaleza: Academia Cearense de Letras. 1979.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980.** São Paulo: Annablume, 1998.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Gláubia Cristiane Arruda. **O tremor dos sertões: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940).** Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

\_\_\_\_\_. O beijo mortífero do *gambiae*: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-Ce. In NASCIMENTO, Dilene Raimundo et al (org.). **Uma História Brasileira das Doenças**. v. 2. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

\_\_\_\_\_. O Frio no Corpo e o Fogo nos Olhos: a epidemia de Malária no Baixo Jaguaribe (1937-1939). In CHAVES, José Olivenor S. (org.). **Vale do Jaguaribe: Histórias e Culturas**. Fortaleza: Luxprint Off set. 2008. p. 235-49. ISBN: 987-85-89-674-51-5.

\_\_\_\_\_; CHAVES, José Olivenor S. Atravessando a Chapada do Apodi, o *gambiae* invadiu os sertões do Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940). In OLIVEIRA, Almir Leal et al (org.). **Ceará: Ciência, Saúde e Tecnologia (1850-1950)**. Fortaleza: Expressão, 2008. p. 77-95. ISBN: 987-85-7563-332-8.

\_\_\_\_\_. **Epidemia de Malária no Ceará: Enredos de vidas, mortes e sentidos políticos (1937-1942)**. 2012. f. 170. Tese (Doutorado em Historia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, Kamillo Karol Ribeiro. **Nos Caminhos da Memória, nas águas Jaguaribe: memórias das enchentes em Jaguaruana-CE**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SIQUEIRA, Jorge. O imaginário das secas. In **Revista do Departamento de História**. nº8, FAFICH/UFMG, 1989.

\_\_\_\_\_. O Direito da Fala (Violência e Política em Vidas Secas). In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, v. 12, nº 23/24, set. 91/ago.92.

SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e reorganização do espaço**: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte – Ce. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SOUSA, Eusebio de. **Album do Jaguaribe**. Belém: Empresa Graphica Amazonia, 1922.

STUDART, Guilherme Barão de. *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 (ed. Fac-sim. Fortaleza: Typ. Minerva, 1909).

THEOPHILO, Rodolfo. **Variola e Vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. (Fac-simile da edição publicada em 1904).

\_\_\_\_\_. **A Fome. Violação**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Secca do Ceará (1877-1880)**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

\_\_\_\_\_. **A Secca de 1915**. Fortaleza: Moderna, 1919.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In **Projeto História**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. nº 15, São Paulo, 1997.

VEIGA GAETA, Maria Aparecida Junqueira. A Cultura Clerical e a Folia Popular. In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 17, n° 34, 1997.

\_\_\_\_\_. A fala dos lugares perdidos: a cidade do desejo. In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, n° 30, 1995.

VIEIRA, Tanísio. Seca, Disciplina e Urbanização: Fortaleza – 1865/1879. In SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (org). **Seca**. Fortaleza: D. Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano)

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.